

REVISTA DA SEMANA

N. 43 22-10-55 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil



CARLOS LACERDA DECIDIDO A TUDO

"O BRASIL NÃO PODE SER ENTREGUE A CONTRABANDISTAS"

OPERAÇÃO NÚMERO QUATRO

ÊLES DESAFIAM AS GELEIRAS ETERNAS



DE MANHÃ CEDO, MAL DESPERTADOS, OS HOMENS DO CEL. STEPHANIS SE PREPARAM PARA MAIS UMA ARROJADA MISSÃO DE SALVAMENTO.

**Onde o arrôjo e audácia tomam as iniciativas —
Paga-se com a vida o tributo de salvar-vidas — O que é
a mais arrojada equipe de pronto socorro do mundo.**

Texto de LUIZ MENEZES

ERA bem cedo ainda, naquela manhã de 24 de setembro passado, quando o grupo chefiado pelo coronel Stephanis recebeu ordem pelo rádio de rumar imediatamente em azimuth estipulado, para socorrer 24 passageiros de um aparelho da «Rome Airlines» que caiu pela madrugada ao norte dos Alpes Suíços.

Sabia-se que os bem treinados homens da equipe de salva-vidas de Las Diablerets, haviam se exercitado o suficiente naquela semana, para merecerem um repouso bem merecido em Berna. A ordem oficial, no entanto, cortou-lhes a diversão, chamando-os ao cumprimento do dever. No centro do acampamento, como uma silhueta

recortada no gelo, o coronel Stephanis dava ordens e esfregava as mãos. A seu redor uma equipe de 12 homens trabalhava febrilmente, ensacando petrechos, medicamentos e alimentos enlatados. Mas ali, 5 outros ajustavam as correias dos pára-quadras, que iriam ser usados pelos corajosos homens da neve. Só a luz quase extinta de uma fogueira acesa após a chuva de granizo daquela noite, iluminava a cena do acampamento. Um pouco mais afastados, viam-se os três aviões «Piper-cub» que formavam a esquadrilha dos audazes soldados da neve.

Mais alguns preparativos e a ordem do coronel para o embarque. Automatizados, sem esconderem

no rosto o receio de mais uma arrojada missão, os homens dirigiram-se para os aparelhos. Antes de embarcar, lançaram seus fardos em terra e reuniram-se ao redor do coronel para as últimas observações. Puxando da sacola um pequeno mapa da região, iluminou-o o gordo suíço Stephanis. Apontando com um lápis a região demarcada anteriormente, mostrou aos rapazes o local exato onde cairia o avião. Muitos deles num relance compreenderam o quanto lhes poderia custar saltar de pára-quadras numa região inóspita, onde pululavam ursos de grande porte e bravios. Do solo, o local ficava a uns 450 pés, mais ou menos. Subir pelas escarpas das monta-

nhas que circundavam a região seria impraticável. Só um salto técnico, a baixa altura e num lugar preciso, poderia contornar a situação, dada a imperante urgência com que se fazia necessária a presença do grupo entre os possíveis sobreviventes, já que sinais de vida haviam sido observados pelos aparelhos de reconhecimento.

Após balbuciar algumas palavras já conhecidas dos rapazes, o coronel Stephanis, pertencente à Força Pública de Berna, ordenou o embarque com o seu clássico: «quebrem o pescoço» (nunca desejava boa sorte a seus homens, porque acreditava que isso dava azar).

Os motores frios custaram um pouco a esquentar; mas em breve

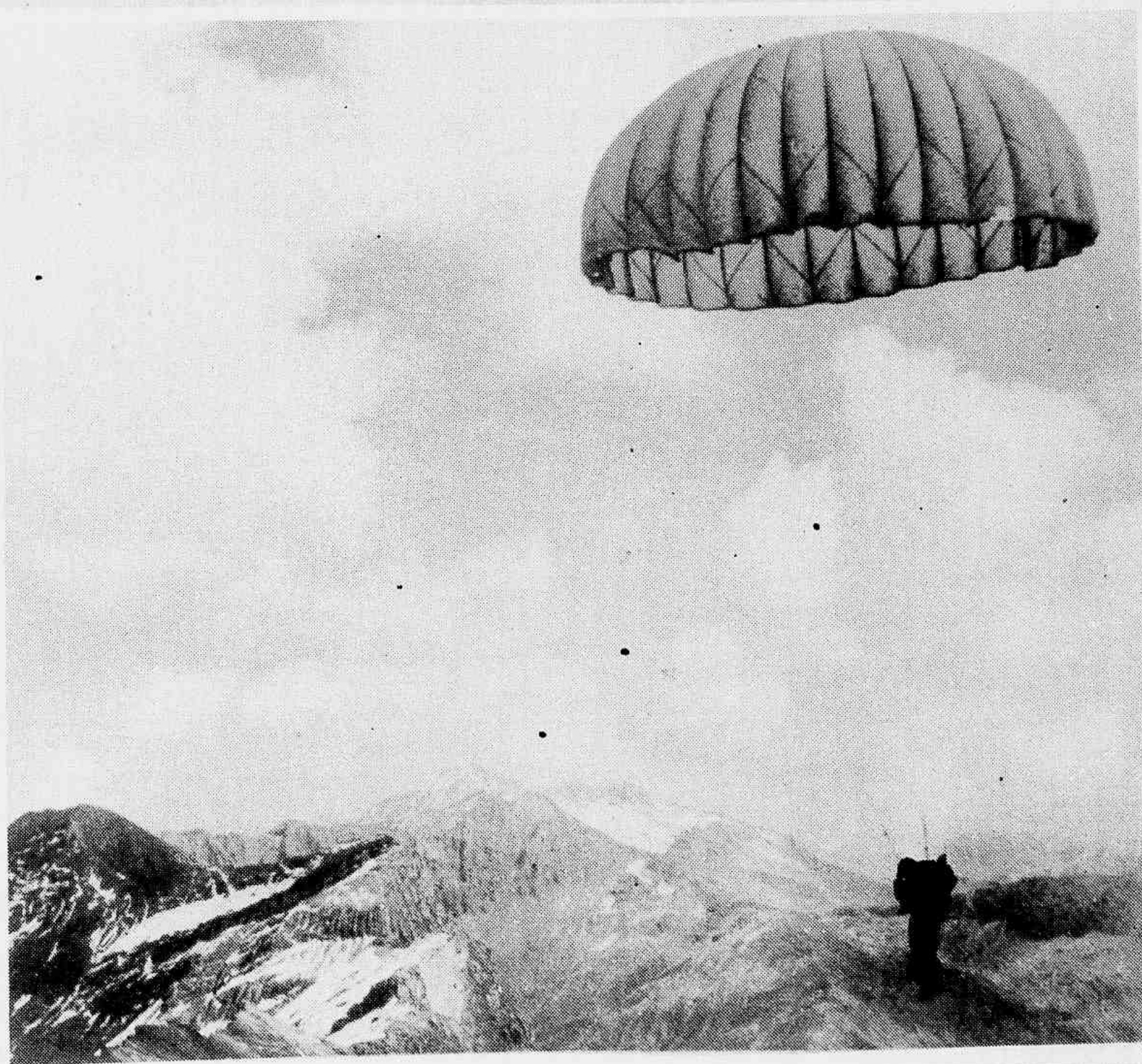
os três minúsculos aviões alçavam vôo, rumo ao desconhecido e ao perigo. Atados pelas fortes correias do pára-quadras, os homens da expedição de socorro comentavam os detalhes da «Operação número Quatro», a mais árdua tarefa delineada para o grupo, em toda a sua existência. Já tinham ouvido falar dessa operação, mas ainda a desconheciam. Fazia 12 anos que trabalhavam no serviço de salvamento de alpinistas, mas nunca haviam ingressado na região «Número Quatro», verdadeiro mundo desconhecido, onde até o gelo parecia ser negro. Ao comentarem, certificavam-se da segurança do equipamento, rebuscavam as armas e os petrechos que iriam precisar. Já em formação, os três aviões alçavam vôo a maior altura, buscando romper a névoa fina e densa que caía. A luz do dia já surgira e tudo parecia tranquilizador para quem observava aquela raiar da aurora. Só a impressão má da tarefa a cumprir parecia quebrar a monotonia daquele passeio, inolvidável para quem dele partilhasse em outras circunstâncias. Claramente um dos rapazes comentou: — «Será que essa gente vai nos esperar ainda viva?» Um rápido sorriso aflorou aos lábios dos circunstantes, que mais por compaixão do que por vontade, riram da «piada» do amigo. Do avião da frente vinham as ordens pelo rádio. O coronel parecia um tanto intranquilo, mas sôbriamente comandava. No outro avião da direita, guardava-se um silêncio incômodo, fitando os 4 homens que nele viajavam, os píncaros do algodão dos Alpes suíços. Ultrapassada a grossa camada de gelo que forma a cadeia de montanhas dos Alpes, nossos heróis divisaram um vasto tapete verde que parecia ter sido colocado naquele instante ao sopé da montanha vizinha. O avião levantou o bico e tomou mais altura. Imediatamente a voz do coronel penetrou no interior da cabine, comandando: — «Atenção, meninos!» Lá na frente está nosso objetivo. Estudei a temperatura, o vento e as condições de lançamento. Terão de sair muito rápido, porque o espaço de lançamento é curto».

Um silêncio sepulcral invadiu o avião. Só o ronco surdo e abafado do motor cortava o ar. Uma luz vermelha acendeu-se à frente do avião capitânea. Era o sinal de emergência. Zona de lançamento pronta. Após uma rápida série de palavras técnicas, foi dada a ordem de saltar. Um a um, os corajosos salva-vidas atiravam-se no ar, com arrôjo e perícia, a intervalos de alguns segundos. Num rápido espaço de tempo, o céu pintou-se de 12 pára-quadras. Todos abertos. A rápida descida parecia interminável. Numa espécie de buraco



NÃO É FÁCIL VOAR ENTRE OS CUMES GELADOS DOS ALPES. ANTES, OS AVIÕES SÃO TESTADOS.

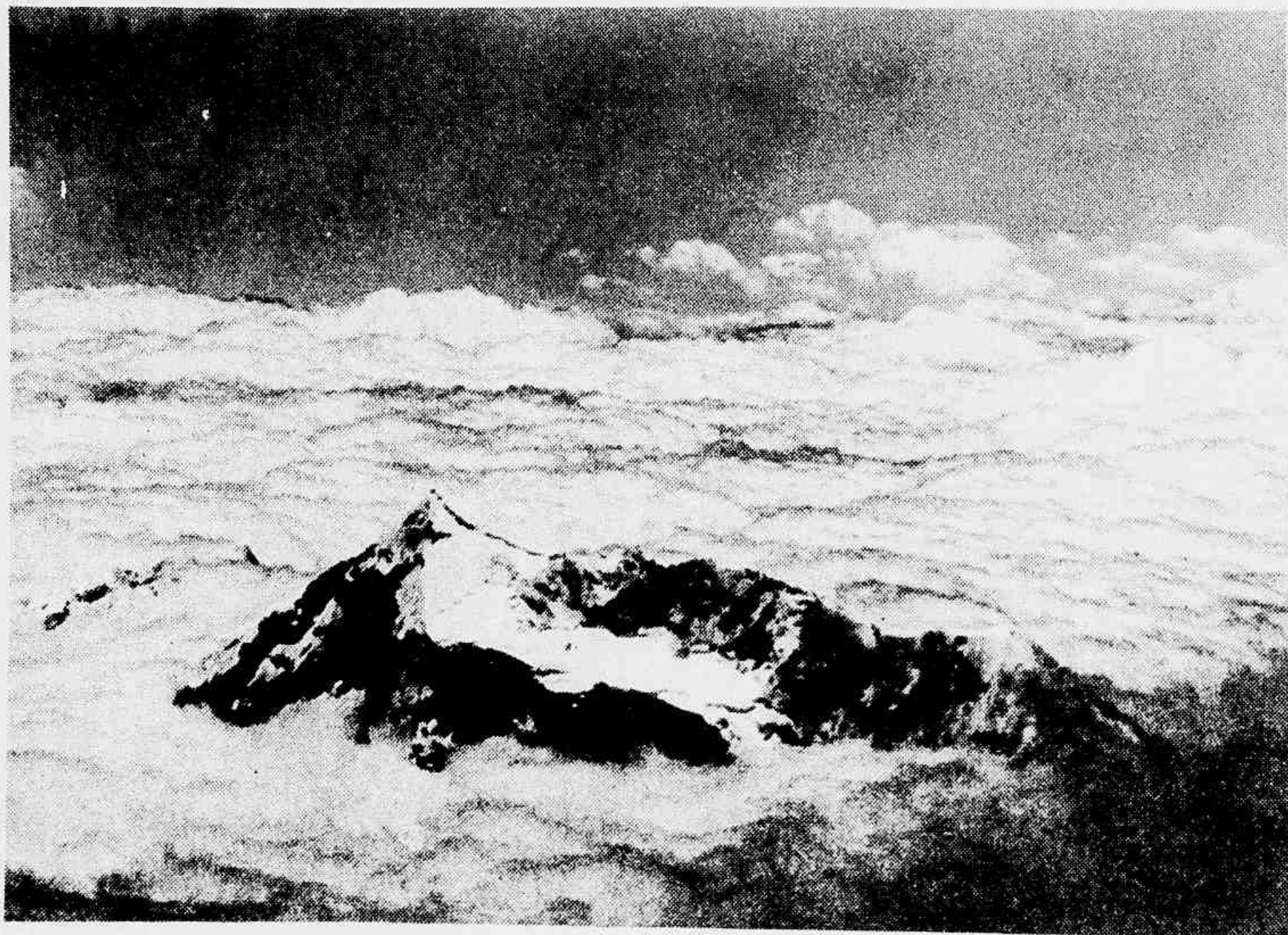
COMO UMA FLOR, O PÁRA-QUEDAS ABATE-SE SOBRE O ALVO. QUALQUER ERRO, MORTE CERTA.



O NÚMERO QUATRO



JÁ EM TERRA, É PRECISO TRANSPOR O OBSTÁCULO: MONTANHA ENORME QUE JAZ A SUA FRENTE. TODOS APRESTAM-SE PARA A ESCALADA.



AS NEVES ETERNAS GUARDAM, SOB SUA APARENTE TRANQUILIDADE, AS MARCAS DE TRAGÉDIAS.

cavado na rocha, o primeiro a tocar o chão viu a fuselagem do DC-3 sinistrado. Reuniram-se imediatamente. Todos haviam chegado ao solo bem. Desembrulharam os fardos e começaram a subida da escarpa de 20 metros, onde no alto se achava o Douglas embicado. Na subida, aconteceu como se fôra um raio. Um dos homens escapuliu o pé, resvalou, e caiu no abismo que ficava abaixo, soltando um grito lancinante. Seus colegas puderam conter a ascensão perigosíssima por alguns segundos, escondendo a cabeça em baixo do braço e fechando os olhos para não acompanhar com as vistas o que ouviam. Era Joe, robusto rapaz de 22 anos. Deixara a noiva em Berna, e lhe prometera que da próxima vez que lhe visitasse, levaria uma pele de urso branco. Foi logo identificado, porque pendurada na escarpa balouçava a pele do urso branco que levava consigo para agasalhar-se.

Mais uma hora de penosa subida, e um a um, os homens do coronel Stephanis, foram galgando a zona desejada. Os que primeiro chegavam ao alto, estabeleciam as fortificações para os demais, e cor-

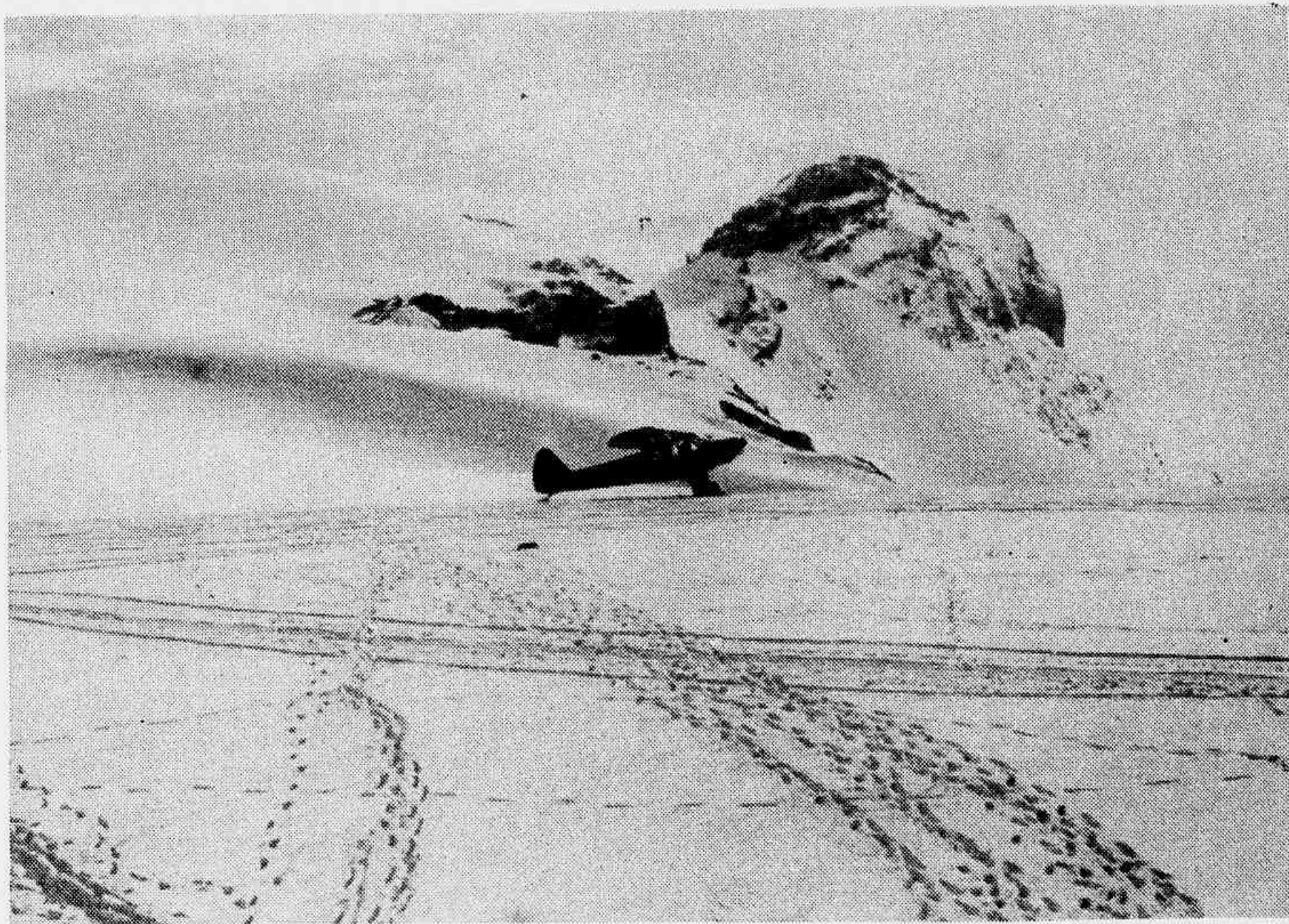


OS SOBREVIVENTES DO DESASTRE AÉREO SÃO REMOVIDOS. ESSE, GRAVEMENTE FERIDO, ESTÁ SENDO PÔSTO NA MACA.

riam em direção aos escombros do aparelho. Lá encontraram dois sobreviventes. Estavam gravemente feridos. Os demais 22 estavam mortos. Após curativos imediatos iniciaram a não menos árdua tarefa de descida. E quando a executavam, pensavam no lucro adquirido na missão. Vir socorrer dois seres humanos moribundos, e perder um amigo vigoroso. Valera a pena ganhar uma vida quase extinta? Sim; porque se havia dois vivos, aumentara também o saldo de mortos para 23. Porque não deixar que o segundo também morresse? E o que iam enfrentar nesses próximos dois dias, descendo agora a montanha toda para conseguir o planalto onde os aparelhos aterrariam? Mas a coragem daqueles indomáveis, permitiu-lhes salvar aquelas duas preciosas vidas, trazendo ainda consigo o cadáver do companheiro que jazia esfaqueado no fundo do despenhadeiro. Era a missão cumprida.

Ao fitá-los, o coronel Stephanis só pôde dizer-lhes com a voz embargada:

— «Não quebraram o pescoço?»



MISSÃO CUMPRIDA. O PEQUENO AVIÃO TOMA O CAMINHO DA BASE. UMA BAIXA A LAMENTAR.

RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS



Senhorita Nila Fernandes, do Orfeão Português do Rio de Janeiro.



Senhorita Maria da Conceição Queiroz, do Centro Tramontano de São Paulo.

prestaram seu apoio à nossa iniciativa, inscrevendo candidatas, cujas fotografias já começam a aparecer.

PRIMEIRAS FOTOS — Agora, por exemplo, acabam de chegar à Redação da REVISTA DA SEMANA as fotografias de duas das primeiras candidatas ao título de Rainha. Trata-se das senhoritas Nila Fernandes, representante do Orfeão Português do Rio de Janeiro, Maria da Conceição Queiroz, do Centro Tramontano de São Paulo. Como podem facilmente averiguar nossos leitores, pelas fotos, são duas concorrentes de reais possibilidades, desde já fortes aspirantes ao honroso título de Rainha das Associações Portuguesas do Brasil.

MANDEM FOTOGRAFIAS — REVISTA DA SEMANA divulgará flagrantes fotográficos das candidatas de todo o país. Queiram as interessadas remetê-los para nossa Redação, — rua Maranguape, 15, Rio de Janeiro, — se possível, em dimensões nunca inferiores a 13 x 18 centímetros. Todos os domingos, às 19,05 horas, no programa «Revista de Portugal», da Rádio Globo, nosso companheiro Celestino Silveira divulga as instruções do certame. E a «Voz de Portugal», semanalmente, orienta seus leitores e os interessados, em geral, pelas suas colunas, com farto noticiário.

VEM DESPERTANDO grande interesse, não só no Rio, como nos mais afastados recantos do país, o grande Concurso instituído pela REVISTA DA SEMANA, «Voz de Portugal» e pela «Rádio Globo», através de seu programa «Revista de Portugal», para selecionar a

Rainha das Associações Portuguesas do Brasil. Destituído de qualquer finalidade que não seja unicamente o estreitamento, mais e mais amistoso, das relações existentes entre Brasil e Portugal, visa tão somente escolher uma representante da beleza luso-brasileira, que

nessa qualidade visitará a terra de seus ascendentes, demorando-se em Lisboa, no Porto e em outras cidades por tempo aproximadamente de um mês. Até agora, cerca de dezena e meia de associações portuguesas do Rio de Janeiro, e quase uma dezena de São Paulo,

AS BASES

● NO DIA 31 DE DEZEMBRO, no transcorrer do tradicional «Reveillon», as diversas Associações Portuguesas do Rio de Janeiro e dos vários Estados apresentarão cada qual sua candidata ao cobiçado título de Rainha das Associações Portuguesas do Brasil. A 22 de janeiro, uma Comissão Julgadora composta de ilustres personalidades brasileiras e portuguesas efetuará uma prova eliminatória com as várias candidatas, selecionando aquelas que lhes parecerem as mais belas. No dia 29 de janeiro, afinal, será dado à publicidade o resultado final do concurso, com a proclamação da Rainha das Associações Portuguesas do Brasil.

● OS PRÊMIOS — Como já é do conhecimento de todos, o principal prêmio do grandioso concurso é uma viagem a Por-

tugal, com passagem de ida e volta para a Rainha e uma acompanhante, e mais a estada, por um mês, no luxuoso Hotel Tivoli, um dos melhores de Lisboa, cuja situação, no próprio coração da cidade, na Avenida da Liberdade, atraem para seu seio o quase total do número das celebridades de passagem por Lisboa.

Outros prêmios, porém, em jóias, em dinheiro, em vestuários, foram já ofertados, e outros mais certamente surgirão. Todas essas recompensas fazem desse Concurso um dos mais atraentes jamais realizados no Brasil, e justificam a imensa acolhida que vem tendo em todos os recantos de nossa terra, onde exista pelo menos uma bela descendente de lusitanos. Cumpre acrescentar que a partida para Lisboa dar-se-á nos princípios da primavera do próximo ano de 1956.

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira

ASSISTENTE... José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinícius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Darel e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Eles desafiavam as neves eternas.....	2/5
O Brasil não pode ser entregue	8/10
Viver é o mais importante	12/13
Guilherme de Almeida	14/15
Queda de Perón	16/17
Tóquio 1955	20/23
Lisboa — dos bairros antigos	28/29
O preço de cada Presidente	39/41
Briga de comadres no Maracanã?	42/43
Quanto custa uma carteira	48/50

SEÇÕES

Champanhota	11
Artes	18
Flash Paulista	19
Música	24
Tv na Revista	25
Femininas	30/31
Palavras Cruzadas	32
Por esse mundo de Deus	34/35
Puxe pelo Cérebro	36
Literária	37
Astrológica	38
Cinema e Teatro	45
Revista há 50 anos	46
Figura em foco (Iracema de Alencar) ..	51
Fortuna	54/55

LITERATURA

Uma praga (A. Nery)	7
Amanhã o sol voltará	26/27
O beijo de El Diablo	52/53

CAPA

Debbie Reynolds



Desenho de MARIA TEREZA

UMA PRAGA

A MEU ver não há nada mais antipático e mais desagradável do que a mulher que resolve escolher a profissão de intelectual! É a ocupação mais perigosa e inadequada para ela e é a que causa maiores estragos nas suas relações humanas! A mulher que se determina exclusivamente intelectual fica acintosa, agressiva, se envolve numa atmosfera de uma superioridade ridícula e passa a desprezar como inúteis, tôdas as coisas simples e verdadeiras da vida, inaugurando nas conversas e nos hábitos um certo ar de técnica do pensamento e da sensibilidade. Deus me livre do contato com aquelas que se ufanam da sua qualidade de intelectuais! As mais convictas da «profissão», entendem que a vaidade encantadora no vestir deve ser abandonada pois, um cérebro especial não pode perder tempo com futilidades desta ordem. Outras relaxam coisa mais séria. Desatendem a sua missão de esposas, de companheiras, e de mães como se essas magníficas qualidades não tivessem um largo e precioso conteúdo de grandeza intelectual suficiente para elevar e aprimorar o espírito muito mais do que várias bibliotecas!

● Tudo que diz respeito ao entendimento é intelecto. Nada se processa sem ele. Desde o sapateiro ao escritor, quando as mãos se movem, há um perfeito acôrdo intelectual com a função que executam. O imprescindível é possuir uma aguda sensibilidade e isto não se encontra nas estantes das livrarias. Um sapateiro pode fazer um sapato. Mas um sapateiro com sensibilidade e pendoros artísticos faz de um sapato uma coisa acima de um simples sapato. Dá ao objeto linhas harmoniosas, graciosas, finura e leveza. Liga o sapato à

idéia de um pé de contornos perfeitos! Assim também um escritor. Ele poderá escrever um livro. Mas se não tiver uma soma especial de sensibilidade no que escreve o livro não passa de um monte de papel cheio de palavras deslocadas e superficiais. É um fazedor de livros e nunca um escritor. Todos somos intelectuais e essa história das mulheres se considerarem fabulosas porque escrevem obras dellynnianas, é uma praga que precisamos combater.

● Tenho um enorme cansaço e mesmo uma dolorosa vergonha ao ouvir uma «profissional da pena» falar sobre o valor da sua literatura, embriagar-se com o ridículo do auto elogio, não ouvir a opinião de ninguém senão a sua própria e afastar tôdas as presenças para que unicamente a sua fique em primeiro plano. Demonstram apenas a sua profunda ignorância da vida. Desconhecem a maravilha do mundo para existirem somente no seu mundo limitado, frágil e inconsistente! Pode ser que eu esteja enganada e que seja mesmo uma anormal porém, quando estou com pessoas conhecidas e noto que procuram intelectualizar os assuntos simples e naturais da vida para serem agradáveis ou para se fazerem agradáveis a vontade que tenho é sair para as ruas e procurar alguém que me ensine algo aproveitável, mesmo vindo de um analfabeto! Tenho horror às mulheres que se instalam no rol de intelectuais!

**Falam o coronel
Adil de Oliveira
e Carlos Lacerda à
REVISTA DA SEMANA
sobre a acusação
de Francisco Malfussi:**

"O BRASIL NÃO TRABANDISTAS



CORONEL ADIL

— Eles são homens sem moral, indignos e, sem ter mais nada o que fazer, querem atirar lama em pessoas honradas.



CARLOS LACERDA

— Não sei como, temos porém que evitar que a oligarquia Vargas volte ao poder para legarmos algo de bom a nossos filhos.

— "É o desespero de causa — afirma o coronel Adil. — Estou sendo vítima de uma infâmia." — E o caso da "Carta Brandi" faz evocar episódio histórico, semelhante (em parte), durante a candidatura Arthur Bernardes.

Reportagem de DEMOSTHENES VARELA

— «Eu gostaria que as autoridades perguntassem a êsse tal Malfussi quem foi que o mandou declarar-se autor da carta. Na minha opinião, o Brasil não pode ser entregue a contrabandistas eleitos pela minoria, pelos votos dos «currais eleitorais».

Interpelado pela REVISTA DA SEMANA, assim respondeu Carlos Lacerda horas depois de Francisco Fernando Malfussi ter desembarcado no Galeão, prêso e algemado ao emissário especial do general Maurell Filho. A prisão dera-

se em Uruguiana e a viagem daí ao Rio fêz-se em avião comercial da Varig..

Mas as palavras de Lacerda foram adiante: — «Não sei como, temos porém que evitar que a oligarquia Vargas volte ao poder para podermos legar algo de bom aos nossos filhos».

Essas declarações foram feitas pelo deputado e jornalista, em sua residência de Toneleros. Uma vez obtidas, rumávamos para o Ministério da Aeronáutica. E ali, no oitavo andar, ouvíamos do coronel Adil de Oliveira, o seguinte:

— «É o desespero de causa. Estou sendo vítima de uma infâmia de contrabandistas de fronteiras, que desejam vingança. Mas, no devido tempo, terá o povo as provas de seus crimes. Eles são homens sem moral, indignos e, sem ter mais nada para fazer, querem atirar lama em pessoas honradas».

Com essas declarações, Carlos Lacerda e o coronel Adil de Oliveira repeliram a acusação que lhes fôra feita por Francisco Fernando Malfussi, de terem sido, ambos, e ainda de combi-

PODE SER ENTREGUE A CON- ELEITOS PELA MINORIA"

declara o deputado-jornalista

nação com uma terceira personagem (civil) cujo nome não foi divulgado, os mandatários da carta divulgada aqui no Rio e que teria sido escrita pelo ex-deputado argentino Brandi a João Goulart. A divulgação desse documento determinou o embarque imediato do general Maurell Filho, com destino ao sul. E até serem redigidas estas linhas, não havia s. ex. regressado ao Rio, voltando a Buenos Aires para novas sindicâncias.

● A CARTA E A REPETIÇÃO DE UM FATO HISTÓRICO

Pela segunda vez uma carta agita e tenta

conturbar o país. Uma carta de sentido político. A primeira vez ocorreu durante a candidatura Artur Bernardes, quando a oposição divulgou um documento que teria sido escrito de próprio punho por aquele homem público e considerado insultuoso ao Exército. O caso teve ruidosa repercussão, provocou a vinda ao nosso país de peritos e calígrafos, a serviço dos dois partidos, para, afinal, nada se esclarecer, de vez que cada perito assumiu a responsabilidade por um parecer favorável à respectiva causa. E assim, enquanto os elementos do governo comprovavam, à saciedade, a falsidade da carta de Bernardes humilhante ao Exército, os da oposi-

ção testemunhavam precisamente o contrário. Enquanto Bernardes era reconhecido, empossado e governava quatro anos... sob estado de sítio. Depois a carta, falsa ou verdadeira, caiu no olvido.

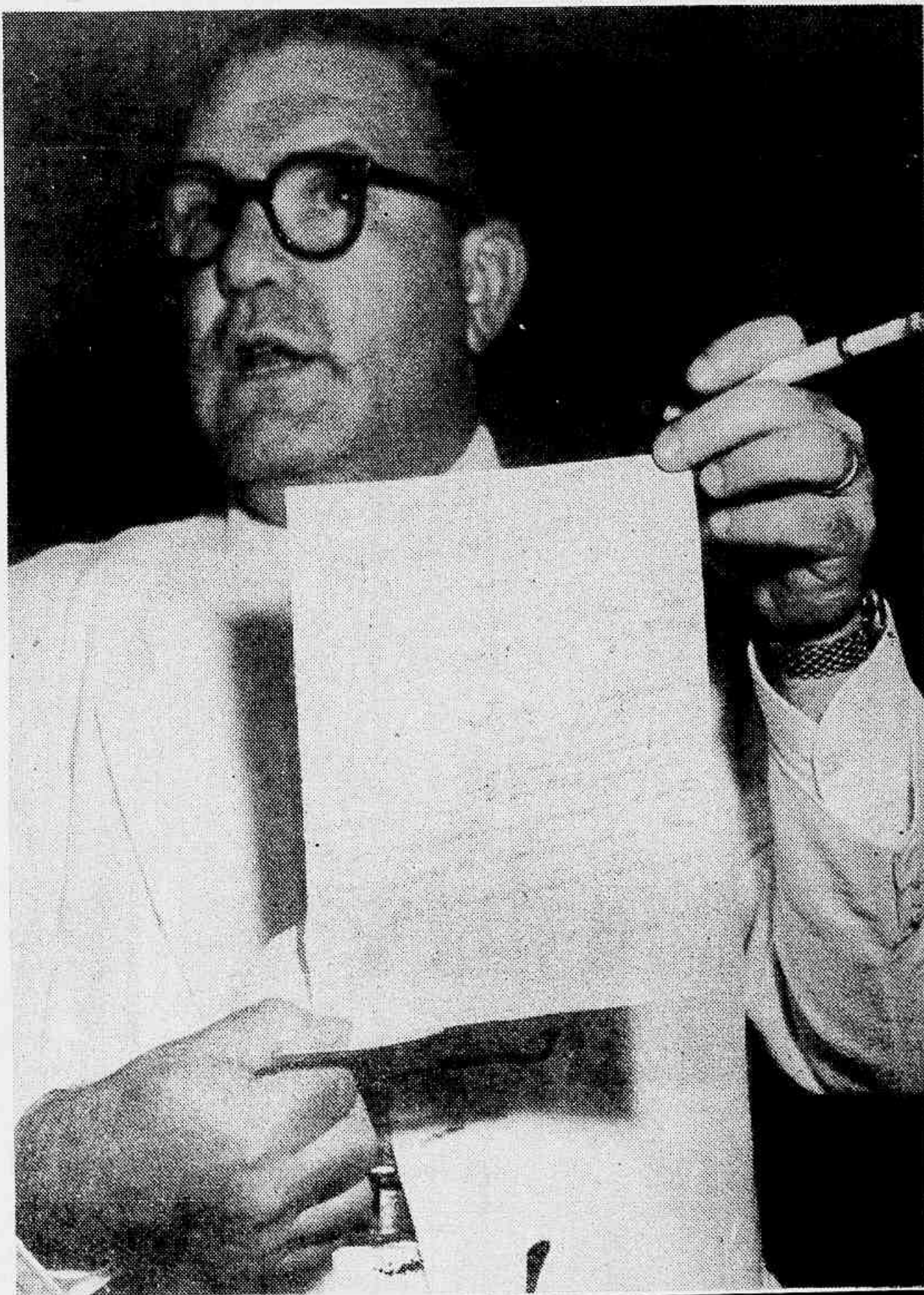
Que desfecho terá a repetição desse episódio, registado também no aceso de uma campanha presidencial? Certamente que os tempos são outros, as autoridades não querem deixar o caso em suspenso e irão ao cabo testar a verdade.

Enquanto Malfussi era prêso em Uruguaiana e cambiado, sob incomunicabilidade, ao Rio,



JOÃO GOULART

Para ele, a carta é falsa. Não conheceu, sequer, o ex-deputado Brandi. Não tem nenhuma ligação com ele. Tudo é mentira — diz.



IRIS VALS

O prefeito da cidade de Uruguaiana exibindo uma carta do general Azambuja Brilhante, também nega a autenticidade da carta.

"EU GOSTARIA DE SABER QUEM MANDOU MALFUSSI DECLARAR-SE AUTOR DA CARTA."

onde foi recolhido ao 1º Batalhão de Polícia do Exército, à disposição do general Maurell Filho, encarregado do inquérito, o mesmo acontecia, aqui no Rio, com o argentino Alberto de Mestre Cordero, detido em Copacabana.

Ainda em Uruguiana, por duas vezes também João Goulart fez declarações ao general Maurell Filho, em as quais refuga, terminantemente, qualquer autenticidade da «Carta Brandi» e negando, inclusive, conhecer o ex-deputado portenho. Outro tanto fez Brandi na Argentina, quando, em Corrientes, foi visitado pelo general.

Está a questão nesse pé, quando escrevemos: Negativas formais de ambas as partes e acusações recíprocas. Enquanto Malfussi afirma ter recebido de Lacerda e do coronel Adil a incumbência de falsificar a carta, aqui no Rio os dois acusados prontificaram-se a desmarcar Malfussi, proclamando que ele estaria a serviço encoberto de terceiros que estariam, assim, encontrando um pretexto para se desforrarem da atitude assumida pelo coronel Adil e por Carlos

Lacerda, durante o rumoroso inquérito do Galeão.

● E O TIROTEIO EM SÃO BORJA?

Outra incógnita permanece, quanto ao ocorrido dias atrás, em São Borja, onde um automóvel, ao dar entrada na fazenda de João Goulart, teria sido atacado pelos ocupantes de outro carro. Daí, o travar-se cerrado tiroteio, fugindo o primeiro carro, sem ficar apurado se algum de seus passageiros fôra alvejado. Novamente as opiniões dividem-se: Foi, realmente, um ataque visando a pessoa de Jango, proclamam os seus adeptos. E desde a véspera estaria ele prevenido, aqui do Rio, razão porque evitara apresentar-se em público no dia marcado para o ataque. Por outro lado, foi dito e mantido que tudo não passaria de uma explosão de arrebatamento por parte de um grupo de simpatizantes de Jango, por motivo da sua superioridade nas apurações eleitorais. E os tiros não seriam mais que um costume antigo nos pampas, de atirar para o ar, quando há motivo de satisfação...

Ainda a «Carta Brandi», que promete dar assunto por muitos e muitos dias: Já Fernando Malfussi estava no Rio, quando o general Amaury Kruehl enviou ao Ministro da Guerra um radiograma informando que «não viu nem teve o menor contacto com Fernando Malfussi». Sua ação limitou-se a determinar a prisão incommunicável desse cidadão e a mandá-lo para o Rio.

Sendo assim, Malfussi não teria confessado ao general Kruehl, como a princípio fôra noticiado, a autoria da carta.

E o ambiente continua em grande expectativa. O regresso do general Maurell Filho, da sua segunda visita a Buenos Aires, poderá esclarecer o rumoroso caso, com algumas provas dali trazidas, ou depois de ter s. ex. ouvido Antonio Mestre Cordero e Francisco Malfussi. Quando voltamos a ouvir Carlos Lacerda, em seu apartamento, o encontramos acamado, ligeiramente enfêrmo, mas disposto a provar, por conta própria, a autenticidade da carta, caso não o façam as autoridades do Exército a quem a apuração do assunto foi confiada.



GENERAL MAURELL FILHO

Quando embarcava para Buenos Aires, disposto a apurar o que de verdade existe no rumoroso caso que vem abalando a nação,



FRANCISCO FERNANDO MALFUSSI

Quando desembarcava no Galeão, algemado, e sustentando que foi o autor da carta encomendada por Carlos Lacerda e o cel. Adil.

AMÁLIA RODRIGUES ESTREOU NO COPACABANA. — AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS SÃO O ASSUNTO DA SEMANA.

De um modo geral, o assunto social ramifica-se por todos os setores. Já surpreendi políticos, reunidos em sessão seríssima, falando de crônica social, com conhecimento de leitor diário: já ouvi em lotações e ônibus conversas de passageiros sobre os próprios cronistas em suas vidas íntimas. Comentários estes nem sempre justos e elogiosos. Mas, o fato é que, desta vez, a crônica social sofreu a sua invasão. A eleição presidencial tornou-se assunto obrigatório para nós. É o assunto de todas as conversas e ansiedades. Nos bares, botequins, «boites» e «tendinhas», só se fala em suposição e todo o povo, de lápis e papel, faz contas que são de somar pelo favorito e de subtrair pelo adversário. Pela vez primeira, cachaça e uísque animam o mesmo tema. Dom Pedro de Orleans e Bragança, bisneto de Pedro I e herdeiro presuntivo do trono brasileiro, num belo gesto de compreensão dos tempos que atravessamos, presidiu uma das mesas coletoras em Petrópolis, numa eleição republicana. A sra. Ruth de Almeida Prado enfrentou a chuva e o frio para exercer o seu direito de voto e vai à cidade das serras. O sr. e sra. Roberto Suplicy deslocam-se de São Paulo para vir votar no Rio, onde se demoram até a estréia de Amália Rodrigues no Copacabana. Mas, isto é outro assunto. Vamos a êle.

Numa belíssima noite de gala, o Golden-Room ficou completamente lotado de pessoas que compareceram para ver e ouvir Amália Rodrigues, em favor da Campanha de Recuperação do Menor. Naquela mesma noite, dois grandes acontecimentos (ambos de «black tie») haviam movimentado a sociedade carioca: a recepção na Embaixada da Grã-Bretanha e a segunda récita de gala do «ballet» no Municipal. O Golden-Room sofreu uma verdadeira enchente.

A revista «Chuvisco», na Hípica, promoveu uma festa com jantar, baile e «show» em favor da Sociedade Pestalozzi do Brasil, sob o patrocínio de honra da sra. Carlos Eduardo de Souza Campos e tendo por «patronesses» as srts. Gilda Joppert da Silva, Vera Maria, Pereira, Kari Oellers, Giovana d'Ajeta, Irene Dellingshausen, Adir Soaldi, Iolanda Dutra, Eliana Santos Carvalho, Eliana Moura, Vera Dias de Souza. O acontecimento marcou mais um tento para a revista da nova geração.

Como acontece todos os anos, o cabeleireiro Gaúcho está organizando a sua festa de cujos resultados financeiros servirão para os presentes de Natal dos pobres. Serão «patronesses» as srts. Jandira Café Filho, Alzira Mayrink Veiga, Elza Correa, Elizabeth Freitas, Armandinho Belham, Ana Lúcia Valadares, Laís Carneiro, Sônia Dutra, Ticiane Saboia e Celina Novais.

No dia 12 de outubro foi inaugurado o segundo Salão de Antiquários e Decoradores, empreendimento que tem custado grande esforço de seus participantes, no sentido de apresentar a melhor exposição possível. Ano passado, o

público recebeu a mostra com entusiasmo que foi traduzido por 2.000 visitas e elogios pela imprensa. Temos certeza de que este ano, no Copacabana, o acontecimento será um segundo sucesso.

O sr. Maximiano Bagdócimo entrou para o rol dos balzaquianos. Comemorou o trigésimo aniversário de sua maneira quieta.

Para os princípios de novembro, dia 5, a Bangu está preparando um grande desfile para a escolha da representante do Flamengo ao cobrado título de «Miss Bangu de 1955».

O Embaixador da Espanha e a sra. Suñer convidaram para a recepção comemorativa do Descobrimento da América. A residência assistiu à condecoração de senhoras brasileiras.

O grande público que lotava a platéia da Academia de Música Lorenzo Fernandez aplaudiu com entusiasmo a diplomanda Josefina Fraga, aluna da sra. Dila Josetti.

Todos aqueles que torcem pela volta de Araci de Almeida para a noite carioca podem começar a se alegrar. A grande intérprete do samba entrou em desacórdio com a direção da «boite» «Golden-Gate», em São Paulo. Pode ser que volte.

O público carioca está ansioso para ouvir Danny Dauberson no «Night and Day». A exce-

FIGURA DA SEMANA



A senhora Ivonne Monteiro

Acredito que poucos sejam os cronistas sociais que escrevem com correção o primeiro nome da Senhora que nos inspirou a «figura desta semana», mas, todos concordam que ela é uma das pessoas de mais «charme» do Rio. É difícil e fácil escrever sobre ela. Fácil porque ela detém um excepcional número de ótimas qualidades e difícil porque a enumeração delas parecerá exagero. Não faz mal, correremos o risco mas não negaremos justiça à bonita, elegantíssima (por duas vezes vem figurando na lista de Jacinto de Thormes) e viajada sra. Ivonne Monteiro. Casada com o simpático sr. Joel Monteiro, divide o seu tempo com a casa e os afazeres sociais, ela que é das pessoas que frequentam com mais assiduidade e decisão, sempre com o ar mais descansado deste mundo, atendendo a reuniões de senhoras, «cocktails» e jantares, sempre patrocinando acontecimentos sociais de caráter filantrópico. Por diversas vezes convidada para falar em programas de rádio e televisão, sua conversa e as coisas que conta despertaram sempre atenção e interesse, pela originalidade de observar os fatos e de narrá-los. Por todas as suas qualidades positivas, ressaltadas por sua elegância e grande simpatia ela merecia não ser a figura desta semana, mas de todo o ano.

lente cantora francesa está alcançando um formidável resultado na «boite» paulista.

O sr. Roberto Seabra foi visto numa «boite» paulista, muito satisfeito com o resultado do leilão de potros da sua criação.



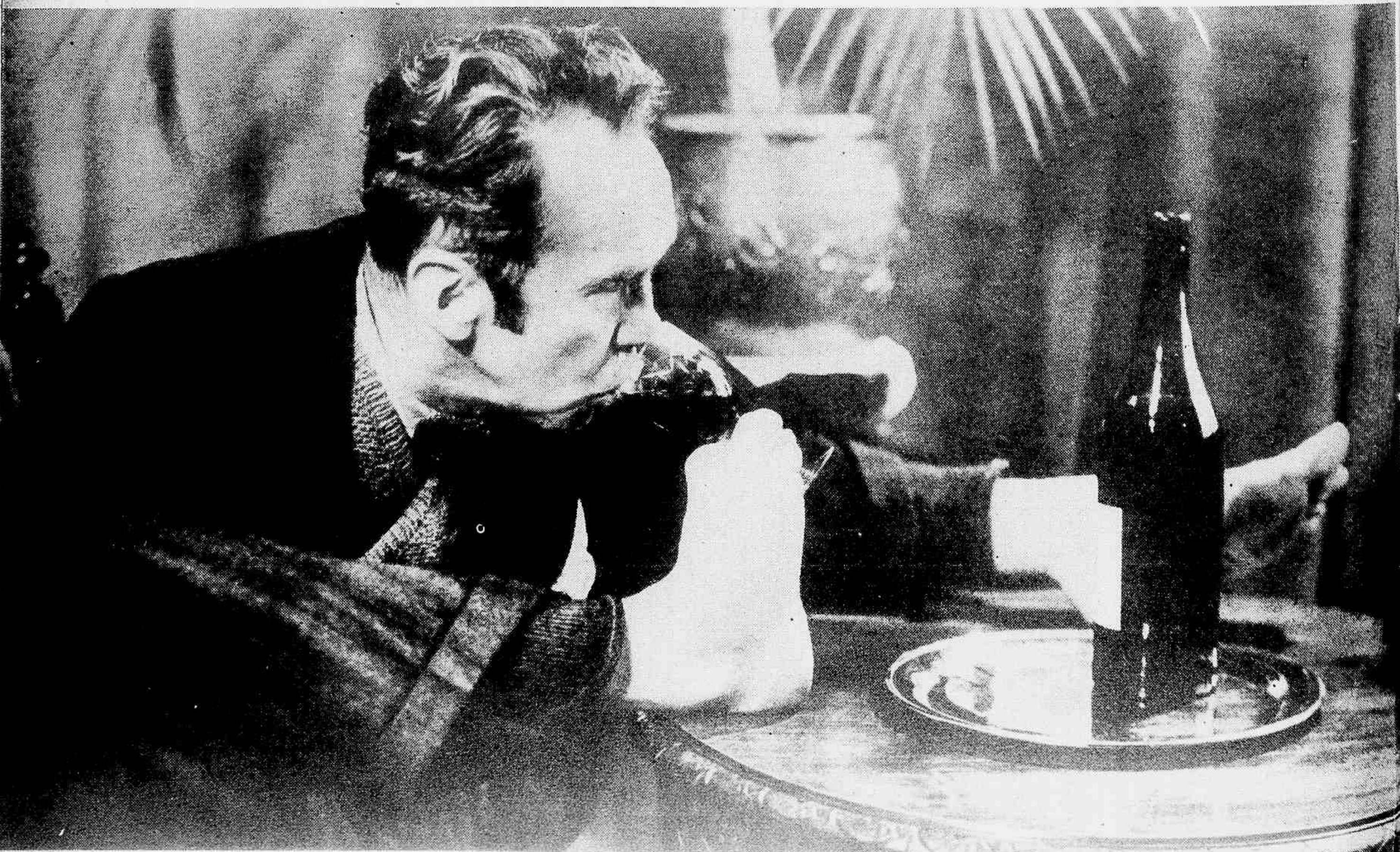
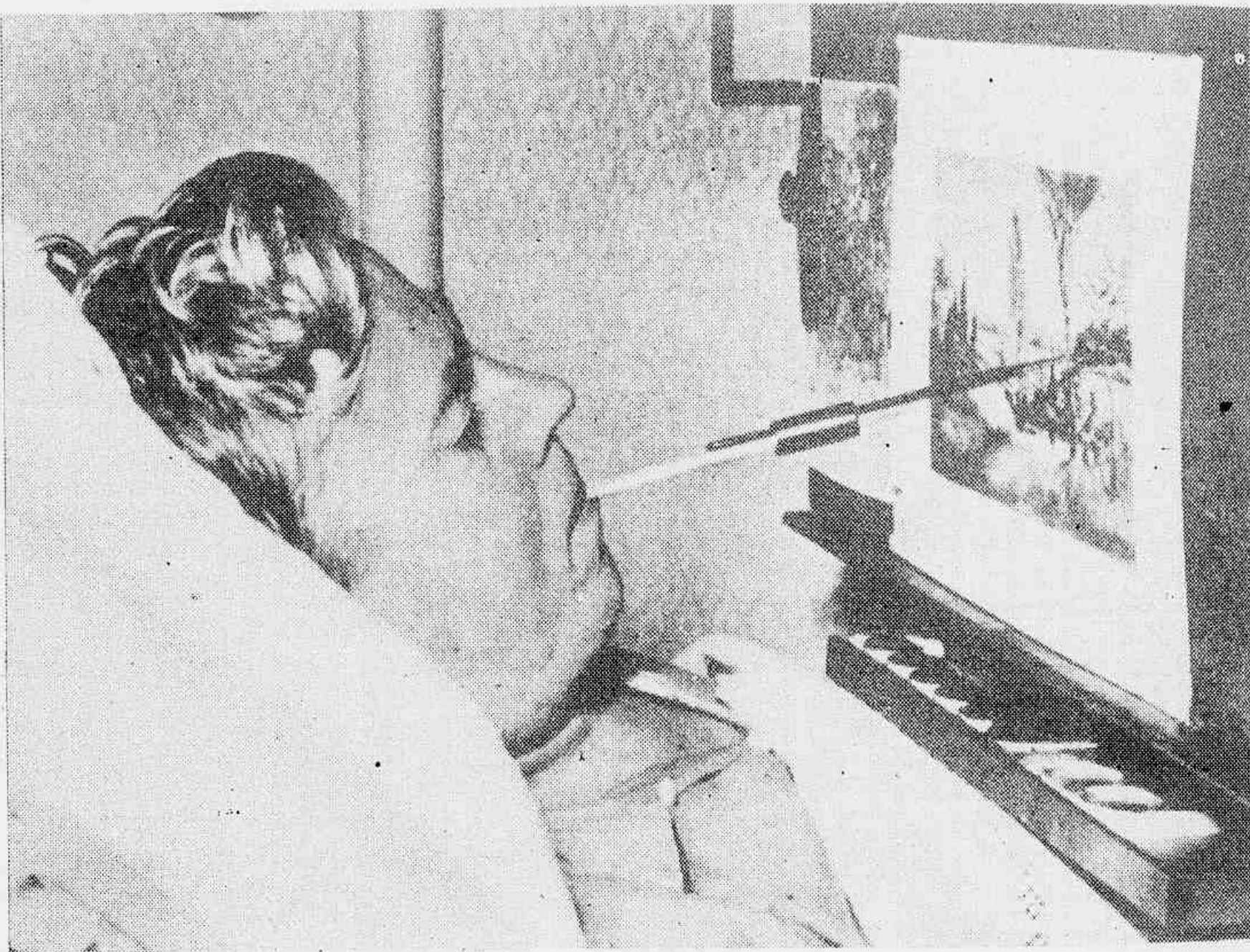
Aspetto do casamento do sr. e sra. Benjo Harbib, vendo-se a sra. Joaquim Xavier da Silveira, Dom João de Orleans e Bragança, sr. Murilo Gondim, sra. Vasco Pezzi, sra. Adelaide Castro e sra. Irene Guinle.

VIVER É MAIS IMPORTANTE



EMBORA DESTITUÍDOS de mãos, êsses homens amam a pintura e sabem que a força de vontade vence todos os obstáculos. Assim, aprenderam pacientemente a manejar, com a boca ou com os pés, os pincéis sobre as telas. Seus trabalhos vêm atraindo a atenção dos colecionadores, e, reproduzidos em cartolina, são muito vendidos hoje em dia. E não é por piedade que os adquirem.

Uma associação de pintores mutilados, exemplo de tenacidade e de fraternidade ★ Erich Stegmann, de 42 anos, natural de Mônaco, é o idealizador e presidente da agremiação, que não possui sede ★ A força de vontade vencendo a fatalidade





OITO PINTORES espalhados por toda a Europa fundaram uma associação, onde possam viver à vontade e mutuamente auxiliar-se na luta pela vida. A particularidade reside no fato de nenhum deles possuir os membros superiores, pintando com o auxílio da boca ou dos pés. Dois holandeses, um sueco, um suíço, um austriaco, dois franceses e o próprio idealizador da sociedade, um monaquense de nome Stegmann, compõem-na até agora. Não há sede social, cada membro residindo em sua própria cidade de origem. A união é perfeita. Um exemplo a ser seguido no mundo inteiro.





GUILHERME E A «BANDEIRA DE TREZE LISTRAS» QUE LHE INSPIROU TANTOS VERSOS.

GUILHERME DE ALMEIDA é um poeta e um escritor, todos sabem, e o povo paulista, noutros tempos, aclamou-o como «O Poeta da Revolução». Mas este campineiro é, sobretudo, humanista, na melhor acepção do termo e definição dos dicionários. Discorre com a maior naturalidade sobre a literatura clássica e a filosofia grega e latina, o saber vastíssimo dos mandarins da velha China e as virtudes das gueichas japonesas que cultivam, em alto grau, a ciência floral, a música e a poesia.

Já teve (consequência de sua admiração pelo Extremo Oriente) uma cachorrinha pequinesa, legítima descendente dos cachorros tibetanos que há milhares de anos cruzaram com os gatos e que os mandarins chamavam «Fô» e conservam nos jardins do Palácio Imperial de Pequim. Essa cachorrinha, talvez por causa da natural esportividade dos ingleses, que primeiro trouxeram para o ocidente os cães-gatos, jogava futebol com uma classe extraordinária e poderia integrar, como goleiro, qualquer seleção canina que a C.B.D. enviasse aos estádios europeus, mesmo o de Londres. Morreu, porém, e agora o poeta tem em sua casa um outro pequinês, de pelagem preta e ardores de Casanova, que respeita todo mundo menos ele, porque «me elevou à dignidade de cachorro».

De «Ling» o cachorro pequinês cujo nome significa «Belo e Bom» Guilherme de Almeida passa a dissertar sobre a poesia chinesa que é, numa definição excelente, «Imperial». Sempre cultivou o gosto pela poesia oriental e foi mesmo o introdutor, em 1936, no Brasil e em língua portuguesa, dos «haikai» — a poesia japonesa mais sutil, de dezessete sílabas, dividida em três versos de 5, 7 e 5 sílabas.

O «haikai» na nossa língua tem uma história curiosa. A poesia no Japão é sagrada, entre os poetas japoneses que conheceu figurava o conselheiro Kazo Itigé, cujo nome poético era «Neve do Crepúsculo». Itigé contou-lhe certa vez, em 1936, que em São Paulo, na rua da Liberdade, numa água furtada, se reuniam uma vez por mês os grandes «haikai»-istas nipônicos. Foi até lá. Discutia-se nessa noite um «haikai» do célebre Bashô, do século XIV, «o Peregrino». Chamava-se «Solidão» e era assim:

«No tanque morto
o barulho que faz
uma rã que mergulha».

E sobre a maior solidão deste mundo que é o centro de uma circunferência e que se compara com o ponto em que a rã cai na água originando círculos infinitos, discutiam criadas de servir, marceneiros, verdureiros, e até um pequeno cultivador de tomates em Osasco — poetas sublimes!

Guilherme de Almeida ficou endemoninhado pelos «haikai», se é que pode aplicar-se esta palavra a um eleito dos Deuses. Submeteu-se à prova de admissão no clube, com este, que se chama «Mocidade»:

«Do beiral da casa
(ó telhas novas, vermelhas!)
vai-se embora uma asa».

Foi aplaudido, discutido e lançou dias depois, pelo «O Estado de São Paulo» o «haikai» na língua portuguesa. Foi um sucesso tão grande que um baiano em menos de quinze dias, lhe enviou uns duzentos e cinquenta «haikai». Fato notável, observa Guilherme de Almeida, — «porque a inspiração para fazê-los é de tal forma rara que eu, até hoje, passados 19 anos, escrevi no máximo uns cinquenta. Tenho passado noites à espera de um «haikai» que não apareça!». Mas a Bahia sempre teve destes excessos de poesia! Os japoneses o consideram um «haikai»-ista extraordinário e seus versos aparecem com frequência no célebre jornal de letras «Hototogizu» que quer dizer «rouxinol» e se publica em Tóquio.

A poesia brasileira moderna tem em Guilherme de Almeida um dos mais importantes sustentáculos. Ele que imaginara, com Di Cavalcanti e o livreiro Jacintho Silva, uma tarde, na loja deste último na Rua 15 de Novembro, uma semana de arte moderna, viu a idéia levada avante no ano seguinte, no Teatro Municipal, que, para tal fim, fôra conseguido por René Thiollier. Como um autêntico guerreiro da Santa Cruzada pela Poesia Moderna, ele, em 1925, à própria custa e ardendo em entusiasmo, foi pregar a revolução na poesia, a «Brasilidade» da nossa poesia (na designação feliz de Júlio Ribeiro, que a maioria apenas lembra agora, pelo livro

GUILHERME DE ALMEIDA

OS CÃES-GATOS E OS «HAIKAI» — A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 22 — O POETA DA REVOLUÇÃO

DE 32 ENVERGA, PARA SER RECEBIDO NA ACADEMIA, UMA FARDA «DE CELULÓIDE» — JEAN COCTEAU

SABE PORTUGUÊS E MUITO — O CAVALO BRANCO DE LADY GODIVA.

Reportagem de CARLOS MARIA DE ARAÚJO



GUILHERME DE ALMEIDA: SESSENTA E CINCO ANOS, VINTE E SETE LIVROS DE POESIA, POETA DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONAL DE 32.

«A Carne» que comprou com fins obscenos) em Porto Alegre, Recife e Fortaleza, e teria ido mais além se não tivesse sido surpreendido em São Luiz, pela revolução do Maranhão, que não teve um poeta como teve, em Guilherme de Almeida, a Revolução Constitucionalista de 32, em São Paulo.

A propósito da prisão de Guilherme de Almeida, o poeta-revolucionário, conta Antônio de Toledo Passos, seu companheiro de cativeiro por uns dias, na «Sala da Capela» da Casa da Correção do Rio, que ele, sublime de arrogância para com os que o haviam encarcerado, logo à alvorada se barbeava com o maior cuidado e se vestia com a maior elegância para se submeter a qualquer interrogatório que porventura se lembrassem de fazer-lhe. E declamava poemas heróicos enquanto se ensaboava ou espetava o alfinete na gravata.

Naquelas conferências pelo Brasil, diz Guilherme de Almeida, «eu recitei versos de todos os poetas modernos, divulgando-os. E são al-

guns deles que agora acham que não é «bem» citar meu nome!»

Guilherme de Almeida foi o criador da crítica cinematográfica, e que fazia, desde 1928, no «O Estado de São Paulo». Por isso, quando foi eleito para a Academia em 1930, foram as companhias norte-americanas que lhe ofereceram a farda. Alguns amigos diziam até, brincando, que ele entrara na eternidade literária envergando um «fardão de celulóide».

O poeta, que tem como deuses tutelares o Pensamento, o Trabalho e o Perdão, e como demônios a Mulher, o Cigarro e o Uísque (do qual é conhecedor extraordinário, na opinião abalizadoríssima de Marcelino de Carvalho) manifesta-se indiferente a qualquer ataque que os de agora possam fazer à sua poesia (27 livros de versos, todos esgotados) ou à sua época de juventude gloriosa, e da qual foi cronista social sob o pseudônimo de «Guy». E a respeito de «Santa Marta Fabril S.A.» de Abílio Pereira de Almeida, declara: «Assisti, na estréia, e fi-

quei até o fim. Mas não a discuto». Quer-nos parecer que o silêncio do poeta ainda é o comentário mais severo.

Para ele, a poesia ainda é a «Grande Aventura». E também traduz a poesia dos outros, mesmo que ela vista roupas de teatro, como a «Antigone» de Sófocles, «Huis Clos» de Sartre ou «Orfeu» de Jean Cocteau o qual, revelamos, «sabe português como qualquer letrado e me devolveu, corrigida, a prova que lhe enviei da minha tradução, com algumas observações severas sobre a versão que eu dera em português de uma ou outra palavra ou expressão».

E encerrando a entrevista, confessa, num rasgo de audácia poética que surpreende alguns dos presentes no gabinete da presidência da Comissão do IV Centenário: «se me perguntassem qual o personagem histórico que eu gostaria de ter sido, indicaria o cavalo branco de Lady Godiva, nua, cavalgou certo dia na cidade de Coventry!».

EIS A QUESTÃO:

QUEDA DE PERÓN

UM BEM OU UM MAL?

Reportagem de MENEZES JÚNIOR

IDOLO cambaleante, como afirmou Teóphilo de Andrade, Perón não resistiu à sexta revolução deflagrada durante seu governo. O último «golpe» jogou por terra aquele que um dia foi o «hombre fuerte» da Argentina. Deu-se a inversão de papéis e vemos o ex-ditador na condição, talvez por ele jamais imaginada, de refugiado político. Paraguai é o seu asilo.

Na batalha telegráfica que se trava, segredos do «Império justicialista» vêm à tona, erros e libertinagens de um governo que durou treze anos são apontados por uns e logo contestados por outros. Paixões violentas se manifestam detratando ou justificando a personalidade do governo do general Juan Domingo Perón.

Tranquilo e sorridente em seu refúgio guarani, o líder de oito milhões de «obrigados» afirma que os que o atacam não retratam, realmente, a opinião popular. E justifica:

— Esta revolução, como a de 1930, representa a luta da classe parasitária contra a classe produtora. A oligarquia entrou com o dinheiro; os padres, com a pregação; um setor das forças armadas, dominado pela ambição, e alguns chefes, com as armas da República...

«MERCENÁRIOS DESTRUÍRAM PERÓN!»

Também no Brasil, se o ex-presidente fizesse adeptos, encontrou combate. Entre os primeiros, dos que mais se destacou foi Geraldo Rocha, diretor de «O MUNDO». Velho jornalista e amigo pessoal de Perón, utilizou as colunas

de seu diário para a apologia daquele. Na hora mais amarga da derrota continuou o difusor acérrimo do amigo escurado e, fazendo ouvidos moucos, enfrentou galhardamente os adversários. No momento final, fazendo graves acusações, distribuiu as responsabilidades do insucesso:

— No mesmo dia em que Roma tornou pública a excomunhão do presidente Perón, um grupo de soldados da infantaria de marinha, seguidos por aviadores mercenários atacou Buenos Aires, sem outro objetivo que não fosse o de eliminar, à traição, o chefe do governo argentino. Nesta triste arrancada foram sacrificadas mais de mil vidas preciosas, fugindo os covardes apressadamente para Montevideo, onde chegaram como heróis, assim chamados por um governo de intrigantes, que desempenha no nosso continente um triste papel que lhes destinaram os ingleses, quando impediram que toda a costa atlântica do nosso hemisfério permanecesse sob o domínio de dois povos, cuja soberania os astutos insulares cobravam...

Pergunta, patético, e ele mesmo responde:

— Quais as reivindicações dos militares rebeldes? — Quais os ideais por eles reclamados? — Que bandeiras desfaldam? São incógnitas que ninguém sabe desvendar...

Também contra a Igreja volta-se a ira do velho jornalista:

— Despeitados pela orientação de Perón, encarregando-se da manutenção dos serviços so-

ciais, a Curia, por ordem de Roma, procurou intervir nos sindicatos, daí se originando a luta com a C.G.T.

Referindo-se a Igreja, que chama de «Internacional Negra», termina por afirmar que a Curia Romana bem pode gastar um bilhão de dólares para deixar a Argentina sob o domínio da Igreja!

ADVERTÊNCIA DA IGREJA: «ACIMA DE TODOS, DEUS!»

Um dos comandantes das hostes cristãs no combate ao governo herege de Perón foi o cardeal D. Jaime de Barros Câmara. Falando à reportagem da REVISTA DA SEMANA, o sacerdote sintetizou numa frase todo o júbilo dos que vivem sob o signo da Cruz. Comentando um fato, suas palavras valem por uma advertência:

— O sr. Juan Perón derrubou, éle próprio, o seu governo. Esqueceu-se que também os homens de governo são governados por Deus!

«VICE-REINADO DO PRATA, VELHO SONHO PERONISTA»

Ezequias da Rocha, senador eleito pelo RP alagoano figura entre os inimigos do regime que caiu. Em várias oportunidades ocupou a tribuna do Monroe para alertar seus pares contra o «perigo peronista». Recebeu com alegria as notícias vindas do Prata:

— Como brasileiro e como católico, julgo-me também vencedor. Remanescente do «eixo» Roma-Berlim, a ditadura peronista constituía



GERALDO ROCHA, patético: — Quais as reivindicações dos rebeldes? — Que bandeiras desfaldavam? — São incógnitas que ninguém sabe responder...



DOM JAIME CÂMARA, impassível: — Perón derrubou, éle próprio, o seu governo, esquecido de que também os que governam são governados por Deus!



— É inegável, e para mim sobrepõe aos erros e desacertos, a revolução social que Perón implantou na Argentina..., afirma o deputado paulista **IVETE VARGAS**.

**SETE ELEMENTOS REPRESENTATIVOS DE VÁRIAS CLASSES
RESPONDEM À «ENQUETTE» DA «REVISTA DA SEMANA»
SÔBRE O PALPITANTE ASSUNTO ★ JORNALISTAS, POLÍ-
TICOS, COMERCIANTES E O CLERO ADVOGANDO E
ACUSANDO A CAUSA DO GENERAL DEPOSTO ★ UMA
ADVERTÊNCIA: «ACIMA DOS GOVERNANTES, DEUS!»**

PERÓN aponta as forças que o apearam do poder: — A oligarquia entrou com o dinheiro; os padres, com a pregação; as forças armadas com a ambição e alguns chefes com as armas da República.

uma séria ameaça à tranquilidade dos países vizinhos, particularmente ao Brasil. Como o caudilho que ensanguentou, no século passado, o sul do Continente, Perón, com suas desmedidas ambições, sua megalomania, suas iniquidades, suas estultas pretensões de fazer ressurgir o vice-reinado do Prata, tinha que terminar em tragédia e enxotado pelos anseios de ordem e de paz da nobre nação.

Finalizou, profético:

— Será êsse, sempre, o fim dos déspotas!

DECEPÇÃO DE IVETE VARGAS

O deputado petebista de São Paulo, sobrinha dileta do ex-presidente Vargas considera a queda de Perón como uma consequência lógica da pressão que vinha sofrendo. Surpreendeu-a, como afirmou ao repórter, constatar que ele não encarnava mais na Argentina, «os ideais nacionalistas que o conduziram ao poder, numa pujante reafirmação da soberania de um povo».

Sobre as irregularidades que teriam acontecido durante seu governo, agora fartamente divulgadas pela imprensa livre da Argentina, manifesta Ivete Vargas suas dúvidas:

— Tenho também, através da imprensa, sabido das deficiências do governo Perón e das injustiças que ele acobertou. Entretanto, dou às informações o necessário desconto, considerando o atual ambiente de paixão. Aliás, honestamente, encontro algumas notícias nitidamente tendenciosas e facciosas.

Esclarecendo não conhecer pessoalmente o general Perón nem tido qualquer ligação com seu governo, termina o deputado afirmando:

— Embora cedo ainda para qualquer julgamento imparcial, é inegável, e para mim sobrepára aos erros e desacertos do ex-presidente, a revolução social que, indiscutivelmente, ele implantou na Argentina, criando uma consciência trabalhista e incorporando, definitivamente, o proletariado à sociedade.

«NÃO HÁ AMBIENTE PARA OS REGIMES DE FÔRÇA»

Outro jornalista, Roberto Marinho, diretor-reitor-chefe de «O Globo», destacou-se no combate a Perón, colocando-se em campo oposto ao de seu colega de «O Mundo». Explica sua luta:

— Vejo a queda de Perón como uma esperança de que não mais tenhamos, no continente americano, déspotas no governo, regimes de exceção, ou mesmo democracias «sui-generis». A América deve ser para os democratas. Aqui não há ambiente para os regimes de força, para os homens infalíveis, para os salvadores e os iluminados. Estamos num continente do homem comum, com as suas qualidades e os seus defeitos, com os seus acertos e os seus erros. Êsses erros, nas democracias, podem sofrer a revisão dos demais poderes — e esta é uma das principais vantagens da democracia.

Embora concordando em que um grande pas-

so foi dado, Roberto Marinho ainda não considera a vitória completa. E ante a curiosidade do repórter:

— Para que os jornalistas-democratas do mundo inteiro se rejubilem sem reservas ante a queda de Perón, é necessário que «La Prensa», baluarte da democracia e da imprensa livre, seja sem tardança restituída aos seus legítimos donos, e que volte a desfrutar do prestígio e do conceito que tinha antes do vendaval peronista.

«LIÇÃO E ADVERTÊNCIA AOS PÓSTEROS»

— Em seus anos de governo, baseado numa ditadura e numa mística pessoal, Perón nada construiu — iniciou o presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Ruy Gomes de Almeida. Fazendo rápido apanhado da situação econômica do país platino, julga-a calamitosa. Culpa diretamente a Perón:

— Hoje, a economia Argentina atravessa uma conjuntura dramática: o Capital e o Trabalho, que são dois elementos harmônicos na estrutura dos países democráticos, foram ali jogados um contra o outro, pela infecunda demagogia peronista. Os malefícios ocasionados pela supressão das liberdades públicas e privadas haverão de constituir uma advertência e uma lição para os atuais detentores do poder. Uma nova democracia terá que reconstruir a Argentina. E' êste — concluiu — o papel das democracias: consertar o mal feito pelos ditadores, aperfeiçoando-se numa prática vigilante e sincera a fim de evitar que as massas sejam iludidas!

FICOU SOLIDÁRIO O EMBAIXADOR

Elemento de confiança do general Perón, membro do partido desde os tempos iniciais, o jovem e dinâmico embaixador no Rio de Janeiro seria o provável ocupante da pasta das Relações Exteriores de seu país. Com a revolução, entretanto, José Amadeo Conte Grande viu-se na obrigação moral de renunciar ao cargo que ocupava. Encontramo-lo algo abatido. Recusou-se comentar os acontecimentos, limitando-se apenas a justificar seu pedido de renúncia, que enviou a Buenos Aires imediatamente após ter conhecimento das primeiras notícias oficiais:

— Reagi com a renúncia, não por uma questão de sectarismo, mas porque representei neste país, econômica, social e politicamente, o governo do general Perón. Evidentemente, estava de acordo com as idéias peronistas.

Assim concluiu a rápida entrevista:

— Como argentino, lamento o derramamento de sangue dos meus conterrâneos e faço votos para que lutas idênticas não se repitam.

Depois de um comunicado à imprensa brasileira, o embaixador Conte Grande não mais se manifestou a respeito dos acontecimentos em seu país. Silenciou e ficou aguardando ordem de retorno à pátria.



ROBERTO MARINHO, ainda insatisfeito: — Falta a restituição do baluarte da democracia e da imprensa livre, que é o jornal portenho «La Prensa»!



CONTE GRANDE explica sua demissão: — Não foi sectarismo, mas porque estou plenamente de acordo com o regime que representei econômica, política e socialmente.



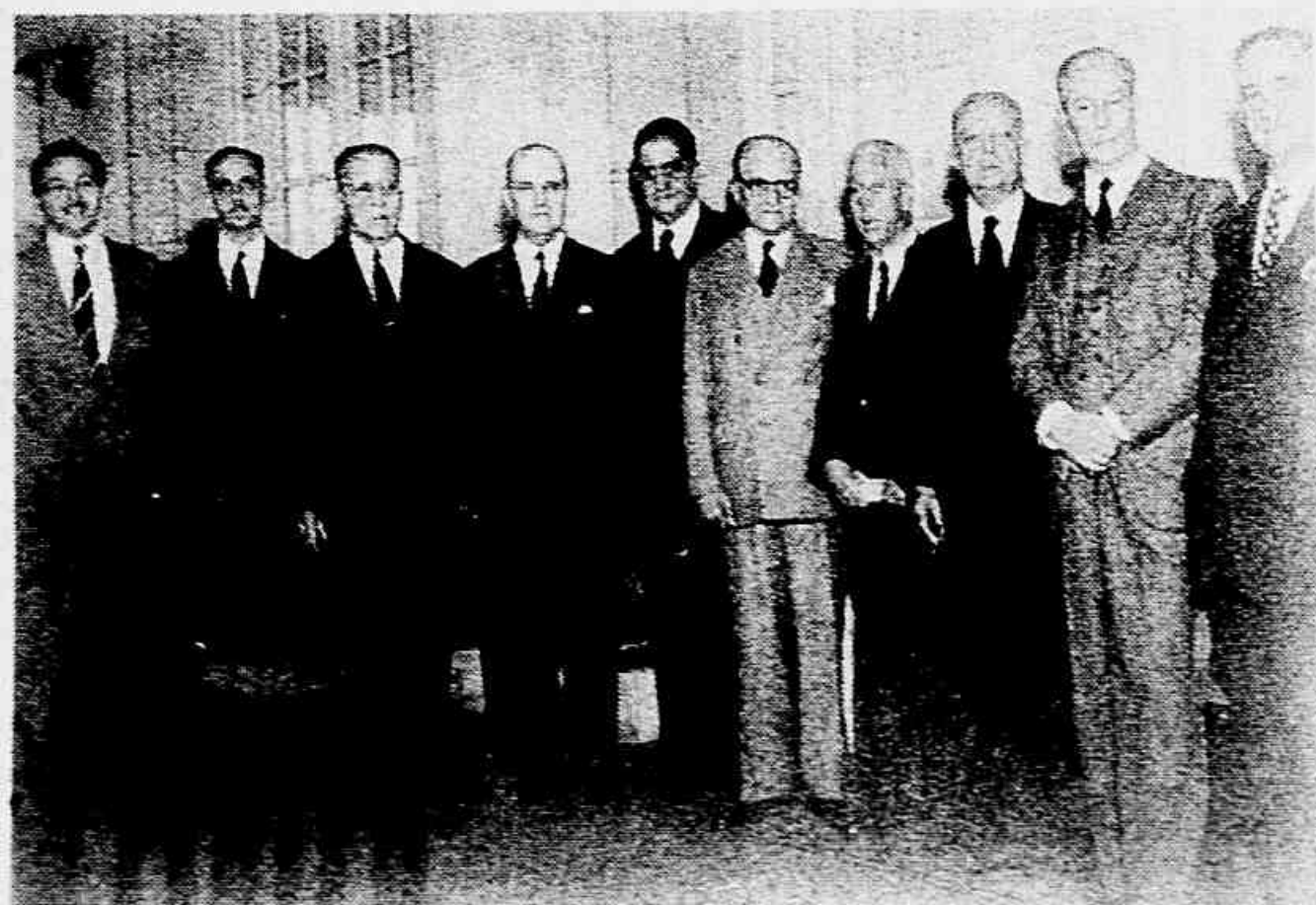


GRANDE PRÊMIO IMPRENSA

● No primeiro domingo do corrente mês o Jockey Club Brasileiro prestou significativa e carinhosa homenagem à imprensa carioca, fazendo disputar a prova clássica denominada GRANDE PRÊMIO IMPRENSA, que já é parte integrante do seu calendário turfista. Ao ensejo, a diretoria da aristocrática sociedade carreirista ofereceu aos jornalistas da metrópole um banquete, que se realizou no Salão das Rosas do Hipódromo da Gávea, ao qual compareceu grande número de profissionais da pena, que foram saudados, ao «champagne», pelo presidente da prestigiosa



entidade, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, proferindo, em seu nome e no do quadro social do Jockey Club, uma oração repassada de afeto e de aprêço pela classe que ali era homenageada, enaltecendo o papel da imprensa em prol do progresso turfista local. Em agradecimento, o sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, falou em nome dos jornalistas. Da bela festa de confraternização ficou em todos os presentes uma lembrança perene, dada a cordialidade que reinou em todo o seu transcurso. O GRANDE PRÊMIO IMPRENSA foi vencido brilhantemente pela égua «Mas-Tua», num final empolgante. Nesta página damos três aspectos da inesquecível reunião, mostrando a foto do centro o dr. Mário Ribeiro saudando os jornalistas



ARTES

JOSÉ ROBERTO

FRASES SÔLTAS

★ Entre uma tela de Van Gogh representando girasóis, e os próprios girasóis, que posso colher num jardim e colocar num jarro, em tudo imitando a disposição que lhes deu o artista, porque há de encaminhar-se sempre minha sensibilidade para a obra de arte?

★ Do choque entre Capitalismo e Comunismo, que terminará com a vitória de um deles, qualquer que seja o vencedor, que poderá lucrar o artista? Ele é o filho pródigo da família humana, e não poderá adaptar-se a qualquer sociedade. É selvagem, intratável. E orgulha-se de sê-lo, e não pode ser senão assim.

★ O que, em última análise, buscam fazer os artistas, quer componham uma sinfonia ou escrevam um poema, ou esculpam num bloco uma figura, ou sobre a tela delimitem uma paisagem, é corrigir a criação divina, no que ela ainda possui de imperfeito, de inacabado. Todo artista procura igualar Deus. E este — Lúcifer o sabe — não admite concorrências.

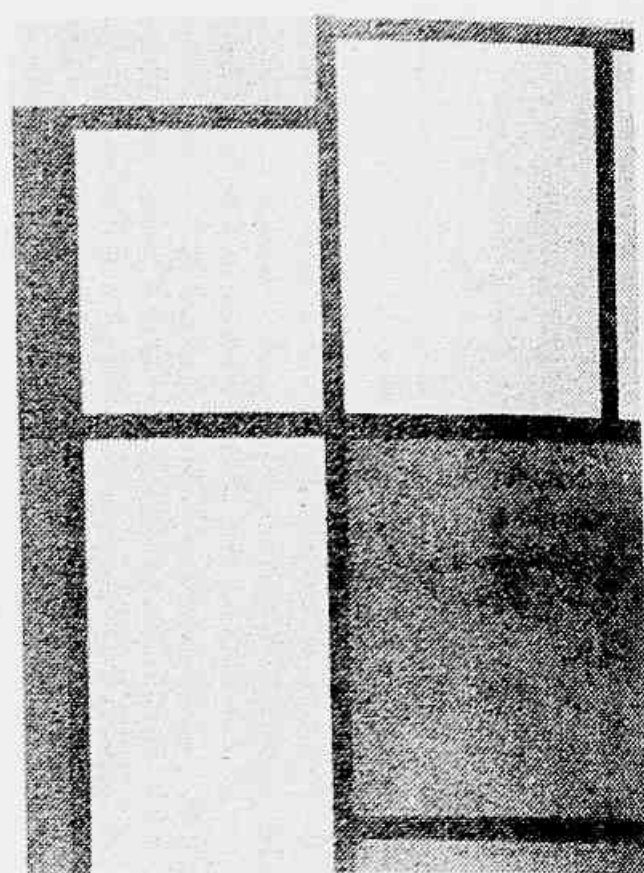
★ Lúcifer, revoltado por orgulho contra Deus, desejou ser Deus. E Deus é, em suma, criação. Quem diz Deus, diz criação. Logo, o que buscava Lúcifer, era criar, igual a Deus. Por isso, Lúcifer é o padroeiro de todos os artistas. E a arte, uma danação.

★ A criança, possuidora de grande senso artístico (o artista é o adulto sempre em estado de criança), até certo ponto é estimulada pelos pais e mestres em suas manifestações. Depois, geralmente, é interrompido esse estímulo, e a infeliz é apontado um rumo qualquer, segundo a vontade dos pais: engenheiro, oficial de marinha, advogado... Nunca mais a criança ouve falar de arte, de artistas. Eis porque tantos homens de projeção nos outros ramos do conhecimento humano ainda possuem, a respeito da arte, as mesmas noções que dela faziam, aos nove anos de idade.

★ É preciso desconfiar da obra de arte que desde o primeiro instante consegue agradar ao espectador, que se oferece toda no primeiro momento, privando-o de parte do prazer enorme de pouco a pouco ir penetrando-lhe o sentido. A obra de arte é como a mulher. Somente as ordinárias entregam-se sem luta.

★ O que o espectador comum busca encontrar, na obra de arte, é uma confirmação para as suas mais ou menos embodadas teorias. Geralmente, não possui qualquer idéia própria a respeito, limitando-se a repetir, numa monotonia lamentável, os velhos chavões ouvidos de lábios dos avós, que aliás já os haviam recebido, sem exame, dos seus antepassados.

★ É nas obras de arte à primeira vista chocantes, que nos causam certa revolta íntima, que nos humilham por ficar



★ A falta de imaginação, que na pintura holandesa vem sendo uma das principais características, desde os tempos primitivos (a despeito das grandes exceções, Bosch e Bruegel) até aos dias que correm, conheceu na figura de Mondrian seu máximo expoente. Se houvesse um prêmio Nobel para a falta de imaginação, Mondrian o mereceria. Contudo, o holandês teve a esperteza de fazer de sua falta de imaginação o lado forte de sua arte. E muitos artistas do mundo inteiro imaginaram que a falta de imaginação era já uma idéia.

aparentemente além de nossa inteligência, que devemos procurar a essência do que seja o fenômeno estético. Porque é nela que algo de novo se insinua. Há porém uma tendência natural no homem de desprezar o desconhecido, quer se traduza ele numa doutrina estética ou num novo preparado contra a calvície. E só o que é novo deve interessar-nos.

★ A beleza está acima da moral, da política, da religião, da economia. Quer subordiná-la ao que quer que seja é brutalizá-la, é desconhecê-la a essência. Por isso, são dignos de pena os comunistas, que buscam utilizá-la para fins político-econômicos, e os capitalistas, que tentam escravizá-la a seu poder financeiro.

★ Que sina a do pintor, que para viver é obrigado a, como Saturno, devorar os próprios filhos!

★ O Chefe de Polícia, proibindo a projeção de um filme brasileiro, alegou que a obra de arte deve possuir uma finalidade didática. Pobre obra de arte, a concebida por chefes de polícia. Bem comportadinha, tomando a bênção aos mais velhos, ditando regrinhas mais ou menos hipócritas... A verdadeira obra de arte não pode ser policiada, está muito acima dos Códigos Penais, aos quais, aliás, dedica um aborrecimento profundo.

NOTÍCIAS — Encerrou-se a Exposição Leonardo da Vinci, (reprodução de desenhos) na Biblioteca Nacional. ● No Museu de Arte Moderna, realizou-se uma exposição de Modernos Mestres da Litografia Inglesa. ● Todas as atenções estão voltadas para o grande Festival de Filmes de Arte, a ser começado ainda esse mês, no auditório da Mesbla, à rua do Passeio. Os interessados deverão procurar com urgência a secretaria do Museu de Arte Moderna. ● Onofre Pentecost expôs na Escola de Belas Artes. ● O importante pintor Malagoli, está expondo na Galeria de Arte, à rua Xavier da Silveira, 19-A.

A ENCruzilhada

● Malgrado esta crônica, quando de sua publicação, não constitua, mais, assunto de momento, não podemos deixar sem registro o extraordinário entusiasmo, a vibração que se apossou de todos os espíritos nesta ante-véspera do pleito presidencial em São Paulo. Os comícios que aqui se realizaram foram monumentais, o que, graças a Deus, atesta o despertar do interesse da massa face às exposições de motivos levadas a público pelos candidatos, na ânsia de captar as simpatias do eleitorado. Os srs. Juscelino Kubitschek, Ademar de Barros, Juarez Távora e Plínio Salgado aqui discursaram, em todos os bairros, sempre assistidos por multidões, senão de adeptos, pelo menos de curiosos, no sentido benéfico do termo, que ouviram com interesse as suas explanações e ficaram aptos para a escolha, de acordo com o entender, com a psicologia e a receptividade de cada um.

Dentro da ordem, houve, de parte a parte, como é de hábito no roteiro de tais exposições, as planificadas tiradas demagógicas, destinadas a causar efeito nas multidões. Fizeram-se uso e abuso dos prévios ajuntamentos, transportados em caminhões, mas mesmo a atuação desses pobres diabos — previamente pagos para formarem o cêro que, a intervalos e mediante sinais convencionados, interrompem o discurso do candidato com o grito pré-fabricado de «Já Ganhou» — mesmo essas tristes figuras, estiveram à vontade no seu melancólico papel de carpi-deiras eleitorais.

● Houve comícios feéricos, com o espoucar de rojões de lágrimas multicolorindo a garoa da noite neblinosa; profissionais do rádio e da televisão cooperaram com a sua parte para atrair o público e «improvisaram-se» comícios nos bairros periféricos da Capital, onde oradores de voz soturna e olhos esbugalhados, advertiam o povo sobre o perigo mortal que correria se votasse nos outros candidatos...

Todos os «recursos» foram usados. Circularam inúmeros boletins sobre inverdades; acusações inverídicas, que a premência da hora não permitia desmentir, foram assacadas e até gravações, que, não fôra a sutileza do recurso empregado, teriam de ser feitas além-túmulo, foram irradiadas por aí... Houve mesmo um grupo, cujos dirigentes revelaram-se bons conhecedores da doutrina de Gustave Le Bon, que trouxe, para os comícios um orador, muito bom, por sinal, que por si só constitui uma atração capaz de estourar a bilheteria de qualquer teatro...

Tudo isso, que muitos criticarão como aberração na prática do processo da escolha democrática, nada mais é que uma legítima festa cívica, que nos deve envaidecer, constituindo, pensamos, a dinamização dos legítimos recursos de atração destinados à consecução de uma finalidade: o voto.

● Não devemos nos envergonhar da realidade nacional. O Brasil não é constituído de castas ou compartimentos estanques, em que uma classe viva a sonhar com a escravidão da outra. O Brasil é um todo, uno e indivisível, e, se, às vezes, a nossa compreensibilidade política claudica, devemos, todos os responsáveis pela opinião e pelas coisas públicas, cerrar fileiras em torno das instituições, contribuindo, com energia e sacrifícios, para preservá-las, na certeza de que, se existe ambiente para a proliferação demagógica, esse fenômeno é a consequência da falta de visão administrativa que descuidou, no passado, o problema educacional. Qualquer que seja o pronunciamento das urnas, a ele nos devemos ater e com ele nos devemos conformar. O Brasil é uma potência no nascedouro. Se, por fatores inteligentemente removíveis, a nossa situação financeira não é boa, — do ponto de vista econômico, graças à enormidade dos nossos recursos, somos uma flor que está para desabrochar.

Preparemo-nos, portanto, para dar ao Governo que se vai instalar, um crédito de confiança, para que se possa estabelecer e cuidar, sob a fiscalização patriótica de todos, dos sérios problemas que terá de enfrentar. Entre estes, o mais premente é o do esclarecimento do povo, com uma dinamização, sem paralelo, da instrução e do amparo à criança, para que o Brasil, amanhã, não mais carregue para os altos postos, como reflexo lógico do analfabetismo, homens, salvo honrosas exceções, incapazes e venais. Não pensemos em ditaduras. Vamos deixar, de vez, essa monstruosidade, fator de disseminização da hipocrisia e do servilismo, que, em quinze anos de desgoverno, quase matou, no brasileiro, a faculdade de bem escolher, deixando-nos, no campo democrático, como única vantagem, o direito de optar sobre qual o clube de futebol para quem iríamos torcer.

● HONRA AO MÉRITO:

A Federação e o Centro das Indústrias, secundados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, prestando homenagem à memória de Armando Arruda Pereira, em expressiva cerimônia realizada a 29 de setembro último, data comemorativa do nas-

cimento daquele ilustre engenheiro patricio, deu o nome de «ARMANDO ARRUDA PEREIRA» à escola do SENAI de São Caetano do Sul. Ao ato, que se revestiu de grande solenidade, compareceram expressivas figuras do alto mundo industrial, unânimes em exaltar a personalidade do preclaro desaparecido e a sua extraordinária dedicação aos ideais da paz social no Brasil.

RIBEIRÃO PRETO — O Senador Coimbra Bueno acaba de fazer felizes e oportunas declarações à imprensa, sobre o problema da instalação do futuro Distrito Federal no planalto goiano e a correlação desse fato com o progresso da encantadora Ribeirão Preto, a capital dinâmica da Alta Mogiana. Abordando o tema com grande facilidade, o ilustre membro do supremo legislativo federal encareceu a importância que representa, para o sucesso daquele empreendimento, a retificação do traçado e o alargamento da bitola da Estrada de Ferro Mogiana até Araguari e, em sequência, a encampação da Estrada de Ferro Goiás, destinada a servir, já com o novo sistema, a nova Capital Federal.

Referiu-se ao Governador Jânio Quadros, que estudou minuciosamente o assunto na sua recente viagem a Goiás e que, pelo entusiasmo revelado, certamente, dará início a essa gigantesca tarefa, trabalhosa, mas absolutamente necessária ao futuro desenvolvimento do País. Quanto a Ribeirão Preto, tudo o que lhe fizer será sempre pouco, face aos seus reais merecimentos. Poderoso centro agrícola, pecuário e industrial, região favorecida pelas melhores terras do mundo, as crises econômicas, que nos têm assolado, têm passado ao largo da «capital da Mogiana», graças à sua imediata adaptação às circunstâncias, traduzida na variedade da sua produção agrícola e pecuária, no seu crescente parque industrial e na combatividade pioneira dos seus filhos. Cidade de vida própria, intelectual por excelência, sede de diversos estabelecimentos de ensino universitário, de uma Faculdade de Medicina, e um dos centros médicos mais adiantados do País, merece, Ribeirão Preto, o amparo oficial para o seu imediato aparelhamento, a fim de que bem possa desempenhar,



no futuro, o seu papel de grande centro intermediário entre o litoral do Atlântico e o Brasil-central.

O VALE DAS SOMBRAS — Com o trágico desaparecimento do sr. Ibsen da Costa Manso, vitimado, juntamente com o tenente Hélio Moreira Prado, num desastre de aviação na Serra da Cantareira, perde a Justiça Eleitoral de São Paulo um democrata sincero que fez da Lei uma religião. Secretário-geral do Tribunal Regional Eleitoral desde 1946, o ilustre extinto, pelo seu caráter, compreensão e inteligência, foi um baluarte onde se abrigava, em defesa, o direito dos pequeninos e um rochedo onde se desfaziam as ondas de insensatez dos poderosos do dia. Paladino do direito, caído como um soldado em campanha no campo do dever, Ibsen da Costa Manso deixa, com a sua prematura partida, um claro difícilmente preenchível no coração dos seus amigos e nas altas esferas da Justiça Eleitoral.

★

PSICOLOGIA SOCIAL — A jornalista Ivone Jean, que realiza para um matutino desta Capital uma série de reportagens, na «Associação Maternidade de São Paulo», sobre o problema da criança, vem de lançar uma interessante idéia, que certamente merecerá o amparo e a aprovação das instituições especializadas do país.

Trata-se da substituição dos dizeres «Maternidade da MÃE POBRE», da palavra INDIGENTE, da designação GRATUITO e outras expressões que tais, todas facilmente substituíveis por sinônimos capazes de impedir o aviltamento e o vexame contidos naquelas qualificações. Efetivamente, à luz da psicologia profunda, ciência que Sigmund Freud legou à humanidade para amenizar seus males, as crianças nascidas nessas instituições seguem, pela vida a fora, estigmatizadas, presa de emoções e de recalques, nesse caso perfeitamente evitáveis, se cuidarmos de simples providências como, por exemplo, aquelas substituições.

★

TAXIMETRO — Existe, já aprovado em primeira discussão na Câmara Federal, um projeto de Lei que institui a obrigatoriedade da instalação de taxímetros em automóveis de aluguel nos municípios que possuam mais de cem mil habitantes. Desnecessária se torna frizar, nestas colunas, a extraordinária utilidade pública da proposição, cuja tramitação deve ser processada com urgência, a fim de que a sua conversibilidade em Lei venha pôr cêro à desenfreada exploração, por parte de motoristas inescrupulosos, contra o povo de diversas cidades brasileiras. No caso particular de Campinas — cidade de onde partiu a idéia do projeto em questão — o assalto está sendo perpetrado com a conivência da COAP, que aprovou, de má fé ou inteiro desconhecimento de causa, uma «tabela» tão vantajosa, a ponto de alguns assaltantes profissionais estarem inclinados a se transferir para aquela cidade, ingressar na classe de motoristas profissionais e continuar, assim, livre de «geadas», a exercerem tranqüilamente a «profissão».

SUKIYABASHI, CORAÇÃO DE TÓQUIO (II)



UMA VISTA DE SUKIYABASHI, centro moderno de Tóquio. Ao centro, o grande jornal «Asahi». O edifício circular é o teatro Nichigeki, e o úl-



A O LADO DO JAPÃO tradicional, o Japão que estamos habituados a conhecer através de histórias quase legendárias, vem ultimamente tomando vulto um Japão moderno, que não despreza suas antigas tradições, é claro, mas que busca rapidamente occidentalizar-se, ao menos do ponto de vista material, de vez que as raízes da alma japonesa estão mergulhadas fundo no

OS REPÓRTERES DO «ASAHI» dispõem de motocicletas, que aqui aparecem estacionadas em frente ao grande e moderno teatro Nichigeki.

TÓQUIO 1955

Onde o antigo e o moderno se fundiram

VELHOS COSTUMES QUE SUBSISTEM AINDA, AO LADO DOS ULTRA-MODERNOS CINEMAS E TEATROS DA MOVIMENTADA CAPITAL DO JAPÃO ★ A CERIMÔNIA DO CHÁ, O FUJI-YAMA E O JIU-JITSU ★ A INCRÍVEL POLIDEZ NIPÔNICA ★ A FIGURA SAGRADA DO IMPERADOR ★ OCIDENTALIZAÇÃO PROGRESSIVA DA MULHER JAPONÊSA



mo
hi».
úl-
que
de
ente
des-
que
nos
izes
no

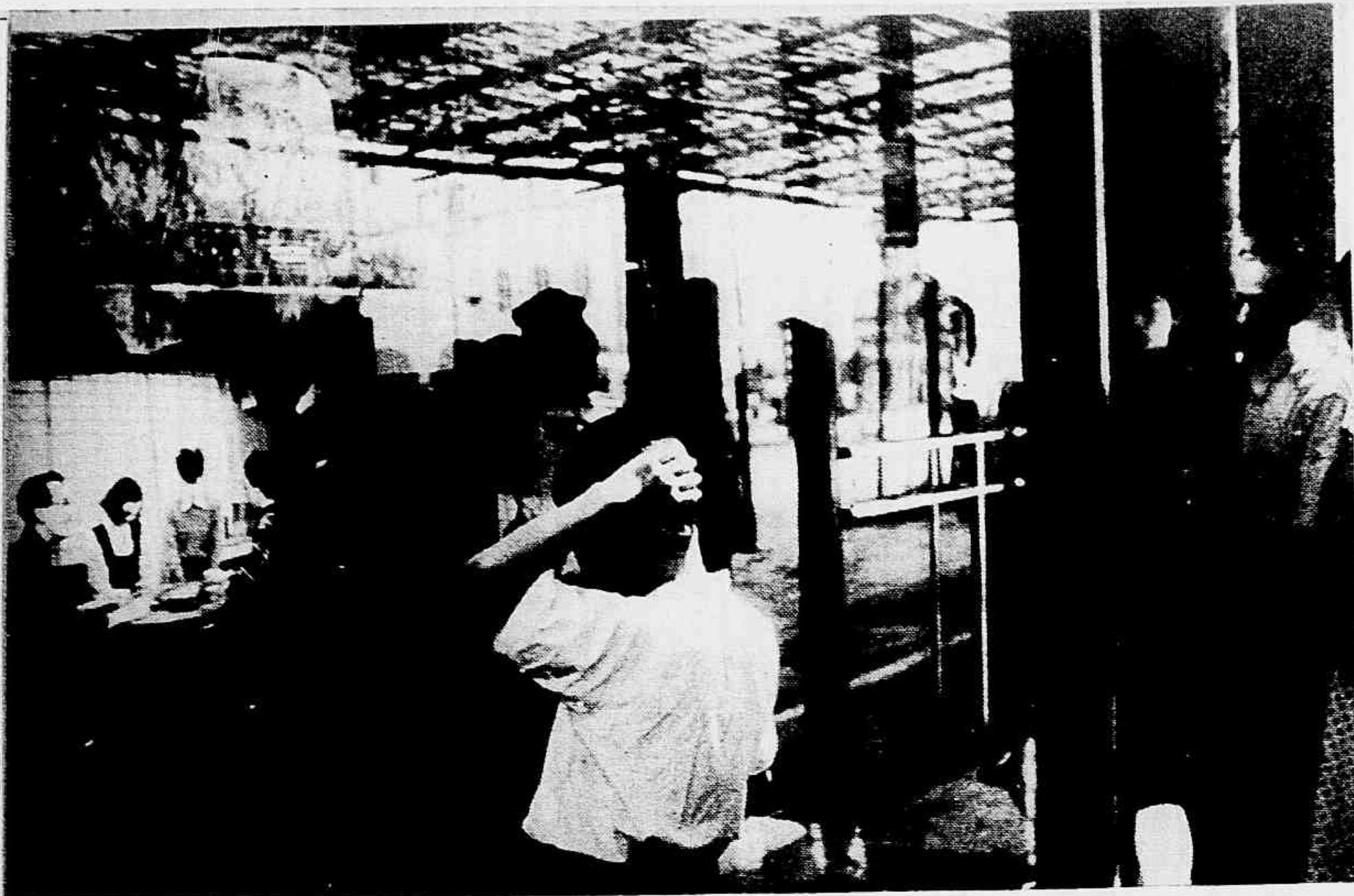
timó prédio, após ele, o Hotel Nikkatsu, o mais luxuoso da cidade. Ao fundo, o Palácio Imperial. Nêle vive a figura sagrada do Imperador.

passado, e não podem ser mudadas nunca. Já tratamos em artigo anterior de alguns aspectos de Sukiya-bashi, o enorme quarteirão de Tóquio que pode ser comparado, aos mais alegres e luxuosos recantos das grandes cidades ocidentais. Nesse, trataremos de novos aspectos, confrontando o velho Japão com o atual, que agora se desenvolve.

oto-
em
eki.

OS CAVALOS SÃO POUCO COMUNS em Tóquio. Por isso, êsse policial, que dispõe de cavalos, está sendo admirado pelos colegiais.





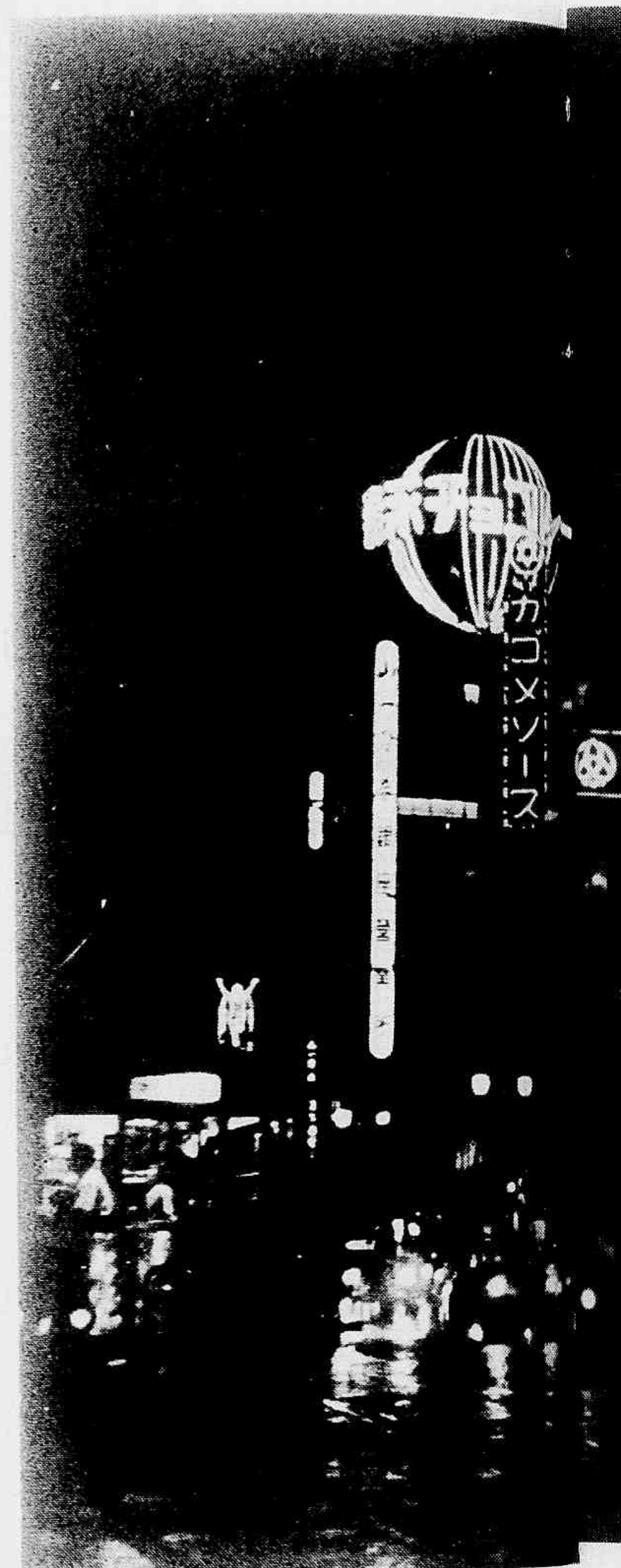
A TELEVISÃO COMEÇA a ser uma coqueluche também no Japão. Um aparelho custa bastante caro, raros sendo aqueles que possam adquiri-los. A foto seguinte mostra uma livraria em Sukiyabashi. Nela, são encontrados os melhores magazines do Japão e do mundo. Em baixo, um



costume ainda muito difundido em Tóquio: um cartomante, que anuncia seu gênero de negócios através de enormes cartazes, numa das principais artérias do arrabalde de Sukiyabashi. Vêem assim nossos leitores como o antigo e o moderno se cruzam a cada instante em Tóquio.



A atmosfera respirada



● **O IMPERADOR** — Uma coisa não mudou a guerra, no Japão, nem nada conseguirá mudar: o respeito ao Imperador, chefe supremo e infalível da nação, por herança divina. Há 26 séculos que a atual dinastia reina, através de nada menos de 126 Imperadores.

● **O TEATRO** — O teatro de revista, a ópera, a música sinfônica e a popular de quase todos os países do mundo possuem adeptos fervorosos no Japão. Também o teatro sério é apreciadíssimo, e já existem companhias de alto nível artístico, que representam um repertório clássico e moderno de inestimável valor. Subsistem, porém, os gêneros verdadeiramente japoneses de Teatro, o Kabuki, o Noh, o teatro de marionetes. O kabuki é uma espécie de drama lírico dançado; o noh, um bailado de mascarados, por vezes precedido por uma pantomina (noh kyogen). O ator canta e dança, acompanhado por uma orquestra de 4 instrumentos.

da em Tóquio é cosmopolita sem deixar de ser profundamente nipônica



A NOITE, SUKIYABASHI ADQUIRE essa fantástica aparência, semelhante à de inúmeras cidades cosmopolitas existentes em todo o mundo.

dades de força, e a luta será já de igual para igual. Porém, o mais fraco deseja tornar-se mais forte: assim, rapidamente, recua uma das pernas, abrindo um ângulo maior de equilíbrio, o que lhe permite inclinar-se ainda mais. O adversário, que vinha com o peso de seu corpo, já não pode se deter, e é vítima de seu próprio excesso de força». Há também outras lutas, como o Randori, o Kata, o Sumo, que se divide em 12 quedas, 12 suspensões, 12 torções e 12 projeções, etc. etc.

● **A MOGA** — «Moga» é como é denominada a japonesa moderna, que busca completar, com os costumes ocidentais, a educação puramente nipônica que foi o apanágio de seus pais e avós. O progresso cultural do Japão no campo feminista, com a adoção da lei do divórcio, por exemplo, fez com que a mulher abandonasse sua antiga condição de subordinada, para ser hoje a igual do homem. Não há porém abuso, e a moça moderna japonesa de modo algum desonra as tradições de graça e feminilidade que fizeram celebradas em todo o mundo suas compatriotas do passado.

E eis aí, expostos em linhas gerais, alguns costumes japoneses do passado e do presente — a tradição de um grande país, habitado por um povo admirável.

ESSA JOVEM DANÇARINA prepara-se com cuidado, antes de entrar em cena, num dos vários teatros modernos que Sukiwabashi possui.



● **O FUJI YAMA** — Um dos símbolos do Japão, o monte Fuji é um enorme vulcão extinto, cujo cone emudeceu há cerca de dois séculos. Tão grande é a veneração do japonês pela «Deusa do Fogo» que chegou a fundar uma Sociedade dos Ascensionistas do Monte Fuji. Cada membro dessa sociedade deve subir ao menos uma vez por ano ao cume do velho vulcão. E como nessa terra admirável tudo adquire logo um valor simbólico, o Fuji, há centenas de anos vem sendo símbolo da pureza e da candura.

● **A POLIDEZ** — Esse é talvez o povo mais educado do mundo. Isso, o ocidental ainda não conseguiu modificar. Os condutores de veículos (e já vimos como são mais e mais numerosos os representantes da classe) não resolvem em altos brados nem a custa de violentas buzinas suas pendências. Por incrível que pareça, numa rua estreita, ficam dois condutores de caminhão a ceder a vez um ao outro, com a

mesma palavra e o mesmo sorriso: «Dosô, dosô...», isto é «Por favor...».

● **O CHÁ** — Eis uma cerimônia tipicamente japonesa. Dispõe de um sem número de regras. A casa japonesa dispõe de um anexo, o Sukiya, onde se sorve o delicioso chá. A cerimônia denomina-se **ó chá-noyu**, e está hoje bastante simplificada.

● **O JIU-JUTSU** — Quem diz Japão diz Jiu-jutsu, e vice-versa. O jiu-jutsu, também chamado Taijitsu ou Yawara, é, como todos sabem, um sistema de ataque e defesa baseado no peso do próprio adversário. Veja-se essa definição do que seja ele, no prefácio de um livro escrito pelos mestres da Kodokan, a organização controladora de tal luta em todo o mundo: «Um jogador tem uma força igual a 10, outro, mais fraco, igual a 7. O mais fraco inclina-se porém para a frente. Curvando-se para alcançá-lo, o outro perde, pela posição inclinada, três uni-

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ TEATRO ★ HUMORISMO

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

A SINFONIA DO TRABALHO

FOI na noite de 26 de setembro que tivemos a oportunidade de ouvir, em sua primeira audição do Brasil, a obra de Francisco Mignone intitulada «Sinfonia do Trabalho». Em primeiro lugar queremos fazer notar a quase ausência de platéia. O compositor paulista regeu a Orquestra Sinfônica Brasileira, cujo programa abrangia outras composições, também de sua autoria (IV Fantasia Brasileira, Quadros Amazônicos e Festa Dionisiaca) para um pouco mais de uma centena de pessoas, fato evidentemente injustificável por tratar-se de um concerto da temporada. E cremos mesmo que mais de metade dos que tentavam encobrir a nudez interior da nossa principal casa de espetáculos não fazia parte do quadro de sócios. Entretanto, tal fato não causou surpresa. O próprio maestro Francisco Mignone conduziu-se com serenidade. É que talvez ele conheça o brocado popular segundo o qual «santo de casa não faz milagres». Desprezando todo o resto do programa concentramos a nossa atenção na «Sinfonia do Trabalho». Logo constatamos que, muito longe de possuir a estrutura formal de uma sinfonia, no sentido moderno do termo, esta obra aproxima-se mais ou menos do poema sinfônico. E o próprio autor, ao fazer comentários em torno dessa sua criação, afirma que a palavra «sinfonia», no caso, é aplicada com um valor meramente sugestivo, simbólico.



Francisco Mignone

● A «Sinfonia do Trabalho», com seu intelectualismo forçado e claudicante, integra-se perfeitamente no teologismo burguês em que a máquina ocupa o lugar primordial, a situação basilar dentro da complexa e exaustiva categoria sócio-econômica. É assim que desde as primeiras frases do movimento inicial (Canto da Máquina) percebemos a descrição da maquinaria em funcionamento, como se tais conjuntos mecânicos representassem um elemento abstrato, monstruoso, inhumano, e que culmina com o «canto da máquina», belíssimo tema confiado aos trombones. Somente depois é que a ele se une um outro tema: o que exprime o prazer humano pelo trabalho, produto lógico de uma filosofia precária em que o autor não consegue disfarçar o seu conformismo diante das coisas. Segue-se, então, uma tacitura temática, altamente rítmica, que termina com a reprodução do «canto da máquina». O «majestático conjunto mecânico» exauri-se paulatinamente até a paralisação total, enquanto o «pobre homem» limita-se à contemplação do espetáculo. No segundo movimento (O Canto da Família) o trabalhador goza o lazer na paz restauradora do seu lar: uma toada, cantada pelos violoncelos, e impregnada de um profundo lirismo, encerra o entrecho, denotando a alegria geral através do brilho e da florescência instrumental. As canseiras causadas pelo trabalho inexistem: todos riem, cantam e se divertem no auge de uma felicidade que poderia muito bem ser traduzida pelo colorido suave e paradisíaco das páginas dessas revistas de propaganda que as embaixadas costumam distribuir com tanta cortesia.

● No «Canto do Homem Forte» (terceiro movimento) a concepção alteia-se, busca uma gradação superior. Fundamentada preponderantemente no ritmo do samba, a melodia consegue um curioso efeito descritivo. Depois o canto é repetido, num crescendo, por uma verdadeira multidão de homens fortes que afirmam a potência realizadora não do homem em si, mas da sociedade, que nunca se cansa, nem sente a presença de qualquer fator dissolvente dentro dos limites da relação do indivíduo com o trabalho. A obra termina com um «allegro» que é o «Canto do Trabalho Fecundo». Nesta parte, o homem justifica todas as coisas em razão da laboriosidade, persistente, cotidiana. É o preço do seu resgate e, em última análise, da sua própria liberdade. Por isso mesmo, o trabalho deve ser o motivo todo poderoso da sua submissão. Então, o tema do movimento anterior reaparece e envolve todo o quarto movimento de forma ainda mais apoteótica e glorificadora. Dentro de um ponto de vista geral, a «Sinfonia do Trabalho» é uma obra de gabinete. A concepção, unitária e global, purifica a doutrina socialista e a realidade capitalista, numa fusão aparentemente singular mas verdadeira em sua essência. É a inspiração veio de cima, com gestação provavelmente nos escritórios de uma grande fábrica ou na comodidade passiva da alma de espectador empolgado.

NOTICIÁRIO

Encerrou-se no dia 30 de setembro último a Temporada Lirica Internacional. A última récita da temporada foi realizada com três óperas, cada uma de um ato. Foram elas «Il Segreto di Suzana», «Amelia al Ballo» e «Cavalleria Rusticana».

★ ★ ★

Recentemente fundada nesta capital a Sociedade de Autores e Amigos da Música Brasileira, sua primeira diretoria está assim constituída: Presidente, Batista Siqueira; Vice-Presidente, Grau; 1º Secretário, Arnaldo Rabelo; 2º Secretário, Babi de Oliveira; 1º Tesoureiro, Hermenegildo Lobato; 2º Tesoureiro, Demasio Peres, e bibliotecário, Iara Coelho. A sede provisória da SAAMB, que dentro de alguns dias iniciará suas atividades, está localizada no Centro de Música e Conhecimentos Gerais, à rua Cândido Mendes, nº 140, sala 106.

★ Despediu-se, no dia 7 do corrente, da platéia carioca, o pianista patriótico Jacques Klein com o seguinte programa: Concerto para piano e orquestra em lá menor, op. 54, de Schumann; Concerto para piano e orquestra em si bemol, nº 1, de Tchaikowsky, com o acompanhamento da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho. O jovem pianista cearense embarcou em seguida para a Europa, a fim de cumprir contratos na França, Austria, Escandinávia, Inglaterra e Alemanha.

A TV TUPI NA URCA

NA semana que precedeu às eleições, o assunto do momento era a análise das possibilidades maiores ou menores que cada candidato apresentava, caso fosse eleito. Esta era a questão de maior importância naquela semana.

Talvez aproveitando essa ocasião em que todas as atenções estavam voltadas para a política, não havendo novidades em outros setores, os dirigentes da TV-Tupi acharam conveniente efetuar a já tão esperada mudança dos seus estúdios para o antigo Cassino da Urca. A transferência foi feita em um dia, para que a programação normal da emissora não sofresse interrupções nem os telespectadores ficassem prejudicados. Em semana anterior comentamos que as últimas apresentações nos estúdios instalados na avenida Venezuela foram fracas, com bastantes deficiências técnicas. O mesmo se deu ainda durante os primeiros programas apresentados nas novas instalações na Urca. Durante alguns dias os espectadores lamentaram a transferência, pois a TV-Tupi já havia conseguido uma programação bastante regular e com o mínimo de deficiências técnicas, por isso agradando bastante.

Esse desacerto é perfeitamente compreensível, se analisarmos a rapidez com que foi feita a transferência de toda a aparelhagem de TV, sem que houvesse tempo para os devidos ajustes, necessários após a mudança, antes da estação voltar ao ar. De qualquer modo, as apresentações que aos poucos têm melhorado, voltando quase à normalidade, vêm sendo feitas em caráter experimental. Talvez ainda em outubro tenhamos a estréia definitiva da TV-Tupi em suas novas instalações, anunciando-se para tal ocasião um grande «show», seguido de uma revisão total da programação apresentada até hoje, com a promessa de exibição de sensacionais atrações, nacionais e estrangeiras. Aguardemos pois, desejando que todas as promessas possam ser cumpridas e ultrapassem à expectativa dos telespectadores. Felicidades para a TV em sua nova fase e um voto de louvor pelo esforço realizado com a mudança feita em curto espaço de tempo, pois o público não poderia ser privado de uma de suas melhores distrações.

VAMOS MELHORAR?

Heloisa Helena, artista de reais méritos, que se apresenta na novela da TV-Tupi «David Copperfield», com agrado, embora por vezes a sua caracterização seja exagerada, não consegue o mesmo sucesso, infelizmente, nas entrevistas que faz, em «Eles têm cartaz», uma das sessões de «Tele-Semana Garson», quando convidada para o programa algum artista ou figura de destaque do momento. Em uma das últimas apresentações, entrevistando Di Cavalcanti, Heloisa confundiu-se e, por vezes, sentiu-se bastante embaraçada. Que tal antes do programa fazer um pequeno roteiro das perguntas a serem feitas? Isto tornará a entrevista mais eficiente e o tempo melhor aproveitado.

★

A obra de Dickens, «David Copperfield», tem sido apresentada em capítulos, pela TV-Tupi,

com bastante fidelidade ao ambiente da época e boas interpretações dos artistas que dêle participam. Em uma das apresentações, Nair Amorim, uma das intérpretes, tocava ao piano, isto é, fingia executar uma melodia, quando foi interrompida por algumas batidas em uma porta localizada às suas costas. Voltou-se, naturalmente, apressando-se para dirigir-se a ela, mas, infelizmente, esqueceram de parar a vitrola e o disco continuou a ser ouvido, enquanto a pianista caminhava para a porta...

Um pouco mais de atenção para com esses pequenos detalhes...

★

A TV-Rio, que tem lutado bastante para melhorar, já tendo conseguido público para grande parte de seus programas, precisa também cuidar um pouco da propaganda apresentada.



Heloisa Helena e Ioná Magalhães em uma das novelas apresentadas pela TV-Tupi.

Nada mais desagradável para o tevedo do que ouvir, por vários minutos, uma série de anúncios, que ainda se tornam mais enfadonhos quando lidos por moças e rapazes, ante as câmaras. Com um pouquinho mais de tempo e boa vontade, a propaganda poderá ser memorizada, o que a fará bem mais interessante, sendo ouvida com agrado e trazendo vantagens para o patrocinador.

★

Manuel Jorge, às terças-feiras, apresenta na TV-Rio «O que vai pelo cinema», onde procura orientar os tevedos quanto aos cartazes cinematográficos da semana. Para ilustrar as suas palavras, Manuel Jorge utiliza recortes de jornais, onde são anunciados os filmes e, colocando-os sobre um fundo branco, exhibe-os ante as câmaras, indicando ao público em que cinemas a película está sendo apresentada. Parece-nos que o cronista cinematográfico pode prescindir desses recortes nos comentários que faz. Caso queira continuar ilustrando suas palavras, deverá lançar mão de cartazes maiores, com títulos mais visíveis, onde os tevedos possam ler com facilidade os nomes dos artistas e circuitos de exibição dos filmes.



Grupo de artistas da TV-TUPI, após a apresentação de um dos seus «shows» variados.

● **NOVIDADE** — A TV-Rio estreou «Nasce um compositor», programa destinado a divulgar composições de autores estreantes. A idéia é interessante pois dá oportunidade a que se tornem conhecidas algumas revelações. Na estréia, a apresentação foi feita por um locutor que não conseguimos identificar. Depois de explicar o porque da criação do programa, tendo cometido vários erros de Português, finalmente entrevistou os autores que tiveram as suas composições interpretadas por artistas da TV.



Amor e o Sol

Conto de HUMBERTO DE SÁ NOGUEIRA

QUASE como um golpe ilícito a garrafa caiu da mesa e ao espalhar-se no cimento uma ponta alcançou em cheio o tornozelo de Vitor. A meia branca tingiu-se de sangue. No silêncio do bar o impacto soou como uma bofetada num espelho, e espantou um freguês, — um velhote que cochilava no fundo. Em frente a Vitor, Pierre curvou-se para examinar o ferimento, acompanhando o gesto do amigo.

— Feriu muito? perguntou.
Vitor retirou com o lenço um pequeno estilhaço preso à meia pela metade e olhou-o sorrindo:

— Não. Parece que não sangrará. Como foi que a garrafa caiu?

— Você colocou-a em falso, junto à beirada — ele pôs a mão no leve declive em que a madeira partia-se — e olhou para a porta na mesma hora.

Com o lenço que usara Vitor fez uma espécie de atadura e amarrou-a no tornozelo, após ter abaixado a meia.

— Estará bem agora.
Pierre fez um sinal com o dedo:
— Vinha alguém entrando, quando você olhou para lá?

Ele ergueu o olhar na direção da porta e pareceu pensar, por um instante. Sua testa franziu-se um pouco.

— Tive essa impressão — respondeu, quase num sussurro.

Essa impressão. Talvez o vago contorno de uma figura humana que ali tivesse penetrado, algo como uma presença física que o perturbasse durante um momento, justamente quando a garrafa de vinho caiu. Vitor tornou a mirar a porta. Um nada impreciso, estranhamente incomum naquele minuto que o absorveu. Sentiu alguma coisa do passado movendo-se em sua mente, um movimento leve e felino de quem prepara um bote. Era necessário fugir a isso e desviar o pensamento em outro sentido, algo menos irreal e mais presente.

George, o garção, vinha enxugando as mãos do lado oposto do bar.

— George, — disse Vitor — nossa garrafa quebrou-se. Arranja outra?

Magro e anguloso, George parou e examinou o chão. «Vejam só», disse consigo. Botou a toalha no ombro.

— Claro, claro, — respondeu sorrindo — trarei já.

Em pouco ele voltou, tendo antes apanhado os restos da garrafa quebrada, ainda espalhados. O vinho fizera um pequeno lago e um fio corria sob a mesa, para o outro lado, e alcançava agora o sapato de Vitor. Quando os copos estavam cheios novamente, Pierre acendeu um cigarro. A fumaça evoluiu-se acima de sua cabeça loura e perdeu-se no ar. Ele olhou fixamente Vitor, preocupado em acompanhar o roteiro do filete rubro de vinho. Súbito, como que sentindo o olhar de Pierre a rondá-lo levantou-se a vista.

— Vitor...
— Hum?

— Você... Você tem ido à Universidade?

Vitor encarou-o melhor. Depois, como se lhe custasse responder, resmungou:

— Não.

Pierre continuou a contemplá-lo, estudando-o, apesar de conhecê-lo há tanto. Ali estavam o olhar calmo e profundo, os espessos cabelos, o rosto maduro, quase tranquilo. As linhas do queixo às vezes demonstravam um sentimento de desprezo por algo que Pierre não sabia exatamente o que. Mas esses indícios não eram, evidentemente, sinais dos quarenta e três anos

de Vitor. Um tipo humano meio indefinido, diariam. Apenas seus movimentos graves, carregados daquela suave energia que ele transpirava, refletiam sua dose de equilíbrio adulto. Contudo, — Pierre divertiu-se interiormente — sempre que sorria por algo mais forte, Vitor parecia-lhe um garoto, e suas orelhas avermelhavam-se intensamente.

Tinha certeza que ele seria um bom arquiteto, apesar ter-se decidido, «um pouco tarde», como muitos comentaram. Mas isso não tinha sentido para Vitor. Ser arquiteto não era função do tempo. Para Pierre, representava uma nova experiência a observar. E já havia frutos. Ele sabia que eles viriam. Foi quando, sem que o evitasse, a indagação saltou:

— Vitor... e Mara?

A pergunta foi feita tão de choíre que Pierre se arrependeu por dentro. Vitor ergueu a vista, um tanto surpreendido, e depois desfez a expressão num sorriso meio esboçado. Apenas o olhar permaneceu triste.

— Mara, Pierre, não sei exatamente. Às vezes parece-me que ela foi um sonho, um lindo sonho. Depois, — o tom decidido que ele começara foi-se desalentando — depois eu olho para mim e encontro-me cheio de desejos juvenis, — e sinto ciúme e ódio, distante de muitas coisas. Não tenho força para reprimir isso.

Ele parou. Quando pareceu abrandar-se mais, continuou:

— Mara lembra-me uma árvore, verde, nova, repleta de vida. Creio que a conheço de um tempo que vivi há muito...

Pierre sentiu voltar a criança àquele corpo adulto. A transição o fez lembrar-se de si mesmo, pequeno, na sua aldeia, dos seus bosques, de alguma esquecida lá enquanto ele também era criança. Os sons das palavras de Vitor eram como os dos sinos da sua igreja de pedra. E isso o trouxe de novo à realidade. Vieram-lhe à boca as palavras que teria para contornar Vitor. Sabia que seria postiço, e seria, por outra parte, verdadeiro. Preferiu continuar calado. Talvez fôsse um pouco difícil dar a resposta ou a solução certa a um homem de quarenta e três anos que ama uma moça de dezito. Mais difícil ainda dizer-lhe como conduzir-se.

— Porque um sonho? perguntou.
Vitor sorveu o vinho com vagar. Quando olhou para Pierre parecia querer afirmar o que iria dizer.

— De um lado, porque serão sempre sonhos o que em outros tempos podia ser verdade. — meu tempo de hoje, no caso. E de outro, será certo que buscamos a nós mesmos em quem amamos? E isso também não será sonho?

— Bem, — respondeu Pierre — você pensa num meio-tom entre a experiência e o que você chama sonho — e deve ser verdade. Quanto ao resto, talvez seja mais simples aceitar os fatos sem sacrificar coisas.

O fio rubro de vinho já passara sob o sapato de Vitor e engrossara. Parecia um pequeno rio visto do alto.

— Na sua França, — perguntou Vitor — seria assim? Que espécie de solução você conseguiria?

Pierre recostou-se. Seus ouvidos captaram o ruído do vento na rua. Ali dentro apenas o silêncio pesava.

— Talvez eu precisasse de nova fé para recomençar — respondeu.

— Você recomençaria a pintar se um dia todos os seus quadros se perdessem? Num incêndio, por exemplo?

Vitor encheu os dois copos e esperou a resposta.

— Há uma determinada coisa que eu procuro

na minha arte. Se eu continuasse o mesmo homem, ou o mesmo artista, — e o incêndio não destruiria meu mundo — tenho certeza que sim, eu ainda a procuraria.

— Isto quer dizer que você ainda não a encontrou...

Pierre, sorriu vagamente:

— Mas eu não estou em desespero...

Vitor procurou um cigarro. Após tragar com lentidão sua mão atagou nervosamente o copo de vinho, cujo vidro refletia a luz da lâmpada acima de ambos e misturava-se ao vermelho do vinho. As duas cores não se combinavam e ele afastou o copo, irritado. Tentar acalmar-se não o preocupava, mas sim a definição de algo em seu cérebro o colocava num ponto vago e distante.

Seu tornozelo latejou levemente e ele ia abaixar-se, mas desistiu. Pierre pressentiu o movimento.

— Está doendo? perguntou, aparentando indiferença.

— Não.

Calaram-se novamente. O silêncio era embaraçoso e os impedia de falar sobre algo que desejavam. Vitor olhava o rastilho rubro. Pierre inquietou-se. Sentiu medo, de repente. Uma sensação estranha o percorreu, e ele achou-se pouco à vontade ali, com um receio crescente de encontrar algo ridículo naquele homem a sua frente. Nada o impedia de pensar assim, embora procurasse evitá-lo. Buscou qualquer coisa para falar e a primeira coisa que lhe ocorreu, foi:

— Você a tem visto, tem se encontrado com ela?

Vitor agitou-se na cadeira. Ergueu a cabeça e esforçou-se para dar uma resposta que parecesse natural.

— Sim, estive com ela há alguns dias. Mas por um momento, apenas. Há uma semana antes disso, saímos juntos da Universidade.

Ele mudou o olhar, levemente brilhante, para o alto, como se procurasse situar-se no que pensava. Prosseguiu:

— Ela ia alegre, tanto quanto uma menina, cheia daquele encanto juvenil, a contar-me coisas que fizera no domingo, a exprimir uma felicidade simples e pura. Parava em dado detalhe engraçado, — fazendo-me às vezes sorrir com ela também...

Bebeu o resto do vinho e concluiu: — Ela estava realmente feliz. Como uma pequena égua que vai ao campo pela primeira vez...

A música de uma eletrola do outro lado do bar parou subitamente, e a dor do seu tornozelo aumentou um pouco. Mas as notas continuaram a saltar em sua cabeça. O copo vazio brilhava intensamente e os pingos vermelhos escorriam ao longo dos bordos. Pierre ia tornar a servi-lo, mas ele retrucou rapidamente:

— Não, não quero mais. Vamos sair?

O francês anuiu: — Vamos, se você quer. — Gritou para o garção: — George!

Após alguns minutos, saíram. Ao chegarem à rua, a lua colheu-os em cheio, como um facho luminoso. Pierre colocou as mãos nos bolsos, sentindo o frio que o vento contrário trazia. «O mesmo vento que ouvi há pouco», pensou. O trecho que andavam era de areia e, sem que o percebesse, Vitor ia deixando marcas do seu sapato, vermelhas do vinho, sobre ela, até que foram desaparecendo aos poucos.

Ambos caminhavam em silêncio. Dobraram uma esquina e entraram numa rua, de cujos postes pendiam luzes mortíferas e os mosquitos zumbiam em torno. Vitor ia de cabeça baixa e meditativo. A expressão meio tensa desfez-se quando ele tocou no braço do amigo.

— Pierre...
— Hum?
— Hoje...
— Que houve hoje?
Ele parecia preparar-se. Seus movimentos eram mais tensos.

— Hoje... eu a vi.
— Mas você não me disse que...
Vitor chutou um seixo. Acompanhou-o com o olhar e depois continuou:

— Sim, — disse com tristeza — mas hoje foi inteiramente diferente. Como um dia que a gente nunca quer que chegue.

— Em que sentido? perguntou Pierre, curioso.
— Como algo que não podemos suportar e vamos adiando. E' cruel, Pierre. Não parte de nós, pois somos os atingidos e não temos chance. E' uma razão superior, que nos impede de saber como nos portar.

— Mas como aconteceu? Como um fato ou acidente?

— Tive que ir à Universidade buscar uma maquete. Demorei-me algum tempo e depois desci. — Ele respirou profundamente: — Vinha pelo longo corredor, conversei com alguns alunos, e de repente a vi, de longe, vindo em minha direção. Parecia quase a correr. Fui andando, pensando o que iria dizer, que assunto conversar. Depois...

— Continue...

— Ela passou por mim... sem sequer me notar. Seus olhos brilhavam, ia cheia de ardor e alegria.

Pierre sentiu um choque. Imediatamente, antes que Vitor o pressentisse, acrescentou, interrompendo-o:

— Provavelmente ia para uma aula. Talvez estivesse atrasada.

Vitor olhou-o, sorrindo: — Não, meu caro Pierre. A gente percebe. E' como algo sôlto pelo ar, ou como palavras que estão sômente ao nosso alcance. E' fácil compreender a animação e o entusiasmo incontidos no rosto de uma jovem de dezoito anos. Parecia que o próprio vento o levava.

Pierre olhava-o fixamente e pensou em perguntar: — «Você acha que...», mas calou-se e desistiu.

Sentiu a noite dentro de sua boca, penetrando pelo seu interior, a invadir todos os seus compartimentos. Considerou-se como um prolongamento dela, como um ponto que flui sem cessar, transformando-o numa revelação dos aspectos noturnos. Sua figura era como um desejo formulado pela noite e ele a interpretava de acordo com a sua própria natureza. Seus olhos exprimiam todo aquele brilho interno e ele soube-se sozinho, por um momento que lhe pareceu longo.

Mais tarde o vento o despertou. Vitor caminhava ao seu lado, e tudo aconteceu antes voltou-lhe de assalto ao pensamento, palavras e fatos vindo em forma de sons e imagens. De súbito, Pierre pensou em Mara com mais nitidez. «Sim, sim», repetiu consigo, «lembro-me bem dela». Seus suaves cabelos castanhos, seus olhos verdes e mansos que ela mergulhava nas pessoas quando ouvia atentamente o que elas diziam, cheia daquela intuição revelada nas perguntas, e na dignidade dos seus momentos de silêncio.

Sua beleza consistia na unidade que despojava em todo o seu ser: uma tranqüila harmonia entre seus gestos, sua voz, seus sorrisos e o seu corpo físico, ora profundamente terno, ora levemente selvagem, como uma voz tensa e viva a percorrê-lo. Apenas o olhar penetrante contrastava algumas vezes com os cabelos castanhos, quando estes, ao vento, agitavam-se. — Pierre sorriu consigo — sim, selvagemmente, como uma pequena égua. (Cont. na pág. 45)



O contraste de uma velha cidade cada vez mais moça:



LISBOA — DOS BAIRROS ANTIGOS QUE SE PERDEM NA NOITE DOS TEMPOS

**E DAS MODERNAS AVENIDAS, LUMINOSAS, FLO-
RIDAS E DE RARAS BELEZAS. — PEQUENOS MO-
TIVOS QUE IMPRIMEM À CIDADE DE ULISSES**

**UMA FISIONOMIA ESTRANHA — LISBOA MO-
DERNA, UMA LIÇÃO DE BOM-GÔSTO E URBANIS-
MO — MOURARIA... ALFAMA... BAIRRO ALTO...**

A LGUEM escreveu e com razão:
 "Lisboa é uma cidade diferente.
 Nascida da aventura é
 ainda uma aventura, estranha e magnífica,
 um cântico de amor, uma sinfonia
 de luz e de perfume. Da doçura
 do seu clima privilegiado, do
 afável trato das suas gentes
 e da magia do seu
 encanto natural, traz o estrangeiro que a
 visita, gravada no coração, uma
 das expressões mais doces de todos
 os idiomas — a Saudade".
 É verdade: Lisboa, cidade de muitas colinas,
 faz avistar do alto de seus miradouros,
 luminosos panoramas. Tem bairros tão
 antigos que se perdem na noite
 dos tempos, pequenos motivos que lhe
 imprimem uma fisionomia
 estranha e flagrantes tão modernos, que a
 põe em evidência com as cidades
 mais moças do mundo. Seus
 parques e jardins valem por uma lição de
 bom gosto. Nesta página, três "motivos"
 distintos: Uma avenida moderníssima,
 um bairro tradicional e um sorriso de
 mulher, tendo como "background", o Tejo.





UM POUCO DE BELEZA

Maquilagem dos olhos

● Pergunte a um homem se gosta de olhos maquilados e ele lhe responderá invariavelmente que NÃO. No entanto, faça um «make-up» correto e ele a cumprimentará pelo brilho de seus olhos, e ficará imaginando por que você ficou mais bonita assim de repente.

O segredo está em saber «como» aplicar a máscara. Passe um pouco de pó

nos cílios antes e com uma escovinha apenas úmida e não seca, nem muito molhada aplique o preparado da raiz dos cílios para as pontas. Deixe secar bem antes de remover o excesso. Este será retirado com facilidade com um pedacinho de algodão enrolado na ponta de um palito e passado em «cold cream». (Foto de Jeanne Crain).

Maneira correta de usar o pó de arroz

● Só existe uma maneira realmente certa e eficaz de se empoar, mas que nem sempre é posta em prática. Antes de tudo, é absolutamente necessária a aplicação de uma base: cremosa ou líquida, incolor ou em tonalidade de acordo com a de sua pele. Sem a base não se conseguirá dar à cutis o aspecto veludoso e suave que se procura. Prenda os cabelos numa faixa justa, para que o «make-up» possa ser aplicado bem junto à raiz dos

cabelos mas não sobre estes, e use uma capinha plástica, ou simplesmente uma toalha sobre os ombros, a fim de proteger a roupa. Depois de aplicada a base, passe o pó generosamente em todo o rosto, até mesmo sobre as pálpebras (fechadas). Com uma escovinha macia retire, então, todo o pó excedente. Terá conseguido dar à pele uma suavidade delicada.

CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

● SE VOCÊ QUER SE CASAR... —

“Não importa que você seja bonita ou feia, diz um especialista em assuntos matrimoniais, basta que saiba como agir quando está junto ao “homem dos seus sonhos” para que ele acabe se casando com você.”

Eis os conselhos que dá às jovens aspirantes ao matrimônio:

— Quando um rapaz lhe faz a corte não dê a entender imediatamente que você está doidinha para se casar.

— Saiba estimulá-lo a declarar-se, porém com discrição e sem lhe dar provas de afeto “excessivas.”

— Ache interessante e maravilhoso tudo que ele faz.

— Ainda com discrição, e sem insistência, faça com que ele sinta “como seria belo vivermos só nós dois ainda que fosse num lar pequeno e humilde.”

— Ache bonita a gravata que ele disse ter sido presenteada pela tia e que você depois descobre ser presente de uma sua rival.

— Não procure saber logo de quantas ele gostou antes de conhecê-la.

— Insinue, no momento oportuno, que casar não dá tanta despesa assim, pois os móveis podem ser comprados também a prestação.

— Participe de sua admiração por vultos femininos com Marilyn Monroe, Grace Kelly ou Gina Lollobrigida.

— Diga-lhe (com toda convicção, porém nunca mais de uma vez por mês) que ele é mais simpático ou mais bonito que Marlon Brando.

— Nunca lhe apresente a sua “melhor amiga.”

● MODELO DE PARIS POR POU-COS DÓLARES —

Graças à iniciativa do desenhista de modas parisiense Serge Kogan e de um industrial norte-americano, as mulheres dos Estados Unidos poderão dentro em breve ter um autêntico vestido de corte parisiense por pouco dinheiro. Os vestidos serão cortados já no tecido e exportados para os Estados Unidos. A compradora terá que armar e costurar o seu vestido seguindo as instruções que acompanharão o modelo já cortado. Para evitar que os modelos fiquem por demais vulgarizados, decidiram os empreendedores do negócio que será remetido apenas um modelo para cada cidade com menos de 10.000 habitantes.

Serge Kogan — que tem agora sua própria casa de modas em Paris, foi desenhista de Lucien Lelong e Dior.

● ORIGEM DO FERRO DE ENGO-

MAR — Durante muitos séculos não se conheceu o uso dos ferros de engomar. As roupas (depois de lavadas com água e cinza de lenha, antes da invenção do sabão) eram torcidas, esticadas e depois de ajeitadas as pregas e outros detalhes no lugar, postas durante certo tempo ao vapor d'água para alizarem.

O uso do ferro de engomar é relativamente recente, apareceu no século XVIII, e parece que na Polônia. Os primeiros eram achatados, e esquentados sobre chapa aquecida. Depois é que vieram os ferros a carvão (uma novidade para as nossas avós!) e mais recentemente os elétricos, com suas inúmeras variedades para costureiras, alfaiates, para viagens, etc. etc.

SUGESTÃO PARA VOCÊ

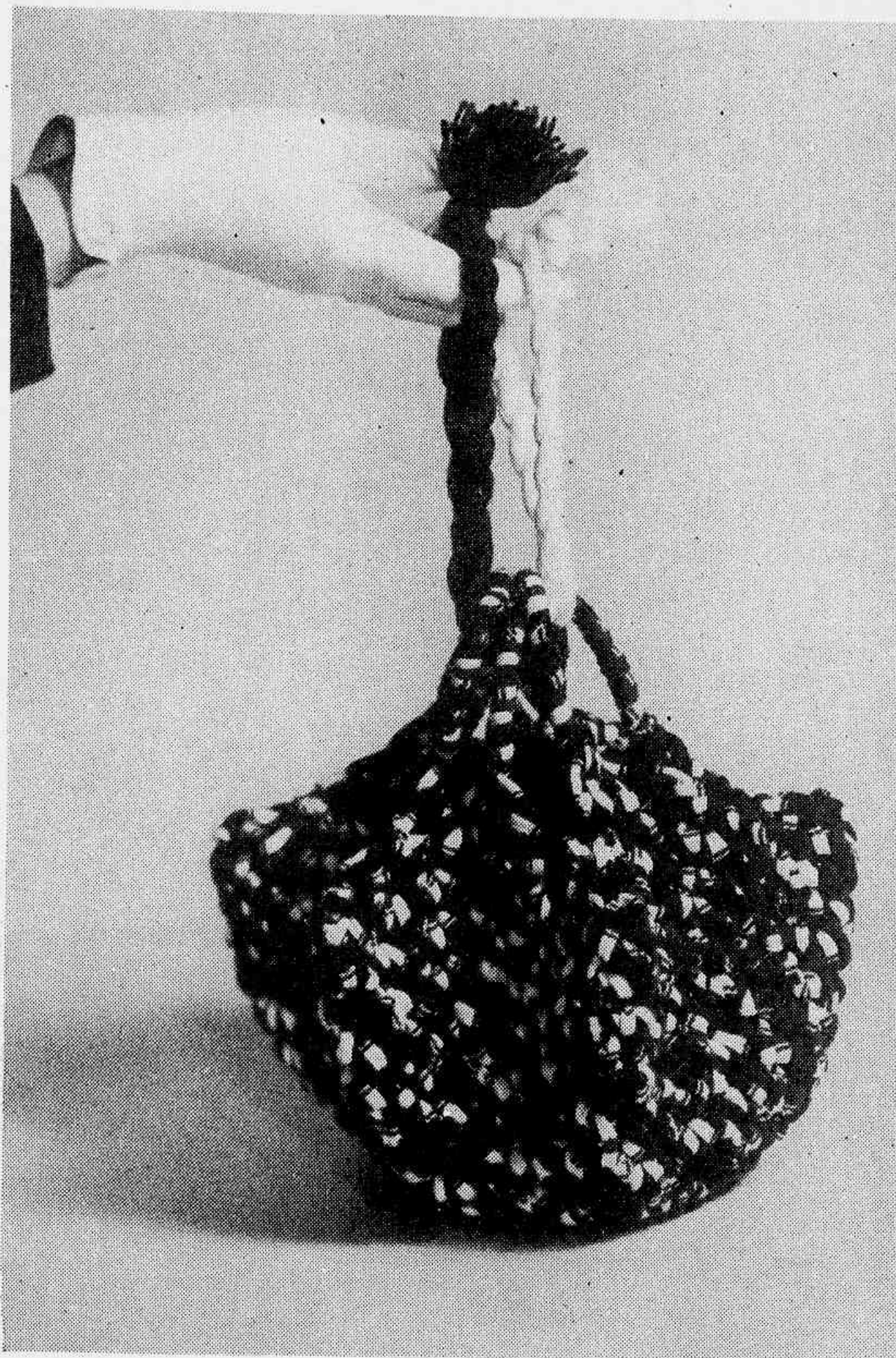
● Se você gosta de fazer croché e quer ter uma bonita sacola para acompanhar o «tailleur» esportivo faça-a igual à da fotografia. De execução facilíssima, e... rapidíssima, pois a agulha que se emprega é de boa grossura (agulha de croché em madeira, nº 2) e o fio também (barbante macio ou fio grosso para tapete em cor matizada como na foto, ou lisa, se preferir). Começa-se com uma trancinha de 2 pontos e trabalha-se sempre em pontos simples.

1ª carreira: — 6 pontos na 2ª laçada, a contar da agulha.
— 2ª carreira: 2 pontos em cada ponto da carreira anterior.
— 3ª carreira: alternadamente, 1 ponto e 2 pontos em cada ponto da carreira anterior. — 4ª carreira: aumente 6 pontos em toda a carreira a intervalos iguais. Terá ao todo 24 pontos.

Carreiras seguintes: continue aumentando 6 pontos em cada carreira a intervalos iguais, e de maneira a coincidirem os aumentos com os das carreiras anteriores. Arremate quando tiver completado 18 carreiras.

Alças: corte 6 pedaços de corda, não muito grossa, de cerca de 25 cm. Enrole o mesmo fio que utilizou para o croché em torno de cada corda formando 6 alças que serão costuradas nos vértices do hexágono crochettato.

Arremate: corte um círculo de papelão de 20 cm de diâmetro e costure no centro do hexágono para formar o fundo da bolsa. Forre a sacola com lonita ou outro tecido grosso. Faça um cordão de linha grossa ou lã e enfie nas 6 alças em sentido oposto para fechar a bolsa e segurá-la.



★ BURACOS NOS MÓVEIS — Se os seus móveis estão marcados de buracos feitos por cupins ou arranhaduras fundas, tape-os com uma mistura de talco e verniz, antes de pintá-los ou envernizá-los de novo. Com um pouco de anilina você poderá dar à massa exatamente a cor da madeira, tornando o conserto quase invisível.

★ OS TACOS SOLTOS DOS ASSOALHOS de madeira podem ser facilmente recolocados sem que para isso precise chamar um profissional:

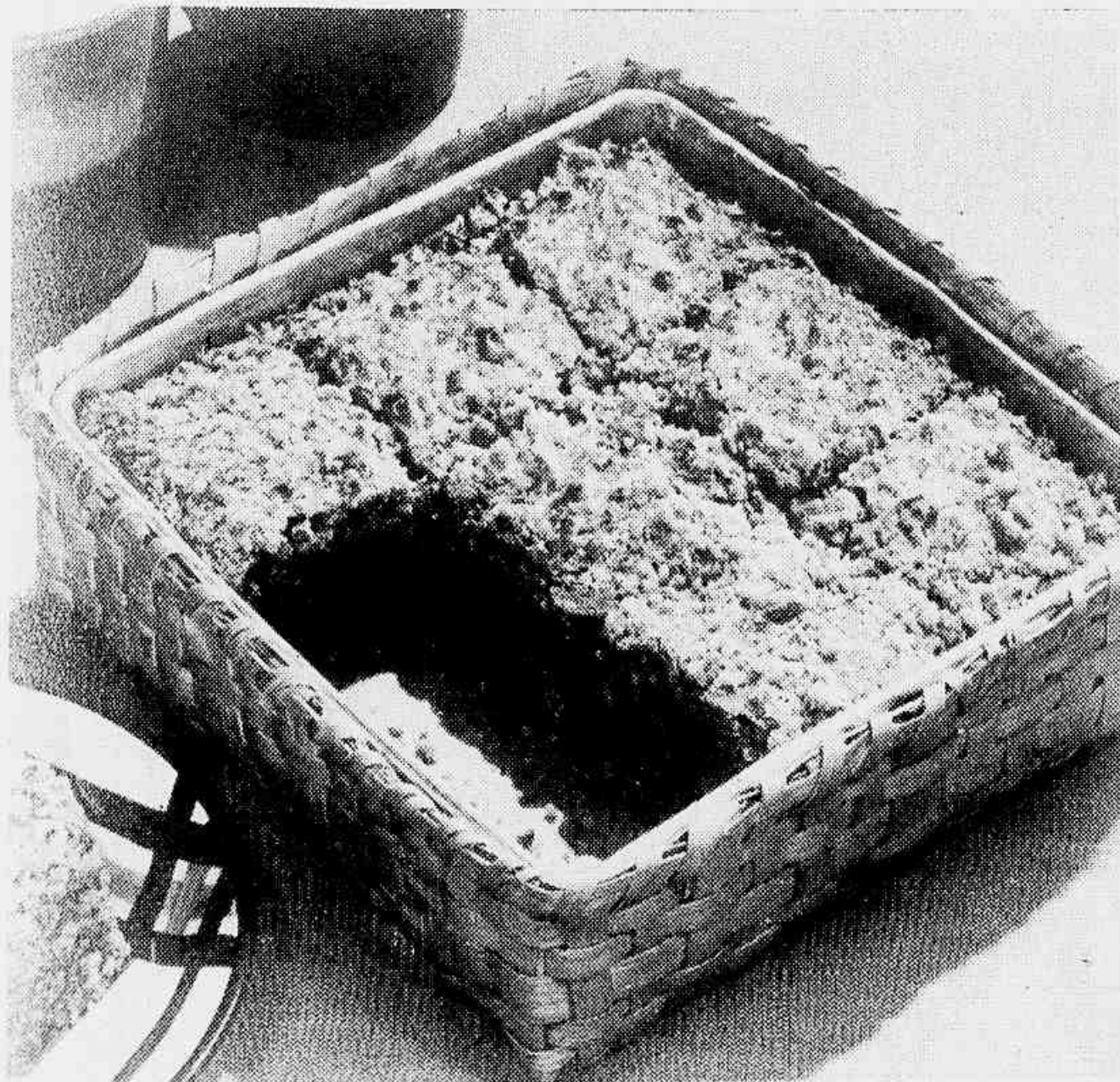
NOTINHAS ÚTEIS

Retire o taco e limpe muito bem a cavidade de qualquer cisco ou poeira. Derreta um pouco de parafina em banho-maria. Jogue na cavidade, coloque o taco e comprima-o. É conveniente não deixar ninguém pisar em cima durante umas duas horas para que fique bem aderente.

★ SE VAI MANDAR uma encomenda pelo Correio, tenha o cuidado de escrever bem o endereço e de colar por cima um pedaço de papel

encerado ou fita adesiva transparente. Evitará que o endereço fique ilegível depois de passar por muitas mãos, com risco até de perder a encomenda.

★ PARA QUE SUAS MEIAS de nylon ou de seda durem muito mais, depois de lavá-las pela primeira vez deixe-as de molho durante umas duas horas em um litro de água fria ao qual se dissolveu uma colher das de sopa de alumínio em pó. Depois enxague-as e ponha para secar em cima de uma toalha felpuda, seca.



WEEK-END NA COZINHA

Já é tempo de reabilitar e remodelar o tradicional e saboroso «pudim de pão». Além disso, é essa uma receita econômica e, portanto, muito útil nessa época de crise, em que os preços andam pela hora da morte. Vejamos a receita:

1 — Deixe de molho no leite uma boa quantidade de pão guardado (miolo e crosta), mais ou menos o equivalente a uma bisnaga de 3 cruzeiros para um pudim de tamanho normal. ● Quando o pão estiver bem encharcado e todo amolecido, acrescente uma gema, adoce a vontade, tempere com uma pitadinha de sal, bastante canela em pó e alguns cravos bem moídos (2 ou 3). Passe toda essa massa pelo liquidificador, a fim de obter um líquido grosso e homogêneo. ● 3 — Unte uma assadeira quadrada ou retangular com bastante manteiga. Ponha a massa, e asse em forno moderado, perto de meia hora. Retire do forno quando estiver todo tostado por igual. ● 4 — Quando ainda bem quente cubra com o seguinte:

— 4 colheres das de sopa de açúcar cristalizado, com 1 colher das de sopa de manteiga e 1 colher das de sobremesa de canela em pó. Misture com um garfo, até obter uma massa granulosa. Espalhe sobre o pudim bem quente como dito acima.

Sirva depois de bem frio, cortando-o em quadrados regulares.

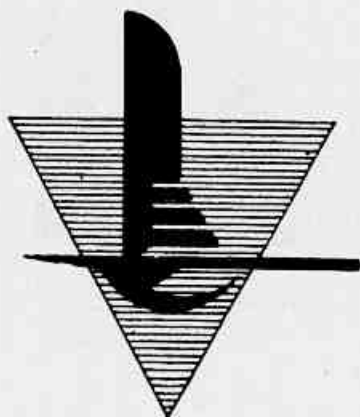
Uns viajam a
CUIABÁ
outros a
CAMPO GRANDE

mas todos
seguem pelo
mesmo caminho:

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS

CIDADES SERVIDAS EM
MATO GROSSO:

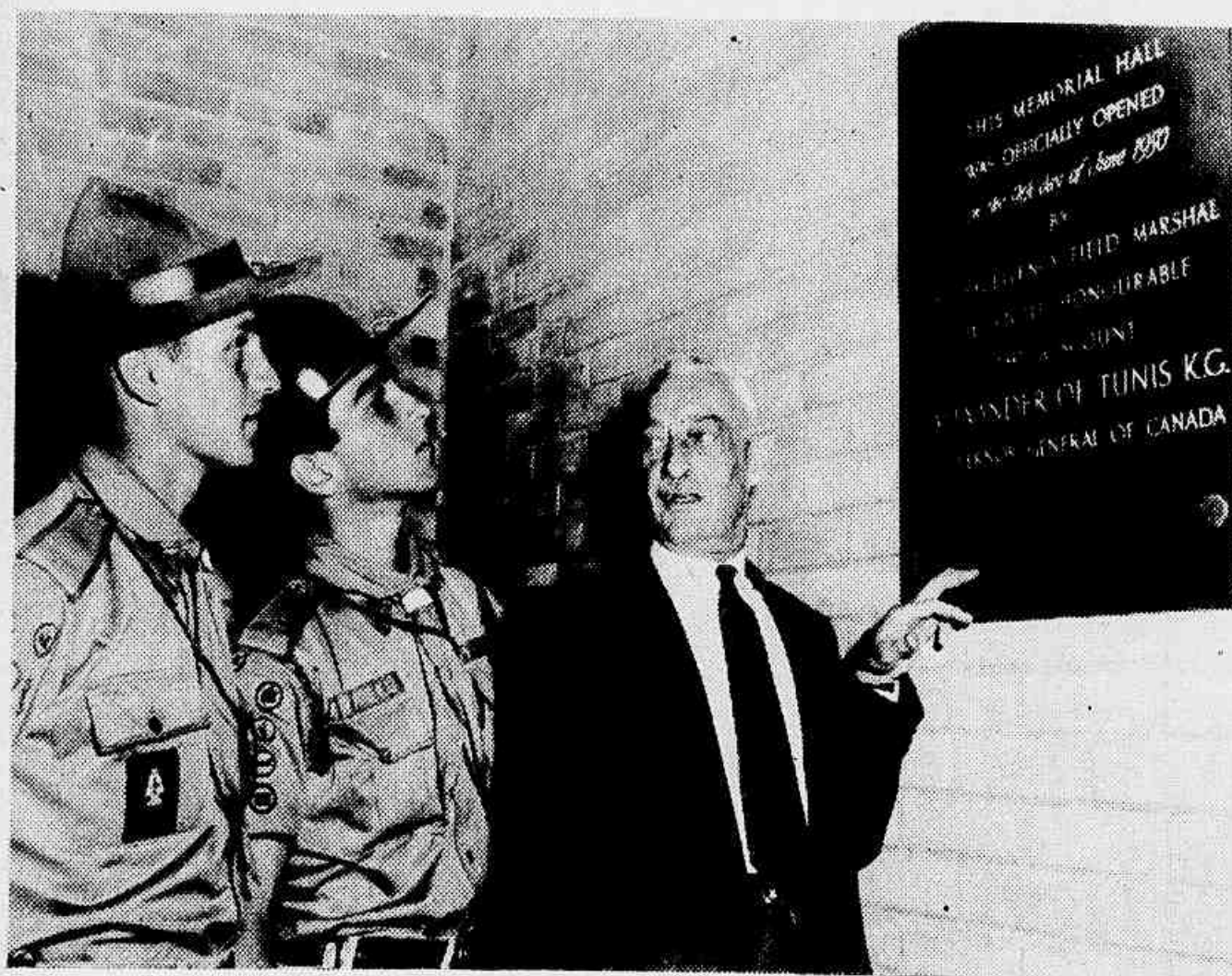
Bela Vista	Guiratinga
Cáceres	Maracajú
Campo Grande	Nortelópolis
Corumbá	Poconé
Coxim	Ponta Porã
Cuiabá	Poxoréu
Dourados	Três Lagoas



Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119 - Rio

LEIAM:

ESPORTE ILUSTRADO
TÔDAS AS QUARTAS-FEIRAS



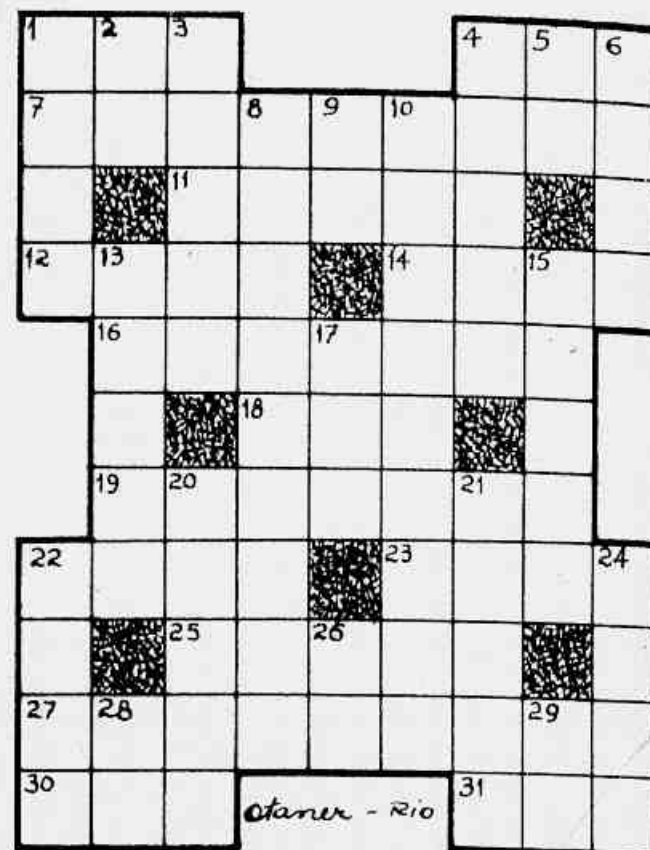
● Por ocasião do último «Jamboree» Internacional, realizado este ano no Canadá, a delegação de escoteiros brasileiros teve oportunidade de realizar diversas excursões aos mais variados e pitorescos recantos daquele país amigo. Entre outras atividades, os jovens escoteiros fizeram uma visita ao tradicional «Ridley College», em St. Catharines, por iniciativa da «Brazilian Traction, Light and Power Co., Ltd.», cujo Presidente, Sr. Henry Barden, ofereceu a um dos componentes do grupo uma bela edição em 3 volumes de «The Picture History of Canada» (História Ilustrada do Canadá). No clichê, um flagrante feito quando o Sr. H. Mc D. Henry, representante da «Brazilian Traction», mostrava a dois escoteiros patricios a placa comemorativa da inauguração do «Memorial Hall» de Ridley College. (Foto do «St. Catharines Standard»).

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 89

PARA VETERANOS

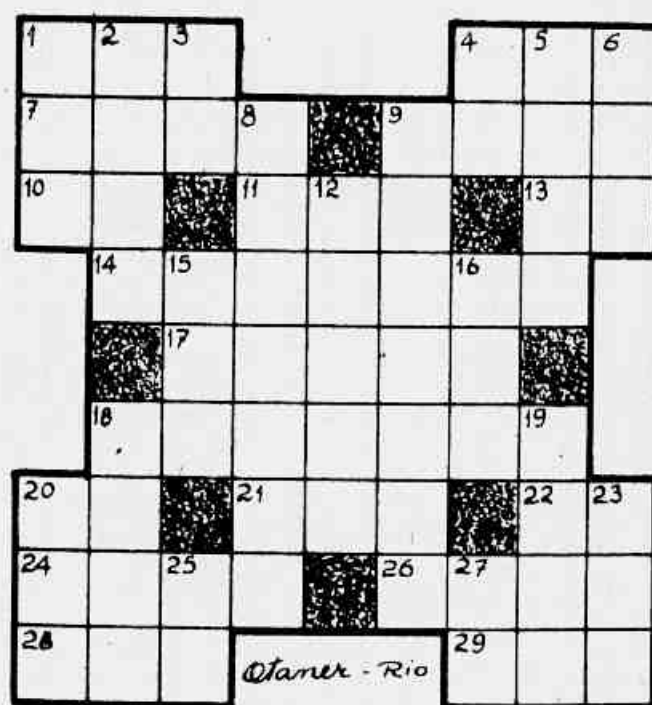
HORIZONTAIS: — 1. Oração que os mouros faziam a Deus antes de se deitarem — 4. Manifestação da vontade — 7. Gabolas — 11. Importuna — 12. Veu fino com que antigamente as senhoras recatadas velavam o rosto — 14. Traste sem valor — 16. Planta ornamental da família das Leguminosas Papilionáceas — 18. (Edgard), poeta norte-americano — 19. Combinados — 22. — Cêrca para apanhar peixe nos rios — 23. Haste de madeira a que se prendem as principais peças do arado (pl.) — 25. Nome do mais célebre poeta persa — 27. Que principia a azedar-se — 30. Vila da França, no depart. Depuy-de-dômes — 31. Acampamento.



VERTICAIS: — 1. Manójo de lã — 2. Cabrito almiscareiro da China — 3. Aplanam terras para cultivo — 4. Inseto díptero (pl.) — 5. Medida de comprimento na Birmânia — 6. Amante — 8. Reincidência no crime (pl.) — 9. Sufixo designativo de diminuição — 10. Reunião de animais que vivem em estado gregário — 13. Rêde de arrastar — 15. História — 17. Agrada — 20. Ave africana da família dos Dentirrostris — 21. Vota — 22. Descascar milho — 24. Torpe — 26. Prefixo que traz a idéia de direção — 28. Centésimo primeiro — 29. Nota forte do tambor — dada com a mão direita.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Maior — 4. Seguiam — 7. Lavram — 9. Defeito físico ou moral — 10. O mesmo que uma — 11. Quer bem — 13. Andar — 14. Grande porção de ratos — 17. Procurar, pesquisar — 18. Cesaria de andar — 20. Símbolo do rádio — 21. Cólera — 22. Único — 24. Instrumento de ataque ou de defesa — 26. Introduza — 28. Retira-se — 29. Nota musical.



VERTICAIS: — 1. Perverso — 2. Rezar — 3. Batráquio — 4. Caminhava — 5. Cantiga — 6. Oceano — 8. Grande extensão de mata — 9. Pesaram para tirar a tara — 12. Privar da vida — 15. Mau cheiro — 16. O mesmo que airi — 18. Estado do Brasil — 19. Abr. de automóvel — 20. Chefe etíope — 23. Moléstia — 25. Terceira nota musical — 27. Flexão do verbo ser.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 88

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: vil — mão — abemolado — agareno — cimbrai — Mul — nda — ária — ugar — rum — ura — parecer — adulara — granulado — ais — sol.

VERTICAIS: vá — ibacurupari — legitimadas — manangueras — adoidarrado — oo — mam — orbe — ler — mar — ará — belu — Run — cal — ga — ol.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ata — agá — taramelar — or — lar — bá — ar — rara — rei — sor — asar — ro — A.C. — rir — li — canalisar — asi — asa.

VERTICAIS: ato — tararacas — ar — al — gabarolas — ara — Al — mar — eras — rés — ror — iara — ril — aca — ri — ira — Ni — za.

Promesa

PARA UMA DAMA



EXTRATO • LOÇÃO • PÓ DE ARROZ

• MYRURGIA •

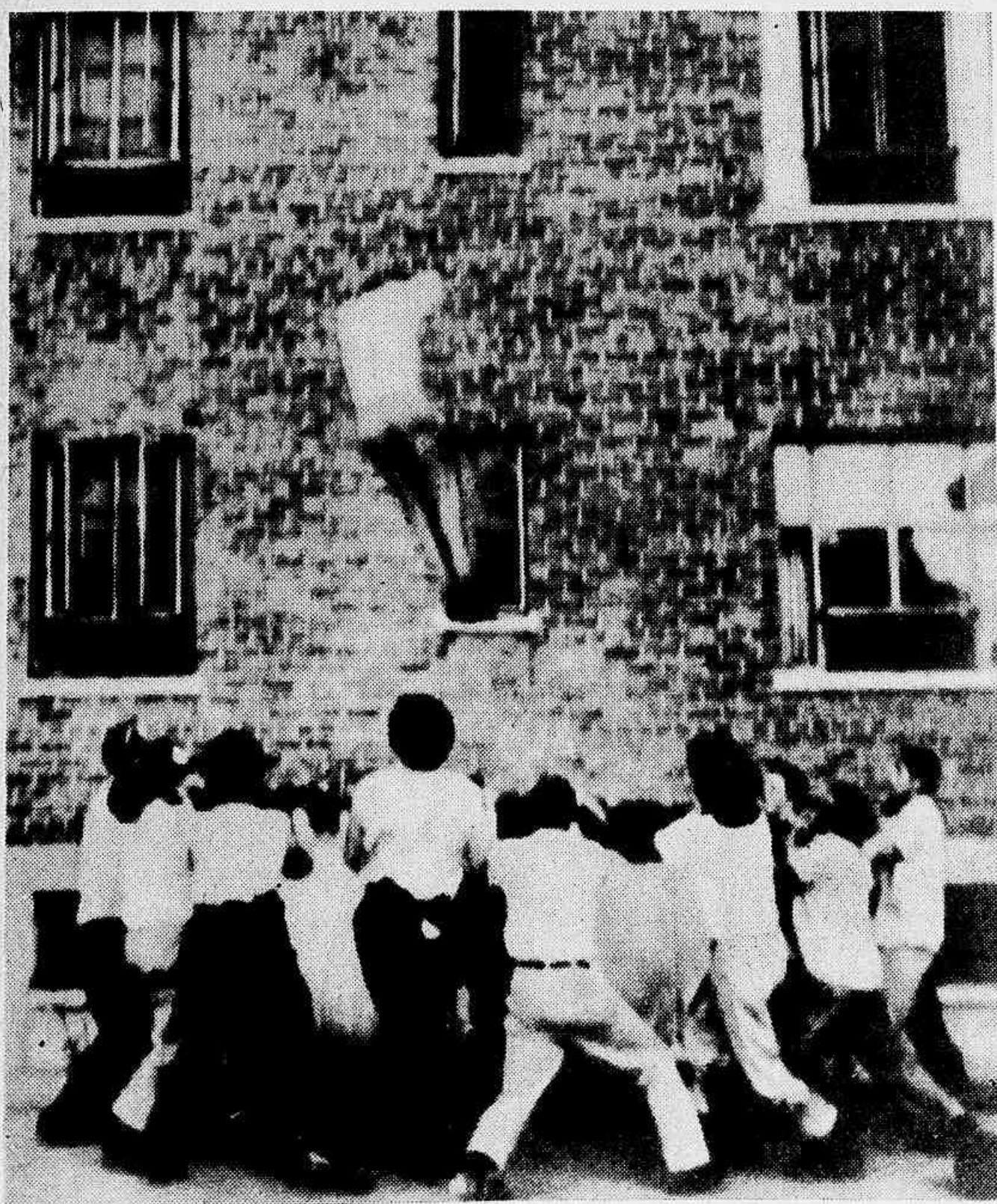


A MAIS NOVA CONQUISTA de Hollywood é essa lourinha de 22 anos, Rossana Rory. Em sua terra, a Itália, já fizera quatro filmes, quando foi descoberta por Owen Crump, que imediatamente a contratou por 7 anos.

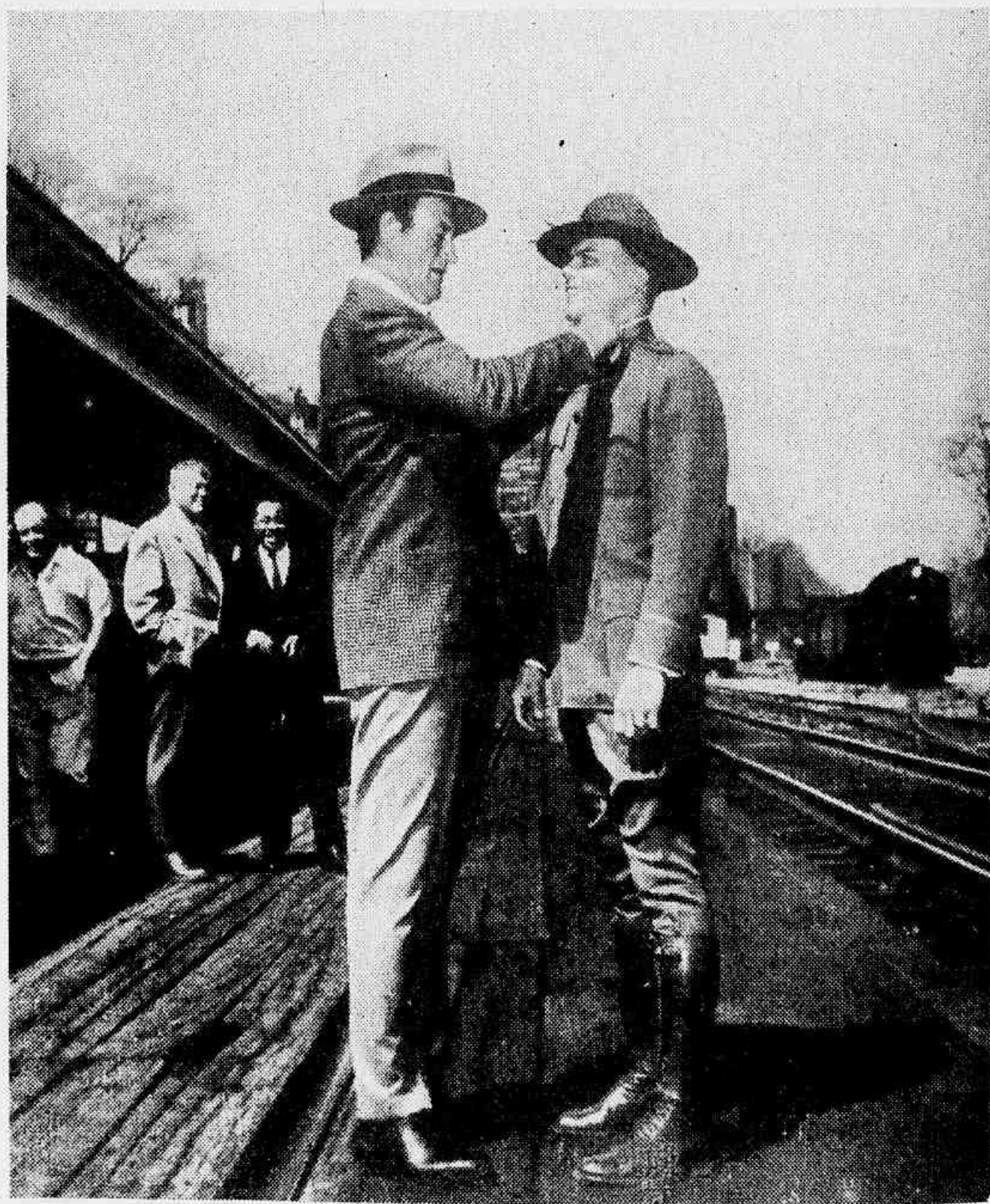


LINDA CHRISTIAN, Elsa Martinelli (de pistola em riste) e Edmund Purdom se divertem numa «villa» próximo a Roma. A belíssima Elsa iniciará em breve uma nova película, ao lado de Kirk (Van Gogh) Douglas.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



DO OITAVO ANDAR de um prédio em Newark (U.S.A.) um louco, Lawrence Yudin, tentou suicidar-se. Mas não contava com a ação dos bombeiros, que apararam são e salvo. Esses oitavos andares dão trabalho!



O «ASTRO» JOHN WAYNE ajeita o uniforme de seu filho Pat, que figurará no próximo filme do pai, ao lado ambos de Maureen O'Hara. John Wayne tem hoje 48 anos. É a primeira vez em que trabalham juntos.



CAVALGAR UMA LEOA não é tarefa comum, nem a aconselhamos a todos. Contudo, Linda Ann Young, de apenas 4 anos, resolveu montar numa, Blondie, de apenas dois anos de idade.



NO TEATRO London Stoll vem obtendo grande sucesso a revista «Kismet», da qual é protagonista Joan Diener, que atua com Harold Drake. Quem foi que disse que inglês tem mau gosto?

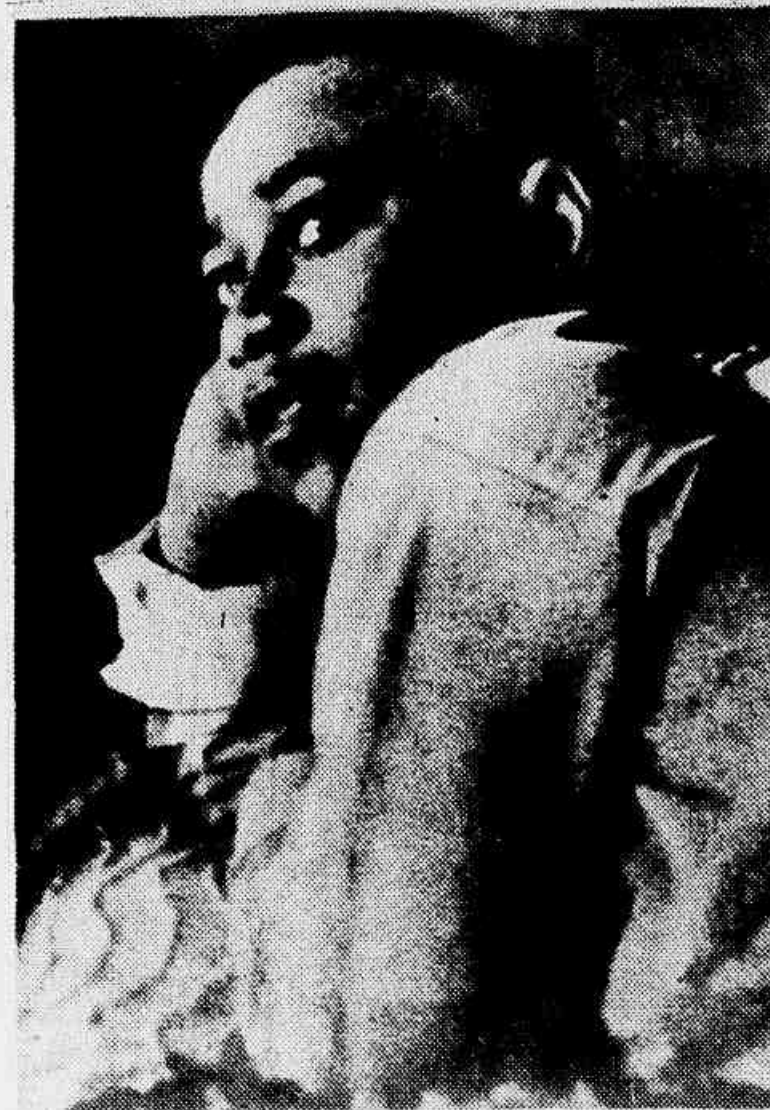


"A morte de Louis não será em vão" — exclamou sua mãe, por ocasião dos funerais. Abaixo, os dois criminosos, J. W. Milam e Roy Briant. No canto inferior, o garoto Emmett Louis, cujo assobio inocente causou-lhe estupidamente a morte.



ÊSTE CRIME NÃO SERÁ PUNIDO?

● A IMPRENSA mundial ainda comenta, indignada, a decisão de um juiz norte-americano que absolveu os indivíduos J. W. Milam e Roy Briant, que mataram a pancada o menino negro Emmett Louis, de 15 anos, pelo simples fato de ter este assobiado, na rua, à passagem da mulher do segundo. A discriminação racial, que no sul dos Estados Unidos (onde se passou o fato) é ainda bastante poderosa, foi a verdadeira motivadora do homicídio, que se revestiu de revoltante selvageria, causando indignação mesmo entre a população branca dos Estados Unidos. Os negros residentes no Estado de Mississippi, onde transcorreu a carnificina, estão em grande agitação, exigindo a punição dos culpados, seja de que maneira for. Entrará novamente em vigor a lei de Lynch, já que a lei dos tribunais, não atinge mais os brancos, limitando-se a ferir em sua fúria somente os homens de cor?





LIVROS

UMA LEMBRANÇA QUE NOS
FAZ SEMPRE LEMBRADOS

O RÁDIO AO SEU ALCANCE.
Coleção de Omar Nathan Martins

CURSO PRÁTICO DE RÁDIO — Aos que desejam iniciar-se no estudo de Rádio. Adotado em diversos cursos de Rádio. (2ª edição) 50,00

CURSO TÉCNICO DE RÁDIO — Curso completo para principiantes. Ensino metódico e racional de grande efeito prático. Muito ilustrado. 70,00

CURSO DE MONTAGEM — Manual do montador. Ensinamentos práticos sobre montagens de receptores e amplificadores. Indispensável aos montadores em geral. (2ª edição) 50,00

CURSO DE RÁDIO-REPARAÇÕES — Explica detalhadamente o verdadeiro processo de conserto de receptores e amplificadores de som. Escrito de acordo com as necessidades do estudante e do profissional brasileiro. 40,00

NOVO MANUAL DE CIRCUITOS — Contém os diagramas de grande quantidade de receptores e amplificadores de som. Sistema pelo qual se pode obter qualquer combinação de circuitos. Método popular de projetos, etc. Auxiliar eficiente nos serviços de reformas, adaptações, concertos e modificações em geral. (3ª edição) 40,00

- | | |
|--|-------|
| 1. Manual de Rádio-Reparações | 15,00 |
| 2. Rádio-Reparações sem Instrumental | 15,00 |
| 3. Métodos Modernos de Rádio-Reparações | 15,00 |
| 4. Instrumentos de Rádio | 15,00 |
| 5. Curso de Radiotécnica (para adiantados) | 15,00 |
| 6. Cálculos de Rádio e Amplificadores de Som, 1ª parte | 15,00 |
| 7. Cálculos de Rádio e Amplificadores de Som, 2ª parte | 15,00 |
| 8. Aperfeiçoamentos Radiotécnicos | 15,00 |
| 9. Receptores a Bateria | 15,00 |
| 10. Televisão Eletrônica | 15,00 |
| 11. Receptores Universais | 15,00 |
| 12. Manual de Bancada | 15,00 |

ALGUMAS OBRAS DE A. TENÓRIO D'ALBUQUERQUE

LIÇÕES PRÁTICAS DE PORTUGUÊS — Ortografia oficial. Formação do feminino, do plural, dos verbos irregulares, sintaxe, questões de português, crase, etc. (2ª edição) 50,00

CORREÇÃO DE FRASES — Trezentas frases com as correções explicadas. Trata-se do livro mais popularizado, no gênero, em todo o Brasil. (17ª edição) 30,00

CORREÇÃO DE CARTAS — Trechos de cartas com erros frequentes, acompanhados das respectivas correções. (2ª edição) 30,00

TESTES PARA CONCURSOS — Centenas de questões de concursos, com soluções explicadas. Provas de nível mental, conhecimentos gerais, etc. (2ª edição) 40,00

GEOGRAFIA DO BRASIL — Abrange toda a matéria dos concursos do DASP, Autarquias, etc. Com uma relação das 500 cidades e vilas mais populosas do Brasil. (7ª edição) 40,00

ESTATÍSTICA (Noções) — Destina-se aos que se iniciam no estudo da matéria; aos que vão submeter-se a concursos para ministérios ou autarquias; aos Agentes Municipais de Estatística, etc. 7ª edição revista e aumentada pelo Prof. Lourival Câmara, dir. da Escola Nacional de Ciências Estatísticas. 50,00

REDAÇÃO OFICIAL — Dezenas de modelos de ofícios, exposições de motivos, relatórios, cartas oficiais, avisos, portarias, circulares, notas, recursos, etc. (7ª edição) 50,00

ANÁLISE (sintática e léxica) — Classificação de: que, se, a, como, quando, etc. Numerosos exercícios 30,00

EXERCÍCIOS DE PORTUGUÊS — Centenas de questões práticas. Numerosas provas de concursos. Frases para corrigir 40,00

MATEMÁTICA PARA CONCURSOS — Livro prático, destinado a concursos do DASP, Autarquias, etc. Trezentos problemas com as soluções desenvolvidas 50,00

DICIONÁRIO DE LINGUAGEM — Como falar e escrever corretamente a língua portuguesa; dificuldades e dúvidas de linguagem; erros, correções, etc. (edição popular) 60,00

QUESTIONÁRIO DE PORTUGUÊS — Numerosas provas dadas em concursos. Todas as questões com as respectivas soluções, na segunda parte. 50,00

A ARTE DE ESCREVER — Orientação e técnica. Os mártires da pena, escolhidos pelo autor como exemplos edificantes. 50,00

PARA BEM-ESCREVER — Concordância, regência, estilo, vocabulário, correção gramatical, abreviaturas segundo a ortografia em vigor, etc. (5ª edição) 40,00

Nas Livrarias ou pelo Reembolso Postal

CONQUISTA

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Escreveu os «Maias»:

- Eça?
- Machado?
- Camilo?

2—Compôs «Bastien und Bastienne»:

- Mozart?
- Salieri?
- Wagner?

3—«O Beijo» é uma escultura de:

- Maillol?
- Brancusi?
- Rodin?

4—Estevão, rei da Hungria, chamava-se, antes de converter-se:

- Melik?
- Tufik?
- Waik?

5—O Código Civil Brasileiro é de:

- 1917?
- 1918?
- 1916?

6—«O Vento dos Cemitérios está soprando...» — verso de:

- Augusto Frederico Schmidt?
- Emílio Moura?
- Tasso da Silveira?

7—O violinista Thibaud morreu:

- Em desastre aéreo?
- Na guerra?
- De diabetes?

8—Rogier van der Weyden é também chamado:

- De La Pasture?
- Campin?
- Flemalle?

9—Por ter escrito uma história realista de Portugal (sem citar o Milagre de Campo de Ourique) foi levado aos tribunais:

- Herculano?
- Pinheiro Chagas?
- Mendes Pinto?

10—O «Anschluss» foi:

- Anexação da Áustria a Alemanha?
- Uma entente entre Holanda e Bélgica?
- Pacto de não agressão entre Hungria e Polônia?

11—Celebrava as Olimpíadas:

- Píndaro?
- Safo?
- Esquilo?

12—«Rio Moldavia» — Composição sinfônica de:

- Dvorak?
- Glinka?
- Smetana?

13—Como se chamava Caravaccio:

- Michelangelo Bucharroti?
- Michelangelo Caravaccio?
- Michelangelo Amerisi?

14—Como morreu Maomé:

- Envenenado?
- Na Guerra Santa?
- De velhice?

15—Desde quando está a capital do Brasil para ser mudada para o Planalto Central:

- 1941?
- 1945?
- 1891?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Eça; 2 — Mozart; 3 — Rodin; 4 — Waik; 5 — 1916; 6 — Augusto Frederico Schmidt; 7 — Desastre aéreo; 8 — De La Pasture; 9 — Herculano; 10 — Anexação da Áustria à Alemanha; 11 — Píndaro; 12 — Smetana; 13 — Michelangelo Amerisi; 14 — Envenenado; 15 — 1891.

Homenagem ao autor de "A ESFINGE"

● Bela, justa e tocante homenagem, foi a que recentemente prestou a Academia Brasileira de Letras, à sempre querida memória de Afrânio Peixoto. Entre os livros de sua biblioteca, que ele tanto amou, estará, como um nume tutelar, presente o seu busto, como que presidindo, no ambiente silencioso, as horas de meditação e de leitura. Oferecendo o artístico trabalho de Leão Veloso, discursou nessa solenidade, que ora reconstituo, o seu doador, escritor Chermon de Brito, após as palavras inaugurais do presidente da Academia, fazendo a cativante oferta. E em nome do cenáculo dos «imortais», em longo improviso, falou o acadêmico Múcio Leão, dizendo da figura fascinante e envolvente do homenageado, de quando mereceu a Casa de Machado de Assis, que também fôsse considerada Casa de Afrânio Peixoto, pela sua atuação sempre entusiástica, desde quando foi Presidente da Academia em 1923, trabalhando como poucos, em benefício da instituição. Assinalou a presença na homenagem que então se prestava, daquela que fôra sua dedicada esposa e que pouco antes descerrara a bandeira da Academia que envolvia o busto do sucessor de Euclides da Cunha, entre flores e palmas. Estendendo-se em considerações sobre a personalidade do autor de «Rosa mística», lembrou Múcio Leão que fôra Afrânio o criador da bandeira representativa da Academia, com a sua tradicional legenda «Ad imortalitatem», o criador das poltronas azuis, e o organizador de famosas coleções que hoje enriquecem a biblioteca da Casa, como aquela notável coleção camoneana, por todos conhecida.

A homenagem, estiveram presentes, além dos acadêmicos, alunos de um curso de aperfeiçoamento de professores, que assistiam a uma aula do professor Edgar Sussekind de Mendonça e que deram maior relevo à cerimônia da inauguração do bronze.

Tocante, justa e bela, foi, portanto, a homenagem prestada ao autor de «A Esfinge», nome que conta um sem número de admiradores em nosso país, pela persuasão de sua simpatia pessoal, pela obra numerosa e admirável que deixou e pela personalidade marcante que construiu no cenário da literatura brasileira contemporânea.



Afrânio Peixoto

CALEIDOSCÓPIO

«A mulher paulista na História», de Adalzir Bittencourt, volume de 360 páginas, em grande formato, editado por «Livros de Portugal», em edição de luxo, fartamente ilustrada, comemorativa do 4º centenário de São Paulo, revela mais uma faceta dessa escritora de nobre intelectualidade, autora de mais de uma dezena de livros de valor, em prosa e verso. Na presente obra, estuda ela os diversos aspectos da atuação da mulher na história do Estado de São Paulo, desde a sua fundação até aos nossos dias. Um livro por muitos motivos altamente recomendável e interessante, apresentando boa leitura.

«Curso de teatro» da Academia Brasileira de Letras, reunindo as conferências realizadas pelos acadêmicos Barbosa Lima Sobrinho, Viriato Correia, José Carlos de Macedo Soares, Peregrino Júnior e Austregésilo de Ataíde, é um interessante volume de 100 páginas, muito bem apresentadas graficamente, oferecendo selecionada leitura, aos amantes de assuntos que dizem respeito ao teatro, tanto no Brasil como no estrangeiro, desde épocas já ultrapassadas, até aos tempos que correm.

«Conduta sexual da mulher», é uma obra de 820

páginas, editada pela Livraria Atheneu, de autoria dos membros do Instituto de Pesquisas Sexuais da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, drs. Alfred C. Kinsey, Clyde E. Martin, Wardell B. Pomeroy e Paul H. Gebhard, traduzida para o português pelo dr. Antônio Vespasiano Ramos, livre-docente da cadeira de ginecologia da Faculdade Nacional de Medicina. Livro de pesquisa científica, recomenda-se principalmente aos estudantes de medicina, sendo porém, obra útil a quantos se interessem de forma geral, por problemas sociais e educativos. Tratado com muita perícia e seriedade, é fartamente documentado e apresenta uma orientação moderna, dando do assunto uma idéia perfeitamente clara e objetiva.

LIVROS RECEBIDOS:

«Coração malcriado», de Edgar Proença — Editora «A Noite», Rio, 1955.

«Hipólita» (comédia em 3 atos), de Zoé L. de Barros — Editora Borsoi.

«Tempo de angústia» (poemas) Genaro de Vasconcelos — Clube de Poesia de Campos.

«Trigo velhos», de Jair Tovar, Rio, 1951.

POESIA

HAI-KAI

★ OSTENTAÇÃO.

Pousadas no galho,
faiscantes, são meus diamantes
as gotas de orvalho!

★ ECLOSAO.

Tem leve rubor
de ação carnal o botão
de onde sairá a flor!

★ A TUA CASA.

Não é casa... não...
um sonho é... mas... onde ponho
o meu coração?

★ NÚPCIAS.

A meiga flor, vejo
a abelha dar a centelha
viva do seu beijo!

★ MIRAGEM.

Passa a mocidade...
e incerto, à frente, o deserto
cheio de saudade...

★ TROFÉU.

A teus pés, deponho,
suave como um gorgoejo de ave,
o ouro do meu sonho!

★ DANTE.

Glorioso, feliz,
profundo, iluminou o mundo
no amor de Beatriz!

ABEL PEREIRA

NOTICIÁRIO

● Está despertando grande curiosidade nos nossos meios literários, a conferência que pronunciará brevemente no auditório do Pen Clube o escritor Cristovam de Camargo, sobre Mário de Andrade, de quem foi companheiro de colégio e vizinho durante muitos anos em São Paulo, quando o pai do modernismo brasileiro residia no largo do Paissandu, devendo apresentar desse conhecimento, fartas reminiscências, em sua palestra, revelando aspectos desconhecidos, dessa vida em comum, cheia de atrativos e circunstâncias curiosas.

● Sairá brevemente a livro de Abel Pereira, poeta baiano, residente em Ilhéus, todo ele constituído de filigranas de pensamentos postos em verso, na forma de «hai-kai» japonês, gênero em que se revela mestre e de cujo livro publicamos hoje alguns desses minúsculos trabalhos de verdadeiro talento miniaturista.

● Em novembro próximo tomará posse de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, o escritor Alvaro Lins, não tendo ainda marcado dia para se empossar, o escritor José Lins do Rêgo, recentemente eleito para a cadeira n. 25.

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com Cleto Seabra Veloso, autor de «Uma democracia em apuros» e outros livros, inclusive de especialidades médicas.)

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual deles lhe parece mais importante?

Resposta: — O valor de um escritor deve ser apreciado em função do relevo universal de sua obra. Sob esse ângulo, gosto de Machado de Assis, Rui Barbosa, como escritor, foi mais um comentador e narrador primoroso da vida nacional.

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Castro Alves foi incontestavelmente o maior dos nossos poetas. Um gênio. Carlos Drummond de Andrade, antes de nascer poeta, nasceu prosador. Sua pior poesia é sempre um dedo de boa prosa.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Todas aquelas que trazem «a realidade existente, a realidade nova», transbordando os confins do meu ser. E são tão poucas...

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria fôsse membro da Academia Brasileira?

R.: — Isócrates de Oliveira, cujo livrinho «Drama de um Padre», acabo de ler de uma sentada, coisa que dificilmente acontece com outros autores nacionais.

5ª: — Atualmente, onde desejaria morar?

R.: — No canto de rua estúpido e barulhento onde moro.

6ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Certa vez, o professor Aloísio de Castro declarou que a ter de morrer sob a roda de um automóvel, preferiria a de um Cadillac. As minhas preferências por esse ou aquele jeito de morrer não alcançam tais sutilezas. Contudo, a ter de morrer mesmo, gostaria de morrer no mar, em pleno mar, repousar nas criptas do mar, longe do bafio dos cemitérios mal-cheirosos.

7ª: — No momento, qual a sua maior ambição literária? Tem algum livro a publicar?

R.: — Ambição literária, propriamente, não. Desejo, com urgência, possuir um hebdomadário, onde possa escrever e, escrevendo, intervir, a céu aberto, na vida chocha de meu País. O 2º volume de «Uma democracia em apuros» vai para o prelo.

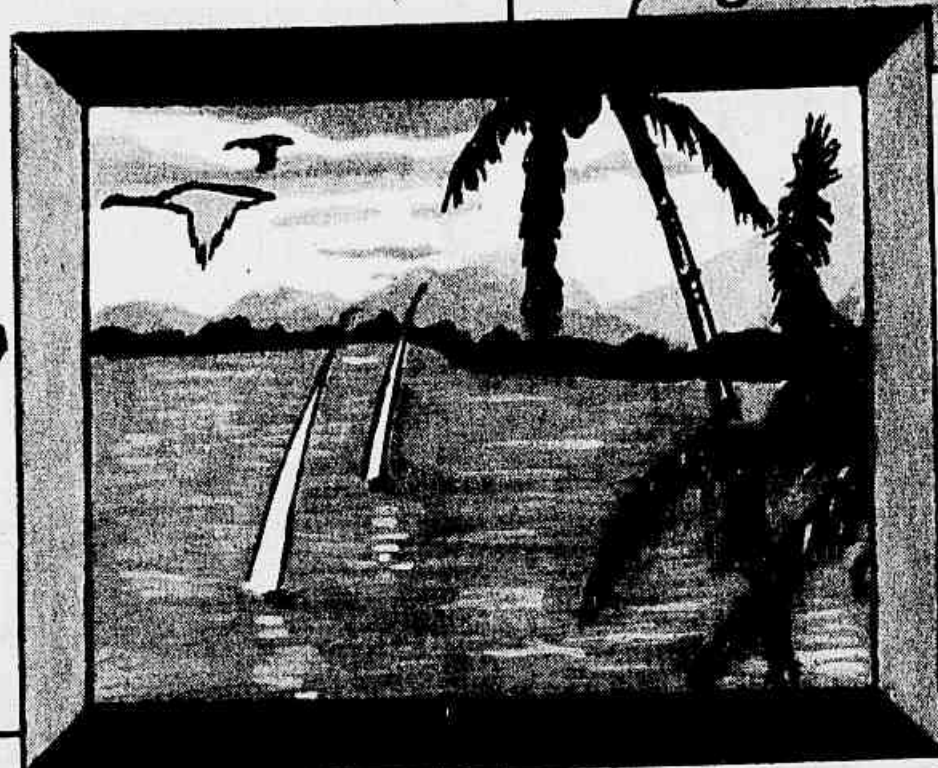
8ª: — Qual o nosso melhor cronista?

R.: — Petrarca, aqui caberia melhor essa definição de mulher: «um recado de Deus à natureza».

LOTEAMENTO CIDADE BEIRA-MAR BARRA DE SÃO JOÃO

NA MAIS
LINDA PRAIA
NO MELHOR
PONTO TURISTICO
DO EST. DO RIO

CONTINUAÇÃO DA PRAIA DE
CABO FRIO



VENDAS E INFORMAÇÕES
CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.

COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAUJO PORTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)
TELEFONE : 32-9933

Horário : 9 às 18 horas (inclusive sábados)
Domingos : das 9 às 12 horas.



PRESTAÇÕES A PARTIR DE

CR\$

70,00

MENSAIS

MATAS • PRAIA

CAÇA • PESCA

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS

- ★ Pagamento em 100 meses
- ★ Sem entrada e sem juros
- ★ Condução farta : diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
- ★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
- ★ Construção livre — Posse imediata.
- ★ Caça e pesca abundante.
- ★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 22 E 28 DE OUTUBRO DE 1955
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Sua vida sentimental terá dias de grande perturbação durante a semana entrante. Evite o outro sexo, como puder, conjurando, assim, a trama perigosa urdida por Lilith, Vênus e Marte na parte escrita do seu destino.

★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — O novo período será de desfavorabilidades bem pronunciadas. O leitor, porém, poderá contornar os obstáculos, deixando que as coisas sigam seu próprio curso. Não precipite os acontecimentos.

★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Os três primeiros dias da semana não favorecerão nem os interesses nem as aspirações do leitor. Os dias restantes, porém, propiciarão alguma coisa, principalmente no que diz respeito às atividades profissionais.

★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — O ambiente dos astros propiciará extraordinariamente, as acomodações. O leitor encontrará sempre, a possibilidade de um bom entendimento sempre, a possibilidade de um bom entendimento ou de

uma reconciliação. Os meios suasórios não lhe faltarão.

★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Seu ambiente doméstico está ameaçado de forte perturbação provocada por elementos da sua «entourage». Os dias 24 e 26 serão os mais perigosos para o bom entendimento da vida em comum. Evite toda e qualquer discussão.

★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — A semana não propiciará os noivados e os casamentos e, do mesmo modo, a constituição de sociedades comerciais ou para a exploração de uma indústria qualquer. A ambiência será boa, não obstante, para os negócios imobiliários já em andamento.

★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — A semana compensará largamente, todos os seus esforços. Os negócios serão processados normalmente e lhe darão margem a pingues lucros.

★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — No curso da semana em pauta, o leitor terá inteira liberdade para agir sem correr o risco de prejuízos materiais ou morais. Os astros vão conceder-lhe uma verdadeira liberação. Não lhe prejudicarão os interesses mas também não o ajudarão.

★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Suas solicitações não encontrarão eco, no curso da semana entrante. Seus pedidos serão indeferidos, mesmo nos casos de um direito líquido e certo. Saturno dominará, por oposição, o meio do céu.

★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Alguns imprevistos agradáveis ocorrerão nos três primeiros dias da semana em pauta. Os dias restantes lhe favorecerão os negócios e lhe darão intuições as melhores possíveis.

★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Sua posição astrológica indicada na semana anterior será mantida, não havendo, assim, solução de continuidade nos influxos planetários reinantes no momento. Continue omitindo-se nas coisas de maior importância.

★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Uma grande animação o tomará na vigência da semana. O leitor empreenderá alguma coisa de importância, contando, certamente, com o novo panorama político e administrativo do país. A chance o seguirá.

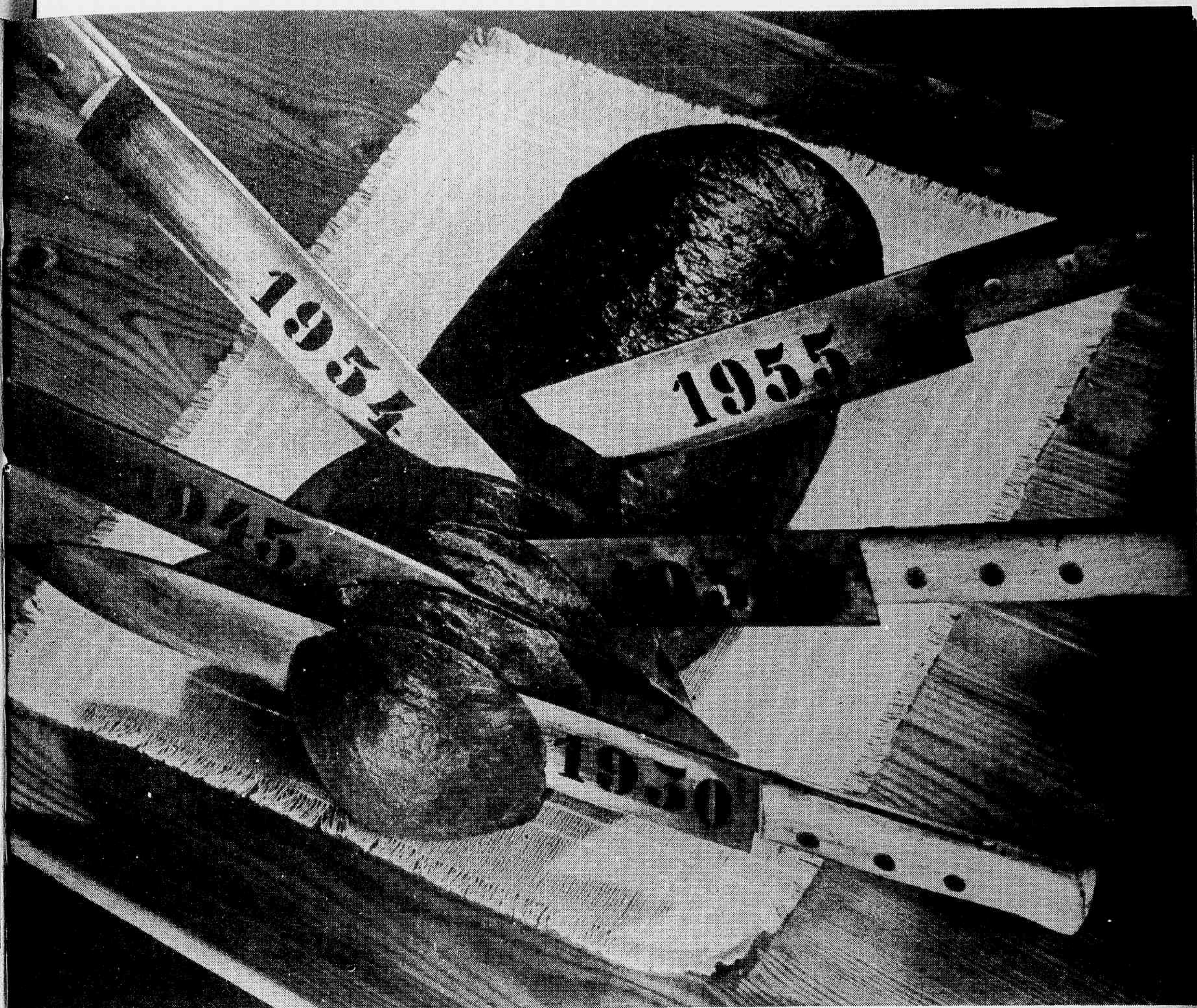
OS NOMES DA SEMANA

Outubro, 22	—	Eutrópio	—	Alba.
" 23	—	Eurico	—	Lindalva.
" 24	—	Vitrúvio	—	Noêmia.
" 25	—	Porfiro	—	Isaura.
" 26	—	Francisco	—	Dulce.
" 27	—	Donato	—	Elsa.
" 28	—	Argemiro	—	Carlinda.

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Outubro, 22	28° 18' 37"	(Signo da Libra)
" 23	29° 18' 21"	(" " ")
" 24	00° 18' 06"	(Signo do Escorpião)
" 25	1° 17' 54"	(" " ")
" 26	2° 17' 43"	(" " ")
" 27	3° 17' 34"	(" " ")
" 28	4° 17' 26"	(" " ")



«O PÃO NOSSO DE CADA DIA, DAI-NOS HOJE...» E A QUE PREÇO? EM 25 ANOS, O BRASIL TRANSFORMOU-SE NO PARAISO DA ESPECULAÇÃO.

OS PREÇOS DE CADA PRESIDENTE

QUANTO SUBIU O CUSTO DE VIDA DESDE QUANDO GETÚLIO ASSUMIU O PODER, EM 1930? ★ NO TEMPO EM QUE O QUILO DE FILÉ CUSTAVA 1\$800 E O DE CAFÉ EM PÓ 2\$000 ★ UM QUILO DE AÇÚCAR NÃO VALIA MAIS DE \$400 E UM LITRO DE LEITE (SEM

ÁGUA) ERA VENDIDO POR QUINHENTOS RÉIS ★ UMA CASA DE QUATRO QUARTOS ERA ALUGADA POR CENTO E OITENTA MIL RÉIS E UM ESTUDANTE PAGAVA DE PENSÃO, COM CASA E COMIDA, APENAS A QUANTIA DE TRINTA MIL RÉIS POR MÊS

Reportagem de VINICIUS LIMA

DIFÍCIL foi ao repórter fazer um levantamento completo sobre o custo de vida no Brasil, e particularmente no Distrito Federal, a par-

tir de 1930, porque nesse ano não existia o I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que, — diga-se de passagem — é

uma instituição digna de elogios pelo trabalho realizado. Pena que não saiba divulgá-lo. Além disso, o I.B.G.E. torna as pesquisas da natureza

GETÚLIO		DUTRA		GETÚLIO	CAFÉ FILHO
1930		1945		1954	1955
Arroz	\$300	Cr\$ 2,50	Cr\$ 8,50	Cr\$ 14,80	Cr\$ 19,50
Café (pó)	2\$000	Cr\$ 4,70	Cr\$ 29,00	Cr\$ 50,60	Cr\$ 54,30
Carne	\$800	Cr\$ 3,90	Cr\$ 17,50	Cr\$ 25,00	Cr\$ 45,00
Açúcar	\$400	Cr\$ 3,40	Cr\$ 4,90	Cr\$ 7,50	Cr\$ 9,50
Banha	1\$800	Cr\$ 8,90	Cr\$ 28,30	Cr\$ 48,00	Cr\$ 44,00
Leite	\$500	Cr\$ 1,80	Cr\$ 3,20	Cr\$ 5,60	Cr\$ 5,60
Moradia	120\$000	Cr\$ 1.200,00	Cr\$ 2.000,00	Cr\$ 4.500,00	Cr\$ 5.000,00
Feijão	\$300	Cr\$ 1,80	Cr\$ 5,70	Cr\$ 11,00	Cr\$ 17,00
Batata	\$200	Cr\$ 2,00	Cr\$ 8,50	Cr\$ 12,50	Cr\$ 14,00
Manteiga	2\$000	Cr\$ 17,00	Cr\$ 35,00	Cr\$ 68,00	Cr\$ 88,00
Ovos (duz)	\$600	Cr\$ 4,50	Cr\$ 16,00	Cr\$ 17,50	Cr\$ 22,00

dessa que fizemos, muito exaustivas, porque até fins de 1947, suas estatísticas tinham por base o ano de 1912, só então passando a ser feitas com índices de janeiro de 1948.

Assim sendo, o jeito foi recorrer aos arquivos, onde fomos encontrar os preços de gêneros de primeira necessidade a partir de 1930, e que poderão dar uma idéia das maravilhas que a C. O.F.A.P. está legando aos nossos filhos... Contudo, para que o leitor possa fazer um juízo aproximado de quanto vale o seu ordenado mensal, vejamos um resumo da estatística ponderada do I.B.G.E. dos sete primeiros meses do ano de 1955, ou seja, justamente os primeiros meses de governo do sr. João Café Filho, devendo-se levar em conta o fato de ter sido atendido pelo comércio o apêlo do então novo governo para que não fossem elevados os preços até a data mencionada.

A fonte da estatística que vamos apresentar é o Serviço de Estatística da Previdência do Trabalho, que afirma o seguinte: o custo médio da vida no Distrito Federal, em janeiro de 1955, era de 235, atingindo em julho do mesmo, 350; diam operários gráficos que ganhavam em mé-

portanto, em apenas 7 meses tivemos um aumento de 115%.

Os números acima são apenas o princípio de nosso trabalho que teve início com o levantamento do custo de vida a partir de 1930, quando um quilo de filé mignon custava apenas mil e oitocentos réis, preço que vinha sendo mantido há vários anos, e que começou a subir após a chamada era getuliana, da qual passaremos a falar:

GETULIO, A ESPERANÇA DO BRASIL

Consultando velhos funcionários desta «Revista», tomamos conhecimento de inúmeros preços de gêneros de primeira necessidade do ano de 1930, preços que vinham sendo mantidos desde 1912, não obstante a primeira grande Guerra Mundial, que não serviu, como a segunda, de pretexto para a corrida altista. Por exemplo, até o dito ano de 1930, encontrava-se facilmente no Rio casas cujo aluguel era de cento e vinte mil réis mensais, nas quais residiam operários gráficos que ganhavam em mé-

dia trezentos mil réis (casas de 3 quartos, etc.). Um litro de leite era vendido por 500 réis, no máximo. A batata amarela a 200 réis o quilo, era um descalabro. O arroz por 300 réis, também era muito caro; açúcar vendido por 400 réis, um verdadeiro absurdo. E naquele tempo um quilo tinha 1.000 gramas...

Contam-nos ainda que as famílias de 4 pessoas faziam suas compras semanais nas feiras livres com apenas 20\$000. Resultado: um operário que ganhasse 300 mil réis desviava cerca de 50% de seu salário para futilidades, vestuário, etc., etc

Veio a revolução de 30, ou melhor, a revolução de 1930 começou a governar, e, para não sermos prolixos, vejamos quanto custavam, em 1945 (15 anos de governo de Getúlio Vargas), os gêneros dos quais falamos linhas atrás:

A carne foi de 2\$000 para Cr\$ 4,70. A carne com osso de \$800 para Cr\$ 3,90 e o filé de .. 1\$800 para Cr\$ 12,00. O açúcar subiu igualmente, de quatrocentos réis para Cr\$ 3,40, e a banha que era vendida até 1931 por MIL RÉIS o



EIS O ALIMENTO BÁSICO dos trabalhadores. Também subiu, subiu... e hoje é artigo de luxo. E o pior é que, principalmente nas feiras livres, o quilo atual tem 800 gramas.

O ARROZ QUE OS NOSSOS PAIS compravam, antes da Revolução de 1930, era excelente e barato. Eis um novo contraste. Note-se que em 1937 seu preço já era de 1\$200, no Rio.

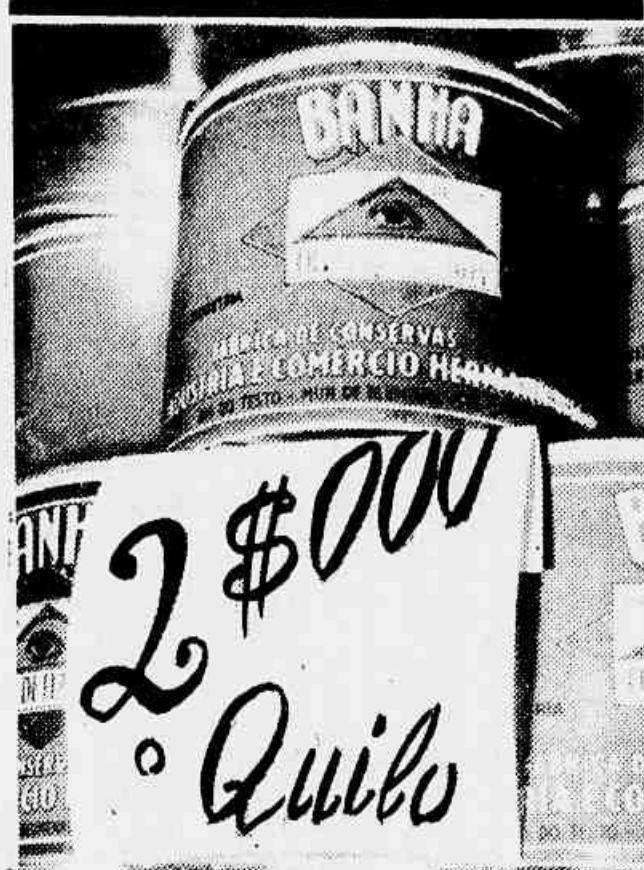
1930



1955



1930



1955



OVOS DE GALINHA... de ouro. E os salários? Bem, esses diminuíram, em relação aos preços, que sobem mais e mais. Comer é hoje um passatempo para gente de posses.

A BANHA, ELEMENTO básico para as frituras, foi igualmente valorizada de maneira espetacular. Agora, baixou um pouco de preço, mas ainda assim está acima de quase todas as bolsas.

quilo, pulou para Cr\$ 8,90, e assim sucessivamente.

SAI GETÚLIO, ENTRA DUTRA

O governo do marechal Eurico Gaspar Dutra não alterou a tática dos «tubarões», pois tudo continuou a subir. Diga-se de passagem que nessa altura, o aluguel da mesma casa de cento e vinte mil réis, já estava custando ... Cr\$ 2.000,00. Mas vejamos como deixou o governo Dutra (para Getúlio), em 1950, os preços dos mesmos gêneros de primeira necessidade:

O arroz que ele encontrou em 1945 a Cr\$ 2,50, deixou-o valendo 8,50 o quilo; o café em pó, subiu de Cr\$ 4,70 para Cr\$ 29,00; a carne elevou-se de Cr\$ 3,90 para 17,50. O açúcar subiu pouco, apenas Cr\$ 1,00 por quilograma. Em suma, a vida encareceu nesses cinco anos de governo, mais de 300%. (Dutra está ganhando a corrida até agora). E foi assim que o marechal entregou a bandeira para Getúlio no ano de 1950.

Getúlio no poder, novamente dispararam os preços, e a 24 de agosto de 1954, tinha a seu crédito os seguintes:

Arroz	Cr\$ 14,80
Café	Cr\$ 50,60

Carne	Cr\$ 25,00
Açúcar	Cr\$ 7,50
Banha	Cr\$ 48,00
Leite	Cr\$ 5,60
Batata	Cr\$ 12,50

Como os números são bem claros, o leitor pode ter uma idéia exata dos mesmos. Mas falemos agora do sr. João Café Filho que está neste momento atingindo a meta final (do governo e da alta) com os preços que se seguem:

Arroz	Cr\$ 19,50
Café	Cr\$ 54,30
Carne	Cr\$ 40,00
Açúcar	Cr\$ 7,90
Banha	Cr\$ 44,00

A manteiga, que recebeu de Getúlio a Cr\$ 68,00, vai passá-lo ao futuro presidente a Cr\$ 88,000, além de gás e luz com dois aumentos em apenas um ano, aumentos esses superiores a 100%.

AS ESTATÍSTICAS NO RESTO DO BRASIL

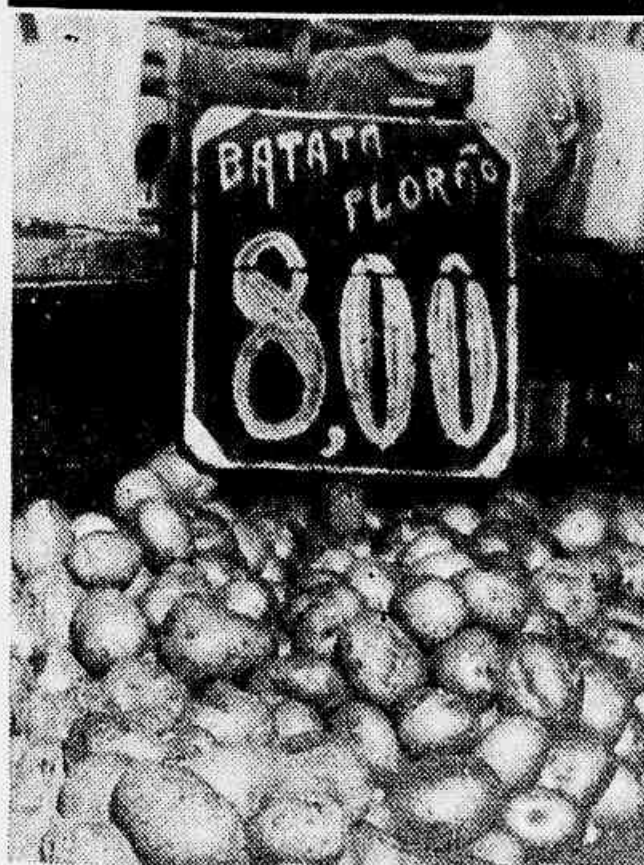
Esta reportagem foi feita com dados estatísticos do Distrito Federal. Abandonamos deliberadamente os números do resto do Brasil pelo fato de serem idênticos aos do Rio de Janeiro, conforme mostraremos: em 1938, um quilo de

açúcar custava em Belém do Pará, Cr\$ 1,40 e no D. Federal, Cr\$ 1,20. Em compensação a carne era mais barata na capital paraense, e o mesmo sucedia em relação aos demais Estados da Federação, onde os preços variavam muito pouco, enquanto a tendência altista era absolutamente igual. Apesar disso, o salário mínimo do D. Federal e da cidade de S. Paulo, é superior àquele que se paga nos demais Estados, apesar da vida nas grandes cidades brasileiras, ser tão cara como na cidade do Rio de Janeiro, exceto no que se refere a aluguéis de casas e em alguns casos, transportes.

VALEU A PENA O SALÁRIO MÍNIMO?

Conforme foi exposto no início desta reportagem, somente em 7 meses do governo atual, a vida subiu 115%, portanto, mais 15% que o salário mínimo concedido pelo extinto Presidente Vargas, o que nos leva a acreditar que necessitamos de uma política inversa à atual, ou seja, em vez de estimular os salários, forçar através de medidas drásticas a redução dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Dessa forma estaremos dando ao trabalhador nacional o que ele não tem desde 1930 — pão para os seus filhos!

1930



1955



1930



1955



NOS DIAS QUE CORREM, plantar batatas já não é insulto — é negócio, e dos bons. Senão, consultem os preços das bichinhas, e os comparem com os de dez anos passados.

A LARANJA DEIXOU de ser sobremesa para ser remédio de luxo. E se a coisa continua, passarão a ser vendidas, muito em breve, apenas em drogarias e em farmácias...

LUTA DE COMADRES NO MARACANÃ?

O GRANDE EMBATE ARRASTOU-SE MONOTONAMENTE POR CINCO «ROUNDS» — CARLSON GRACIE E WALDEMAR SANTANA, FÔRÇAS QUE SE EQUILIBRAM — O SEXTO ASSALTA: À BÔLSA DO PÚBLICO? — MANTIDA DE QUALQUER MODO A POSIÇÃO CONQUISTADA FRENTE AOS GRACIE PELO LUTADOR «COLORED».

CARLSON GRACIE aplica «delicada» massagem no pescoço musculoso de Waldemar Santana, que tenta desvencilhar-se inútilmente dos braços de seu jovem e potente adversário com afã.



A LUTA desenvolveu-se quase todo o tempo no chão, onde os Gracie sentem-se mais à

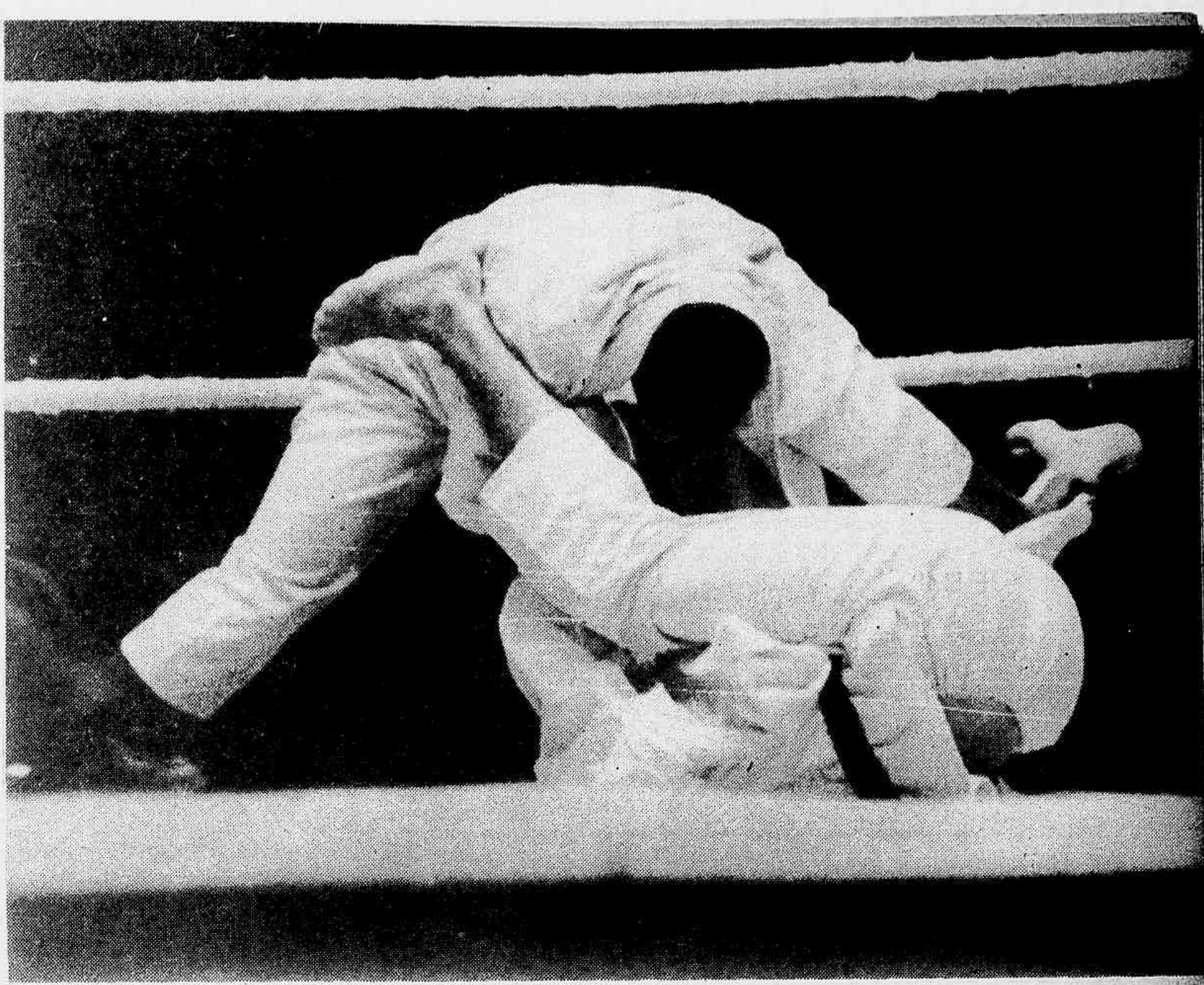


PRESTES A SER PROJETADO longe pelas pernas de Carlson Gracie, tornadas em catapulta,

APOS a vitória de Waldemar Santana sobre Hélio Gracie, — vitória dramática que encerrou uma luta selvagem — o prestígio do lutador negro cresceu de maneira espantosa, chegando inclusive a ameaçar a hegemonia que a família Gracie indubitavelmente exerce sobre o jiu-jitsu. Isso mesmo compreenderam os introdutores e principais representantes de luta nipônica entre nós, e por isso também, contraram com Waldemar nova disputa, que viesse de vez por tôdas consolidar o prestígio que o «colored» de tal maneira abalara ao derrotar seu velho campeão, Carlson Gracie — que à técnica alia a juventude, e à inteligência um



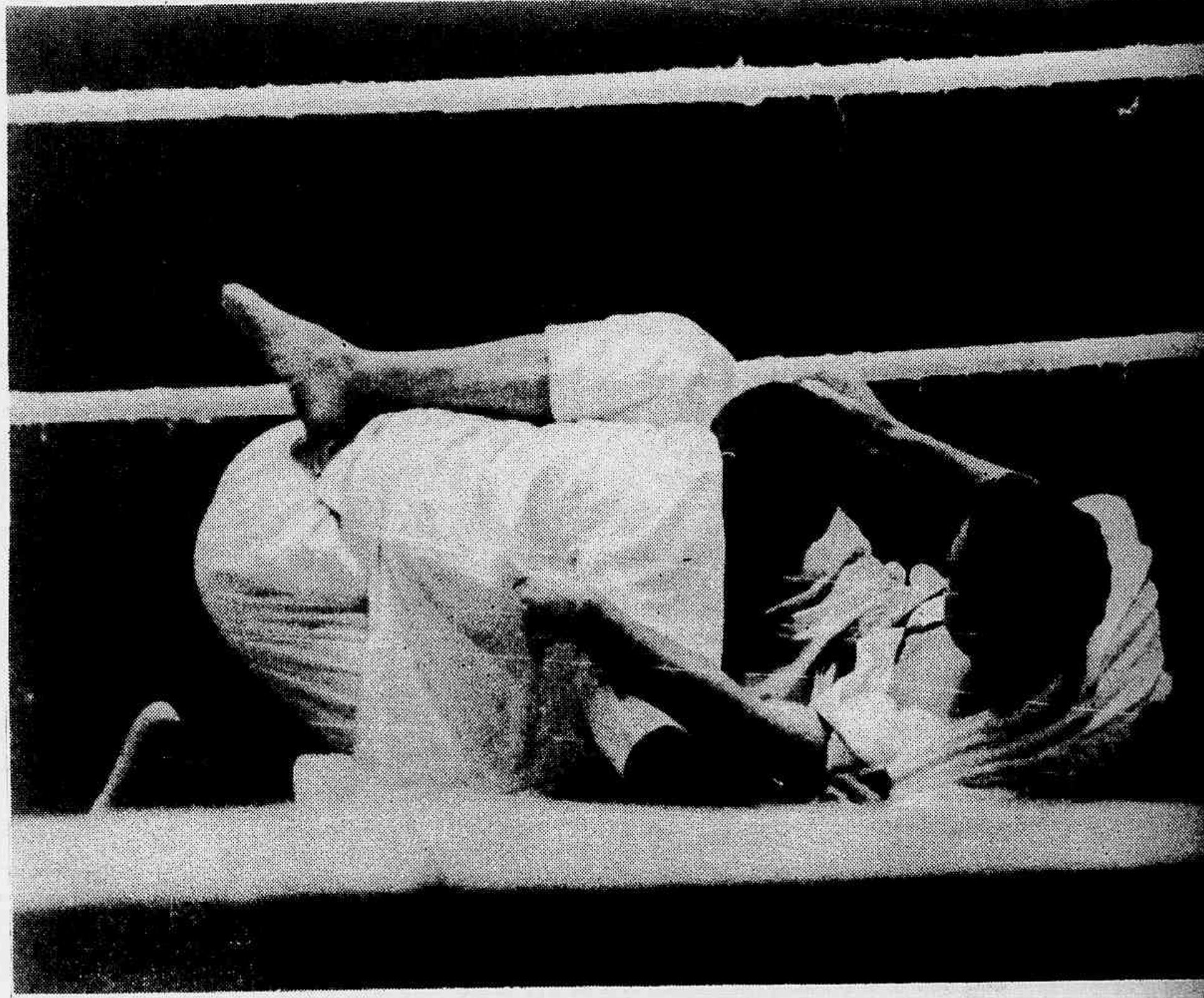
vontade. Waldemar Santana aqui tomba sobre o adversário, que lhe puxa o quimono.



PARA FUGIR AO ESTRANGULAMENTO, Waldemar Santana encolhe o pescoço curto que Deus lhe deu. Os cinco «rounds» passaram-se com Gracie no ataque, e Santana em sábia defesa.



o musculoso lutador «colored» decola, em vôo sensacional, para fora das cordas do «ring».



FOI SEMPRE ASSIM DURANTE a grande luta. No fim, por entre a vaia da assistência, um sêco apêrto de mão, e a divisão do polpudo lucro auferido no encontro do estádio do Maracanã.

físico vigoroso — foi o escolhido para a vingança, que teria por local, como desde logo ficou assentado por ambas as partes, o grande ginásio do Maracanã, o único capaz de comportar a enchente humana que deveria acorrer ao combate — como ocorreu de fato. Chegando o dia da luta, que se desenrolaria em quatro assaltos de dez minutos cada, com um quinto, caso se verificasse um empate nos anteriores, o que se viu foi a incontestável superioridade técnica de Carlson, impotente contudo de decidir, com um golpe mais feliz, a batalha a seu favor, graças à imensa superioridade física de Waldemar, que somada à sua própria consti-

tuição física (o lutador, atarracado e sólido como um tronco de árvore, possui um pescoço curto e possante), lhe permitiu escapar, quase incólume, às repetidas chaves de pescoço, ministradas pelo jovem Gracie. Waldemar, bem verdade, limitou-se à defesa, uma única ocasião passando ao ataque, aliás sem êxito, pois, como dissemos, a superioridade técnica do seu adversário é incontestável. Desde o início, via-se nitidamente que Santana contentava-se com o empate, que lhe proporcionaria um lucro de algumas centenas de milhares de cruzeiros, sem lhe fazer conhecer o travor da derrota, enquanto seu prestígio continuava o mesmo, e a possi-

bilidade de uma terceira pugna — novos lucros, nova publicidade — se apresentava a seus olhos. Escoados os quatro «rounds» sem decisão (já que o jiu-jitsu não conhece vitória por pontos), o quinto começou sob grande expectativa do público. Debalde: o mesmo panorama dos quarenta minutos anteriores repetiu-se nesses dez, e o público, que deixou nas bilheteiras cerca de um milhão de cruzeiros, retirou-se afinal sem ter o que desejava: um vencedor para o cotejo que reputavam incomum, e que alguns comentadores classificaram de luta de comadres.

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL

VIAJE COM CONFORTO E SEGURANÇA

NOS NOVOS TRENS DE LUXO PARA SÃO PAULO E BELO HORIZONTE

Estão circulando entre Rio-São Paulo e Rio-Belo Horizonte os novos trens de luxo, dotados de tôdas as condições de conforto moderno. As composições são de aço inoxidável, com amortecedores hidráulicos, dispoendo de carros-salões, dormitórios, etc., providos de ar condicionado. O preço dos leitos nos trens «Vera Cruz» e «Santa Cruz» é de Cr\$ 120,00 para os inferiores e Cr\$ 100,00 para os superiores — nas cabines de dois leitos. Para as cabines individuais o preço é de Cr\$ 150,00. Nos trens «Noturnos» comuns o preço do leito é de Cr\$ 90,00 para os inferiores e Cr\$ 70,00 para os superiores. O percurso reduzido de uma hora e vinte minutos, obedecerá ao horário abaixo:

HORÁRIOS (Com as últimas alterações)

1) — Ramal de São Paulo TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3) IDA

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	22,30
Barra do Piraí	0,41	0,55
Cachoeira Paulista	4,02	4,07
Roosevelt	8,20	—

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4) VOLTA

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Roosevelt	—	22,40
Cachoeira Paulista	3,09	3,14
Barra do Piraí	6,15	6,24
D. Pedro II	8,25	—

2) — Linha do Centro TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3) IDA

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	20,10
Barra do Piraí	22,21	22,34
Três Rios	0,24	0,29
Juiz de Fora	2,17	2,27
Santos Dumont	3,28	3,35
Barbacena	4,54	4,57
Conselheiro Lafaiete	6,51	6,56
Belo Horizonte	11,00	—

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4) VOLTA

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Belo Horizonte	—	19,50
Conselheiro Lafaiete	23,53	0,01
Barbacena	1,59	2,01
Santos Dumont	3,05	3,10
Juiz de Fora	4,15	4,22
Três Rios	6,07	6,13
Barra do Piraí	8,03	8,12
D. Pedro II	10,15	—

PREÇOS DAS PASSAGENS

1) — Ramal de São Paulo De D. Pedro II para as Estações, abaixo: Trem DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex Cr\$	Ida e Volta Cr\$
Barra do Piraí	84,00	151,00
Cachoeira Paulista	134,00	242,00
Roosevelt	180,00	324,00

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4) De Roosevelt para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex Cr\$	Ida e Volta Cr\$
Cachoeira Paulista	128,00	230,00
Barra do Piraí	160,00	288,00
D. Pedro II	180,00	324,00

2) — Linha do Centro TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3) De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex Cr\$	Ida e Volta Cr\$
Barra do Piraí	84,00	151,00
Três Rios	120,00	216,00
Juiz de Fora	137,00	246,00
Santos Dumont	147,00	265,00
Barbacena	158,00	285,00
Conselheiro Lafaiete	174,00	313,00
Belo Horizonte	205,00	369,00

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4) De B. Horizonte para as estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex Cr\$	Ida e Volta Cr\$
Conselheiro Lafaiete	112,00	202,00
Barbacena	133,00	240,00
Santos Dumont	145,00	261,00
Juiz de Fora	155,00	279,00
Três Rios	170,00	306,00
Barra do Piraí	185,00	334,00
D. Pedro II	205,00	369,00

Para outras informações, os interessados poderão dirigir-se à Agência da Estação D. Pedro II, diretamente ou pelos telefones 43-2000 • 43-3360, ou às Agências de Roosevelt e Belo Horizonte.

A Administração da Central do Brasil, empenhada no aperfeiçoamento dos seus serviços, comunica ainda ao público em geral, especialmente ao Comércio, Indústria e Lavoura, que acaba de criar trens rápidos diretos, especiais de carga, entre Rio-São Paulo, Rio-Juiz de Fora, Rio-Belo Horizonte e Vice-versa, a fim de melhor atender seus inúmeros clientes, que a têm distinguido com sua honrosa preferência.

O que o intrigava no princípio era a maneira que Mara olhava Vitor. Mas depois, nas ocasiões subsequentes, ele descobriu, embora aquilo o desapontasse terrivelmente. Havia, sim, havia uma espécie de aceitação, de acolhimento, quando ela o fitava e o ouvia. Pierre indagou-se: "Poderia ela amá-lo?" Sim, uma forma de amor, talvez de fidelidade, de leve obediência pela segurança que Vitor lhe sugeria. Um amor de...

Pierre recusou-se a continuar. Buscou o céu, onde nuvens se avolumavam. Foi descendo a vista e pousou-a em luzes distantes. Verificou que em breve chegariam à ponte, que o conduziria à sua pequena vila. Seu reduto, como a chamava.

Após andarem mais um pouco, dobraram bruscamente para a esquerda, onde uma passagem mais se alargava. O chão era coberto de pedras retangulares, e nos espaços entre elas a grama crescia, aparecendo aqui e ali como feixes verdes meio distintos na noite. A certa altura Vitor exclamou:

— Estamos perto da sua ponte. As casas foram diminuindo, o vento soprou mais forte, e a ponte surgiu, afinal. Uma ponte antiga, que ligava a zona urbana a uma vila, que antes fora uma aldeia de pescadores. A densidade noturna avançava sobre ela e os seus duzentos metros pareciam mais longos. Estendia-se sobre um rio que desembocava mais adiante no mar. As águas sob ela corriam tranquilas, brilhantes do inevitável espelho que a lua procurava.

Ao pisarem na madeira o ruído diferente pareceu tirar Vitor da absorção a que estivera. Como que levados pela mesma vontade, pararam na amurada e puseram-se a olhar as águas, debruçados.

Pierre rompeu o silêncio: — Quando eu era garoto, lá na França, — disse — havia um rio longo e sinuoso. Conhecia-lhe a foz e um bom pedaço mais adiante. Toda a vida tive desejo de ir percorrê-lo completamente, mas, não sei porque, jamais cheguei a fazê-lo. Era um rio triste, solitário no seu mundo, cativo daquele destino que o levava, sempre, até onde eu desconhecia.

Pierre fez uma pausa. Vitor ouvia-o atentamente, e a linha dos seus cabelos bastos contra a semi-claridade desenhava a sua silhueta.

As vezes, — continuou — sentava-me numa de suas margens e ficava a observá-lo, tentando adivinhar as histórias que ele levava nas suas águas, e os mistérios que o faziam tão silencioso e mudo para mim.

Como se aquilo o amargasse, Pierre concluiu: — Hoje, ao lembrar-me disso, parece que sinto o espírito da minha infância vagando-o, como se a ele pertencesse.

Nada os reteve mais naquele lugar e em poucos minutos o deixaram. Ficaram ali apenas a lembrança de Pierre. Avançaram pela ponte, e mais ou menos num ponto de divisão, pararam. Algumas luzes dispersas e frias iluminavam-na fracamente, e a figura dos dois homens avultava na meia sombra.

A noite esfriava rapidamente e Vitor pensou: "Mais tarde o dia despontará. A madrugada irá se dissipando, os galos começarão a cantar e as cores ressurgirão. O rio não será o mesmo, sua atitude diurna será outra, nós seremos outros".

Buscou em si o significado da sua presença ali, sem saber se era por sua própria vontade ou se apenas aceitava aqueles elementos. Sentiu-se subitamente despojado de tudo quanto não lhe pertencia, das formas ocultas que mascaravam a sua aproximação com um mundo simplesmente seu.

Ao colocar a mão no ombro de Pierre seu olhar era tenso e iluminado, como se uma presença interior o impelisse à vida. Uma longa viagem o trazia de volta. Gradualmente as palavras iam chegando aos seus lábios. Teve desejo de dizer: "O tempo vai continuar, nós prosseguiremos nele como seres que somos e mudamos, nesta realidade que nos absorve e nos prolonga. Aqui estamos agora, com o amor e o sofrimento que adotamos na espera, no mistério simultâneo desse sol que se erguerá, em cujas origens nasce o amanhã, quando, afinal, veremos novamente".

Sorriu. Preferiu calar-se. Olhou o amigo, apertou sua mão e disse, simplesmente e francamente:

— Adeus, Pierre.

Movido mais por intuição do que por outra coisa, Pierre compreendeu aquele sorriso. Estava tudo em ordem. Respondeu um momento após:

— Adeus, Vitor.

E foi andando em direção ao norte.

CINEMA E TEATRO

CELESTINO SILVEIRA

VELHOS PROBLEMAS PARA UM NOVO GOVERNO

FOSSE qual fosse o candidato vitorioso, era lícito dêle esperar que estivesse — ou melhor, que esteja — disposto a olhar com interesse e boa vontade para os problemas do nosso cinema e do nosso teatro. Pois nunca êles reclamaram tanto essa proteção quanto agora, que somos uma nação maior com um povo já interessado pelas coisas de arte, quando uma aragem de maior rendimento se faz sentir. E há tanto o que reparar, ou o que criar! No teatro, por exemplo — que necessidade de dar nova estrutura ao Serviço Nacional de Teatro, dêle fazendo uma instituição capaz de amparar aos empresários, aos artistas, a todos que trabalham no «metier», e conseqüentemente ao público! Um S.N.T. não pode existir apenas para distribuir subvenções que tão pouco contribuem para o desenvolvimento do teatro. E os cursos que dentro dêle se desenvolvem, onde, que resultados práticos, que expressões genuínas de valores novos já mostram ao país?

No cinema, o campo é ainda mais amplo, para agir, porque dentro dêle quase tudo está por fazer. E o que porventura já foi feito, não está certo, precisa ser reajustado. Ou então é êsse azar dos diabos, com a Censura entregue exclusivamente à Polícia, quando Censura deve ter dois aspectos — o policial, vá lá, se for mesmo preciso, e o didático, cultural educativo, que não pode vir da rua da Relação. Há no cinema, o amparo aos produtores, para estudar e melhorar; a conveniência de proteger os pequenos realizadores,

que têm cabeça mas não têm dinheiro, prejudicados pelos que só têm dinheiro, mas não usam o crânio. Há ainda a questão dos preços de ingresso, que aí está num demorado chove-não-molha, não sabemos se a servir de qualquer intuito demagógico, ou para não servir de nada.

Que venha o candidato eleito, disposto a encontrar um tempo de sobra para olhar êsses problemas e outros correlatos.

Durante a campanha, tivemos ocasião de ouvi-los, aos quatro, na «enquete» memorável promovida pela «Revista da Semana», e de nenhum dêles ouvimos referências ou opiniões, ao cinema e ao teatro. É verdade que havia temas de imediata gravidade a tratar, — o petróleo, a eletricidade, as riquezas minerais, as indústrias, o custo da vida — e falar em coisas de arte, naquele instante, era provocar um sorriso amável do candidato, mais nada. Agora, com a cabeça tranqüila, o candidato eleito poderá falar, e há de falar, sobre o que tanto interessa, mesmo não o aparentando: as causas do teatro e do cinema nacionais. Na realidade, dos quatro o que vai subir os degraus de mármore do Catete dia 31 de janeiro, é quem nos provará até onde vai o seu amor ao Brasil, refletido nos problemas de ordem cultural e artística.

E que não venha a decepcionar, como tantos já o fizeram...

E SEGUE O ESPETÁCULO!

César Ladeira e Renata Fronzi estão de malas prontas com destino a Lisboa. Levarão algumas pequenas do seu elenco e êsse será dissolvido durante a ausência do casal. Em Lisboa, completarão a companhia com outros artistas portugueses. — A estréia de «O Esperado Godot», no Ginástico, foi um acontecimento de absoluto mérito artístico. Mas bastante gente cansou-se de esperar o Godot. Nos intervalos, Brício de Abreu afirma preferir esperar o Gudin. — Três festivais cinematográficos de uma assentada: de 26 a 30 do corrente, em Quitandinha; de 1 a 8 de novembro, no Distrito Federal, sobrando ainda um para o Museu de Arte Moderna. — E «Rio 40 graus», mau grado a proibição taxativa, continua sendo muito visto. Em sessões particulares. — Caracas (Venezuela) está em grande moda. Porque está dando dinheiro. A imigração portuguesa criou, ali, uma colônia já apreciável, razão porque companhias teatrais do país amigo vão até lá. E diz-se que Válder Pinto também estaria disposto a fazer o mesmo. O que não acreditamos. Depois da experiência de Buenos Aires, Válder há de



DEPOIS DE «O BELO BRUMEL»...

Stewart Granger desmentiu a fama de John Barrymore: diziam os saudosistas que o «perfil de medalha» jamais encontraria substituto para «O Belo Brumel». E encontrou... Enquanto não vem em «Don Juan» — e quem sabe se ainda em «O médico e o monstro», repetindo assim todo o repertório do velho Barrymore — aí o temos em «O Tesouro do Barba Rubra». A garôta, de cabelos super-tarados, é Liliâne Montevecchi. De quem dizem que vai dar muito assunto a Hollywood, dentro e fora dos filmes.

estar desejoso por voltar àquele velho teatro da antiga rua do Espírito Santo...

CINELÂNDIA E ARREDORES

● Não se pode dizer que tenha sido das mais felizes a estréia de Roulien. «Ninguém dorme em Florença» foi, contudo, um bom esforço do veterano ator, que não deu certo. O caso é sair para outra e sem demora. Não adiantam as lamentações.

● Também «Piu-piu pr'a você» não correspondeu. A colcha de retalhos de anteriores espetáculos de César e Renata, tinha entretanto uma curta missão a cumprir: a de atravessar o fim da temporada, porque o casal vai para Lisboa.

● E o nosso amigo Silveira Sampaio afirma estar disposto a filmar «S. Ex. em 26 poses».

Contanto que o filme chegue mesmo ao final e seja exibido...

ALMA FLORA VOLTA A LISBOA

Ainda antes do Natal, Alma Flora e Salu de Carvalho estarão regressando à Portugal. Ela mesma é quem diz:

— Penso que o Natal será passado em alto mar... Tenho que estar em Lisboa nos primeiros dias de janeiro. Além dos meus compromissos na Emissora, possuo uma companhia de comédias em associação com alguns colegas meus, portugueses, e com êles projeto uma viagem à Venezuela.

— Vai ficar agora, definitivamente, em Portugal?

— Não espero — respondeu Alma. Pelo contrário, meu desejo seria o de vir com os meus colegas, mas onde há teatro disponível? E não só teatro: quem se propõe a ajudar-nos, financeiramente, quando a situação de câmbio é tão desfavorável, para vir uma companhia da Europa?

Alma Flora tem aproveitado sua permanência no Rio, para ficar em dia com o nosso teatro. Procura reunir novo repertório, dá entrevistas, mas não quer ficar.

**Termas de
LINDOIA
Serra Negra.**



Pelas suas famosas águas radioativas, clima ameno e paisagens deslumbrantes, Lindoia e Serra Negra são ideais para passelo ou tratamento. O Expresso Brasileiro liga São Paulo áquelas cidades com seus moderníssimos onibus em diversos horários diários, cobrindo o agradável percurso em pouco mais de 3 horas.

Escalas em:
Jaguariúna - Pe-
dreira Arcadas
e Amparo ★



Departamentos de guarda-bagagens

★
AGÊNCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO

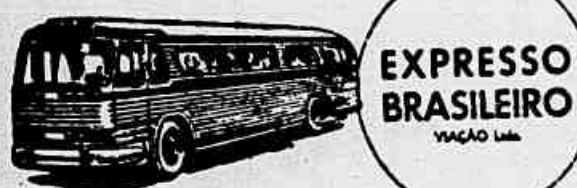
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

LINDOIA

Rua Duque de Caxias, 541

SERRA NEGRA

Praça João Zelante, 12 - Fone 43



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua da Ca-
rioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Queiram enviar-me
pelo Reembolso Postal um vidro
de "BÉL-HORMON" Nº.

NOME.....
RUA..... Nº.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

LEIAM

EU SEI TUDO

**TODOS OS
MESES**

PREÇO

CR\$ 10,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE

NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"



A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

22 de Outubro de 1905

CARTAS DE UM TABAREU

Rio, meados de outubro. Caro compadre:

Quem é vivo sempre apparece... Não morri e por isso cá estou no meu posto, resistente á poeira, á lama, ás emanações perfumosas da benemerita City, prompto para o serviço; isto é, prompto a continuar a dar-te noticias do que de mais importante vae occorrendo por esta destrozada Sebastianopolis. Não penses em encontrar aqui muita cousa com que enchas as enormes noutes roceiras; não. Não só os assumptos não andam como poeira, como porque entendo que tu muito pouco me mereces, á vista do abandono em que deixaste teu solicito compadre. Durante a minha ausencia, justificando o dito do sabio (que foi mesmo?) o mundo não parou. Andou, virou, mexeu, que foi um nunca acabar. E á hora em que escrevo continua elle na sua marcha, com uma vertigem tal succedem-se os factos que impossivel se me torna resumil-os para dar-te uma idea do que se ha feito. Contenta-te, portanto, com o pouco que te dou e diz que te engano. Á passada semana, esta semana, na semana proxima e em todas as semanas que se seguirem até 15 de novembro do anno que vem tivemos, temos e teremos manifestações ao futuro papae grande desta grande tribu... e senão espera que verás. De todas ellas, meu bom companheiro, a que mais me cahio no gotto foi a do banquete. Não sei porque, e se é assim mesmo na extranja, tudo redunde em banquete, em comes e hebes. Que me conste, seu compadre, nunca se comeu tanto nesta terra como depois que é Republica; a proposito de tudo, banquete; parece que aquella não tem sido outra cousa senão um grande jantar... E para demonstrar o que venho dizendo, olha que chegaram á sobremesa — goiabada e queijo — puramente nacional... Provavelmente após virão o café e o fumo, também muito nacionaes, não acha? Adeus. Teu Bermudes.

POR AQUI E POR ALLI

Não poucas vezes temos tido occasião de nestas chronicas nos referirmos a aggressões e assassinatos contra pessoas proeminentes na scena da politica. A nossa opinião a esse respeito tem sempre sido homogenea, isto é, contraria a todas as violencias e ao methodo reprovavel da eliminacão pelo assassinio dos homens que teem sob sua responsabilidade ou a gerencia dos nego-
cios publicos e politicos de um paiz ou de uma fracção partidaria. No

poder ou fora delle os que em-
pregam estes meios merecem sem-
pre não só o desprezo dos seus
concidadãos como ainda o jugo pe-
zado das penas que as leis dos
códigos civilizados impõem aos cri-
minosos de direito commum. Feliz-
mente entre nós estes casos consti-
tuem sempre uma excepção e con-
siderando sua multiplicidade nos de-
mais paizes são em bem pequeno
numero, mas por isso mesmo deve-
mos empregar os mais enérgicos por
não só para cohibil-os como para
evital-os. Hoje o telegrapho noti-
cia-nos a aggressão e a tentativa
de morte que no Estado da Bahia
acabam de ser dirigidas contra o
governador daquelle Estado, dr. José
Marcellino e de que felizmente não
resultaram para o conhecido politi-
co sinão os dous ferimentos que
actualmente o prostram no leito. As
balas do assassino não poderam des-
ta feita enlutar nem um paiz e nem
uma familia. As causas principaes
deste attentado ainda não poderam
ser sufficientemente apuradas e não
pudemos tampouco com justiça af-
firmar que se trate de um attentado
politico. Até agora simples suspeitas;
algumas desconfianças. Oxalá não
passem dahi as supposições geraes e
nos vejamos em face de um aliena-
do. O Brasil necessita de paz e har-
monia entre os seus filhos e o as-
sassinato por tão baixo movel só vem
desunir e rivalisar a familia brasilei-
ra, desfazendo o pacto de concordia,
única segurança para o progresso
de nossa patria e o engrandecimento
de nosso nome.

F. Mendes Junior

**A VISÃO DAS CÔRES
APERFEIÇOADA**

A VISÃO DAS CORES APERFEI-
ÇOADA — Um sabio professor de
ophthalmologia, o dr. Magnus, em
uma serie de memorias que acaba
de publicar, affirma que a capaci-
dade visual não varia unicamente
de individuo para individuo, mas
é proporcional ao grau de civili-
zação a que cada um pertence. A
retina humana, diz esse sabio, de-
veria encontrar-se em sua origem
em estado analogo ao que apresen-
ta actualmente a zona peripherica
desta membrana. Só mais tarde é
que o homem começou a ter noção
das cores vermelha e amarella, que
são as que correspondem ás ondas
luminosas mais distantes e de
maior poder. E' talvez por esta ra-
zão que nem os hymnos antigos
dos Vedas, nem o Antigo Testa-
mento falam, em nenhuma de suas
passagens, do azul-celeste — con-
quanto muito abundam em descri-
ções da natureza. Assim não appa-
rece tambem nos poemas homeri-
cos o verde das plantas, ao passo
que frequentemente ha referencias
ao vermelho e ao amarello. As
crianças possuem ao principio
unicamente o sentido da luz; dis-
tinguem o branco e o preto, e
aprendem a ver os objetos que os
cercam e a conhecer-lhes os diffe-
rentes movimentos. Chegada ao 16º
mez, a sensação de cor vermelha e
da cor verde começa a desenvolver-
se-lhes nas partes centraes da reti-
na, e aperfeçoam-se cada vez mais
até ao 24º mez. O sentido chroma-
tico vae-se aperfeçoando assim até
aos cinco ou seis annos. Só passa-
do um anno depois que a criança
aprendeu a conhecer as quatro co-
res principaes — verde, amarello,
laranja, violeta — é que toma o
habito de as distinguir na conver-
sação.

A CABEÇA DE BISMARCK — Entre os apontamentos e anotações escriptos que deixou o celebre escultor allemão Shaper, e que foram agora publicados por um editor em Berlim, ha uma pagina deveras curiosa a respeito da cabeça de Bismarck. Shaper foi incumbido de fazer a estatua do grande chanceller para o monumento de Colonia, e teve de tomar as medidas da «maior cabeça» da Allemanha. Essa medição, obedecendo o rigoroso methodo scientifico, deu o seguinte resultado: da testa ao occipital, medido horizontalmente, segundo as prescripções da anthro-
pologia, a cabeça de Bismarck apresentava 212 millimetros, o que representa uma verdadeira maravilha. A maior cabeça de sabio até então conhecida dava 205 por 162 millimetros. O peso do cerebro de Bismarck seria de 1867 grammas!

ÓLEO DE CEDRO

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

(PARA A CAPITAL E O INTERIOR)

APRESENTA O RESULTADO DO TERCEIRO CONCURSO REALIZADO POR HENRIQUE BATISTA NO AUDITÓRIO DA RÁDIO VERA CRUZ NO DIA 29/9/55

O PRÓXIMO CONCURSO SERÁ REALIZADO NO DIA 29/12/55, AS 9,30 DA NOITE E PARA TOMAR PARTE BASTA O SEGUINTE:

- 1º Enviar uma carta para Av. Rio Branco, 137 — SALA 616 — RIO — CONCURSO DO ÓLEO DE CEDRO — acompanhada de 1 rótulo do ÓLEO DE CEDRO.
- 2º Na carta terá que constar nome e endereço de quem remete e o endereço do local em que foi comprado o ÓLEO DE CEDRO.

Cr\$ 5.000,00 — D. EMILIA DE OLIVEIRA MELO E LÔBO, Rua Condessa Belmonte, 67 — 100 dúzias de Óleo de Cedro para quem vendeu: Depósito de Sabão, Rua Barão de Bom Retiro, 619, Rio.

Cr\$ 2.000,00 — ANTONIO FIGUEREDO POVOA, Rua Sirici, 171, Marechal Hermes — 40 dúzias p/ quem vendeu: Rua Juarité, 411 — Rocha Miranda, Rio.

Cr\$ 1.000,00 — MADAME FREITAS, Rua Penedo, 106, Penha — 20 dúzias para quem vendeu: Mercadinho Sto. Antônio, Rua Cardoso de Moraes, 364, Rio.

Cr\$ 500,00 — D. MARIA ARMANDA, Rua Irandu, 216, Irajá — 10 dúzias p/ quem vendeu: Armazém São Jorge, Rua Eimã, 33, Irajá, Rio.

Cr\$ 250,00 — SR. ELY TINOCO PALMESIN, Travessa São João, 77 — 5 dúzias para quem vendeu: Armazém S. Pedro, Rua Nova Azevedo, 483, São Gonçalo, Estado do Rio.

PRÊMIOS DE CR\$ 50,00 PARA O CONSUMIDOR E UMA DÚZIA DE ÓLEO DE CEDRO PARA QUEM VENDEU, NUM TOTAL DE 25 PRÊMIOS E 25 DÚZIAS DE ÓLEO DE CEDRO, CONFORME SEGUE:

Thamar Levy Cohen, Rua 10 de Julho, 93 — Marcearia Esperança, Av. Epaminondas, 391, Manaus — Amazonas. Carlos Moura, Av. Afonso Pena, 808 — Aristeu Gomes, Mercado Cidade Alta — Natal — R. G. do Norte — Valdomiro Cerqueira Paes, Praça Antônio Pessoa, 45 — Armazém Brasil, rua Vidal Negreiros, 165 Campina Grande, Paraíba — Carmem da Conceição, Travessa Antônio Coelho, 242 — Rua S. João nº 1, São Gonçalo, Estado do Rio — Paulo Stalin Montedo, rua Goulart Andrade, 38, Realengo — Armazém do César, Est. Real Sta. Cruz, 962, D. Federal — Albertina A. Costa, rua Ibiapina, 71, Penha — Porta do Sabão, encostada no Café, Praça das Nações, Bonsucesso, Rio — Julio Borges Vilela — Casa Marques, Guapiaçu, São Paulo — St. Gilda Aurélia, rua 26, nº 48 — Lojas Americanas, Praça Brasil, 176, Volta Redonda, Est. do Rio — Zilda Moraes, rua Pedro Ernesto, 89 — O Dragão, Rio — José Teixeira Silva, rua Visc. Rio Branco, 53, apto. 207 — Loja Americana, Carioca, 45, Rio — Julieta Meles de Oliveira, Rua Carolina Machado, 1.416, c/2, Bento Ribeiro — Comprado na Feira-livre, Rio — Menino Claudio de

Souza Lesse, rua Alte. Cândido Brasil, 308, Vila Isabel, SAPS — Rio — Osvaldo Soares, Rua Marins Loureiro, 128, Vicente Carvalho — Armazém Santo Antônio, Est. Vicente Carvalho, 596, D. F. — Maria Augusto de Oliveira — Armazém Gonçalves, Praça Major Salustiano s/n. — Idem São Paulo, Lídia Rocha de Oliveira, Rua Carolina Machado, 1.416, c/2, Bento Ribeiro — Armazém Estr. Gamboara, 3.913, Rio — Florisbela B. Domingues, Rua Henrique Boiteux, 102 — Rua Cachambi, 325, Méier, D. Federal — D. Therezinha B. Nascimento, Rua Domingos Mondim, 76 — Lojas Governador de Ferragens, Est. Monjolo, 5-B, Ilha do Governador, Rio — D. Isabel Moraes, rua Mundo Novo, 434 — Armazém Chave de Ouro, Rua Marquês de Olinda, 94, Rio — Walter de Fernando — Armazém Rua das Palmeiras, 307, Guapiaçu, Est. São Paulo — Orlando Medeiros, Rua Benjamim Constant, 12 — Empresa Castro, Av. Pres. G. Vargas, 59, Cordeiro, Est. do Rio — Francisco C. Vieira, Rua da Constituição, 57, apto. 301 — Rua Carioca, 45, Rio — Margarida Batista de Paula, rua Ladislau Netto, 29, c/6, Andaraí — Loja Americana, rua Carioca, Rio — Ermenia Negreli — Casa Marques, Guapiaçu, Est. São Paulo — Dirlei Lirio, Rua Etelvina Chaves, 213 — Cutelaria do Povo, Av. Nilo Peçanha, 284, Caxias, Est. do Rio — Osvaldo Soares, rua Marins Loureiro, 128 — Armazém Sto. Antônio de Pádua, Est. Vicente Carvalho, 596, Rio.

As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as que são entregues aqui no Rio. Pedimos a todas as pessoas que puderem comparecer no Auditório da Rádio Vera Cruz nos dias de Concurso, às 9,30 da noite para que possam ver com os próprios olhos como é feito o nosso concurso. No próximo sorteio (29/12/55) serão distribuídos os mesmos prêmios dos concursos passados. Cada pessoa poderá remeter quantas cartas quiser.

O Concurso é feito da forma seguinte: Todas as cartas recebidas até a hora do concurso são colocadas no tablado onde, depois de bem embaralhadas, vão sendo tiradas, uma a uma, pelo cego Protásio Domingues Assunção, da Associação Aliança dos Cegos, Rua 24 de Maio, 47, Rio, e passadas às mãos do animador do programa que as vai abrindo, lendo-as e colocando-as sobre a mesa de controle onde podem ser examinadas pelos interessados. Primeiro os prêmios de Cr\$ 50,00 (25 prêmios) depois Cr\$ 250,00, Cr\$ 500,00, Cr\$ 1.000,00, Cr\$ 2.000,00 e Cr\$ 5.000,00.

IMPORTANTE: Os prêmios do interior serão remetidos pelo correio. Os prêmios de Cr\$ 50,00, aqui do Rio poderão ser recebidos na Av. Rio Branco, 137 — sala 616.

Os 5 prêmios maiores serão pagos no dia 6 do corrente às 9,30 da noite no Auditório da Rádio Vera Cruz, ficando aqui, convidadas, as pessoas premiadas.

Quanto custa na carteira modelo 19?

VINTE CRUZEIROS

(e o sêlo de educação)

Aqui funciona a Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras. Com apenas 67 homens e fazendo o policiamento preventivo, êsses 67 rapazes conseguem desincumbir-se da missão árdua que é policiar os navios surtos no pôrto. Enquanto isso, há por aí policiais que aos milhares não fazem nada.



O dr. César Garcez, diretor da P.M. e Aérea desde a sua fundação. Vem lutando com sérias dificuldades, porém, agora tudo vai indo bem.

HISTÓRIA DE UMA POLÍCIA SACRIFICADA, QUE TEVE FINALMENTE REGULAMENTADOS OS SEUS SERVIÇOS ★ A VIDA DE UM HOMEM AVESSE À PUBLICIDADE E PARTIDÁRIO DA POLÍCIA PREVENTIVA ★ O PÔRTO DO RIO É O MAIS SANEADO DO MUNDO ★ SABE O LEITOR QUANTO SE PAGA PARA ENTRAR NO BRASIL? ★ O DRAMA DOS CLANDESTINOS, EM SUA MAIORIA PORTUGUESES ★ COMO SE CONSEGUE UM PASSAPORTE ★ CONTRABANDO, CASO DE POLÍCIA E FELICIDADE SUPREMA DA ALFANDEGA NACIONAL

Texto e fotos de ALVARENGA JÚNIOR.

Um caso verdadeiramente raro nos levou a fazer a presente reportagem: a comunicação feita pela Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras ao Ministério da Justiça, de que, durante o Congresso Eucarístico Internacional, apesar de se acharem no cais 18 navios-hotéis, com 10.827 peregrinos, não se havia registrado uma única ocorrência de contrabando.

De posse dessas informações, procuramos comprová-las, indo à presença do dr. César Garcez, diretor da Divisão de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteira, o qual, após fornecer-nos as provas procuradas, mostrou ainda inúmeras cartas de agências de turismo de todo o mundo, algumas das quais, entusiasmadas com o fato, dizendo que era a primeira vez que seus clientes voltavam completamente satisfeitos com um serviço de polícia.

Procuramos saber quais as medidas que haviam determinado o perfeito funcionamento daquela repartição e fomos informados do seguinte: ninguém andou perdido pelas ruas da cidade porque a Polícia Marítima, em combinação com o Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura, havia editado um livro que contém toda e qualquer informação a respeito do Brasil, e particularmente do Rio de Janeiro. Assim sendo, cada peregrino que desembarcava recebia um exemplar desse livrinho, com os endereços de hotéis, cinemas e pontos de turismo, informando ainda os preços das corridas de táxis e os telefones que devem ser chamados para os casos de explorações por parte de pessoas inescrupulosas. Há também no livro uma explanação completa dos nossos costumes, de como deve proceder um estrangeiro no Brasil, etc.

UMA VISITA DEMORADA

Convidados pelo dr. César Garcez (40 anos de polícia, diretor da Polícia Marítima e Aérea desde a sua fundação, em 1944) fomos percorrer as instalações do serviço, na praça Mauá. Ao nosso lado, o diretor explicava o funcionamento da mais jovem polícia do país:

— «Sómente pela Constituição de 1946 é que a União ficou com o encargo de superintender o serviço marítimo, aéreo e de fronteiras. Mas esse dispositivo auto-aplicável (não regulamentado) ficou a cargo de uma dessas comissões de leis suplementares. E o resultado é que somente este ano foi promulgada a lei que deu a esta Divisão a atribuição de traçar normas de orientação às polícias estaduais, a cujo encargo ficou a execução dos serviços. Acontece porém que o legislador não nos deu meios para tornar efetivas as atividades da Divisão, nem em relação ao pessoal, nem materialmente. Só no futuro orçamento teremos os recursos para executar de maneira mais eficaz de serviços delicados, como sejam a fiscalização e prevenção quanto à entrada e saída do território nacional, de elementos que por qualquer motivo se tornaram indesejáveis».

O dr. Garcez parou em frente ao xadrez improvisado pela Polícia Marítima em que se achavam dois clandestinos, e prosseguiu:

— «Esses dois clandestinos são um dos problemas aos quais me referi. Recebo em média uns 40 desses indivíduos. Curioso que jamais tenha prendido um inglês ou norte-americano... As atividades desta Divisão não se limitam ao policiamento dos portos marítimos. A meu ver, o aspecto mais delicado dos nossos encargos, é o que se refere às atividades de polícia aérea, e eu tenho, atualmente, apenas 67 homens, no Rio, que trabalham dia e noite. Com os recursos que terei no ano vindouro, possivelmente tornarei esta Divisão mais eficiente, porque meu sistema é o policiamento preventivo e não o repressivo. Voltando ao assunto (agora o dr. Garcez nos mostrava o seu fichário) policiamento aéreo, com o pessoal que tenho, é quase impossível, pelo menos no momento. E isso, porque a navegação aérea, por sua própria natureza, não permite, como se verifica na navegação marítima, uma prevenção segura, de vez



O contrabando é um aspecto curioso para a Polícia Marítima que, mesmo apreendendo não tem o privilégio da Alfândega, pois, somente a esta as leis permitem dividir. Contudo, os guardas da Polícia vigiam os automóveis para os colegas da Alfândega, os «primos ricos» do cais do porto...

que os aviões mudam constantemente de escala, em virtude do mau tempo, ou por quaisquer outro motivo. Há também os fatores técnicos que alteram igualmente as escalas dos aviões, disso se aproveitando os maus elementos, para burlarem a lei».

OUTRAS ATRIBUIÇÕES DA P.M. E AÉREA

A Polícia Marítima e Aérea ocupa 4 andares de um moderno edifício, percorridos pelo repór-

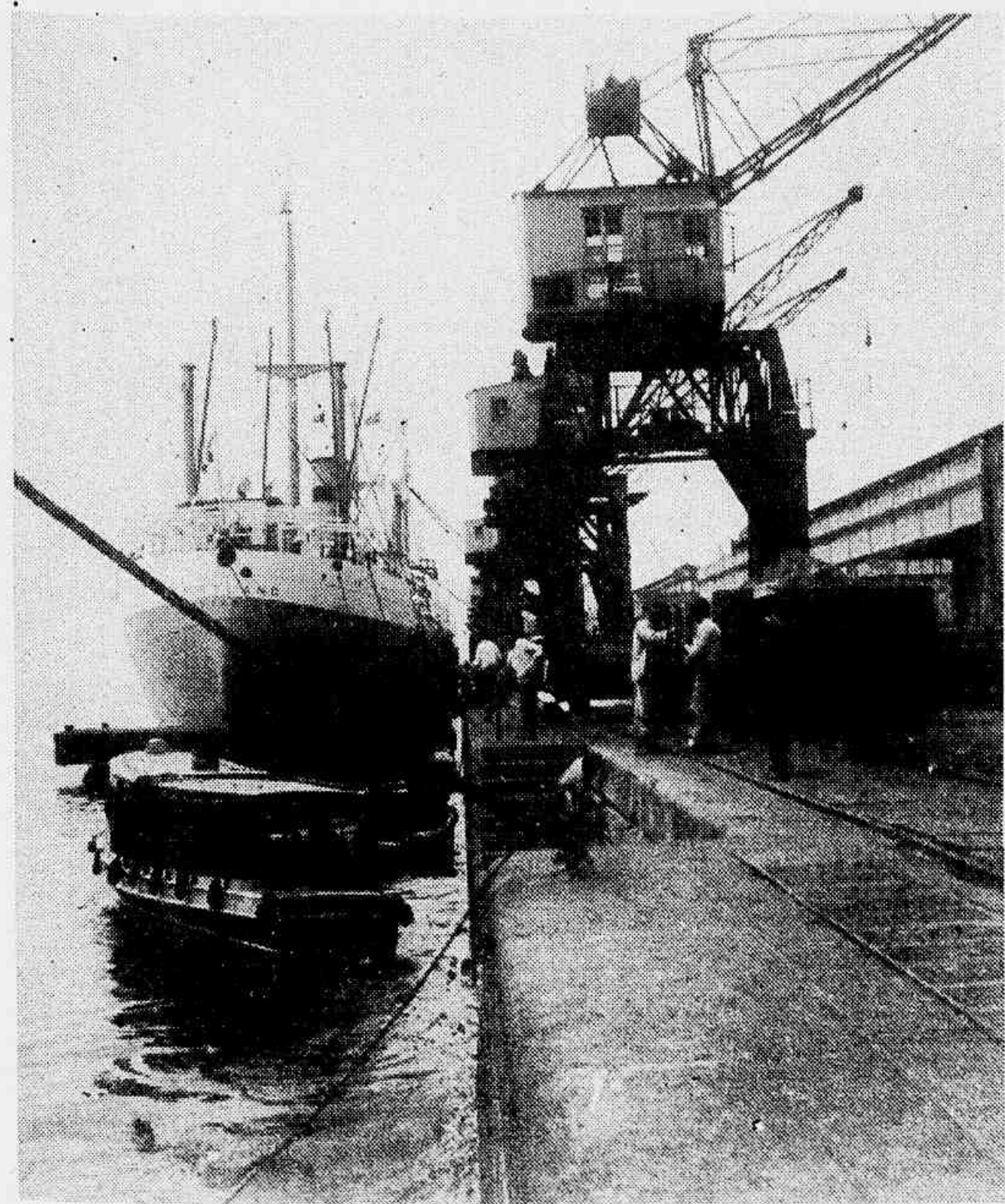
ter, que após a visita prosseguiu na palestra com o dr. César Garcez:

— Como o sr. consegue policiar o cais do porto com apenas 67 homens?

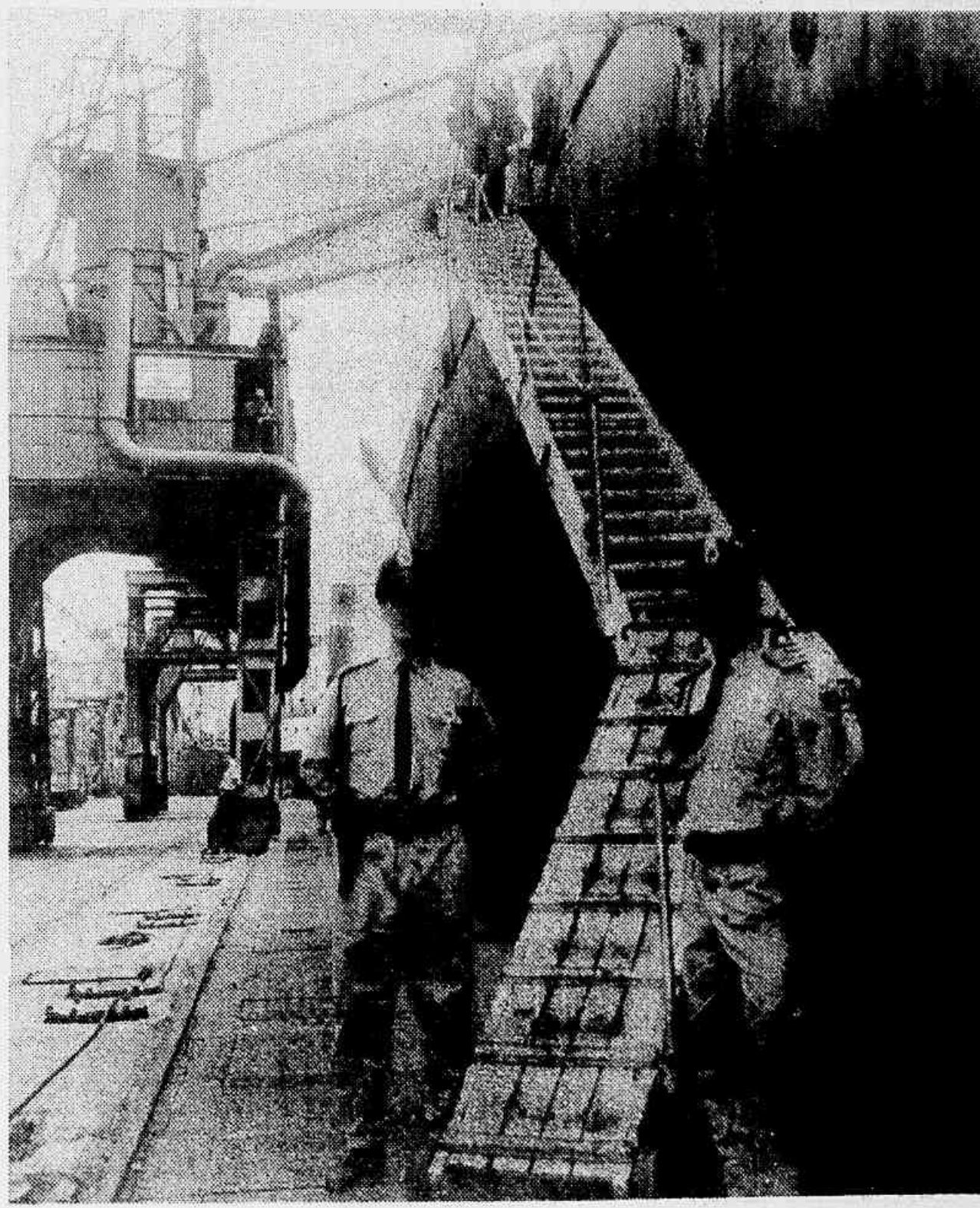
— Cada navio é policiado por 8 homens. Assim sendo, meus rapazes trabalham às vezes 24 horas por dia.

— E ao que deve, com o policiamento deficiente, o sucesso do mesmo?

— Bem, o policiamento não é deficiente, mas é precário, ou melhor, resente-se da falta de



Um aspecto do cais do porto do Rio, para cuja ordem colabora a chamada Polícia do Porto. Graças as duas corporações é difícil haver algo no cais.



Todo navio de passageiro que chega ocupa 8 policiais, dos quais, 2 ficam às escadas, a fim de evitar o contrabando e entrada de suspeitos a bordo.



UMA HISTÓRIA que terminou na Praça Mauá: Esses dois jovens rumenos, há vários anos atrás decidiram empreender uma aventura. Iam sair pelo mundo a cata de um El Dorado. Seus amigos falaram de certo país de índios ferozes e despolicado, onde qualquer um enriquecia facilmente. Além disso as mulheres adoravam os estrangeiros brancos porque não havia gente clara por aqui... E os dois rapazes trataram de aprender um dos «dialetos» que se falava nestas paragens: o português. Começou, então, a grande aventura: embarcaram como clandestinos num navio dinamarquês, viram o Pão de Açúcar e estranharam os arranha-céus... Até então, tudo bem. Eis porém que chegaram ao navio uns homens fardados. Era a Polícia Marítima, homens brancos e fortes e até de revólver. Capítulo final: foram presos e recolhidos a um xadrez da Polícia Marítima e Aérea, que fica na Praça Mauá, justamente onde terminou a história.

pessoal. Quanto ao sucesso, estou certo de que o policiamento preventivo por nós adotado é a chave dos bons resultados obtidos até agora.

— Como procede a sua polícia em relação aos turistas, tal como no caso do Congresso Eucarístico?

— Simples, muito simples. Cada turista que chega recebe o livro de informações das mãos de nossos guardas, que ainda o orientam em como devem proceder no Rio de Janeiro, mostrando-lhes outrossim as páginas do livro com as informações sobre como deve proceder em relação à Divisão, como pode obter o visto em seu passaporte, e o mais que for necessário.

UM PÔRTO SANEADO

Terminada a palestra, recorremos às estatísticas, comprovando que o porto do Rio de Janeiro é um dos mais bem saneados do mundo, exceto no que concerne ao contrabando, o grande negócio dos guardas alfândegários. Por incrível que pareça, não é permitido aos guardas da Polícia Marítima a apreensão de contrabando, e no caso de surpreenderem alguém na prática desse delito, são obrigados a chamar a Alfândega para efetuar o flagrante e... dividir os lucros com a Fazenda Nacional.

Enquanto isso, a Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras, com salário fixo e sem comissão de espécie alguma, controla o registro de estrangeiros no território nacional, trabalho estafante e difícil sobretudo pelas dificuldades opostas pelos que entendem que a Polícia Marítima faz exigências excessivas, o que não é verdade. Senão vejamos: para tirar uma carteira modelo 19, o estrangeiro tem de pagar apenas Cr\$ 20,00 em selo de emigração e Cr\$ 1,50, de educação. Excedendo 8 dias após o desembarque, sem se registrar, paga o estrangeiro, por mês de atraso, no ato do registro, mais Cr\$ 20,00 também em selo de emigração. E para transformar o visto temporário em permanente, paga apenas Cr\$ 21,50 em selo. Não é realmente uma pechincha?

OS ARQUIVOS DA POLÍCIA MARÍTIMA conservam cuidadosamente cada caso dos milhares resolvidos pela bem organizada divisão.



REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1745, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 22, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 43 — Rio de Janeiro — 22-10-1955

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente..... Gratuliano Brito
Diretor-Comercial..... Ivan Guimarães
Diretor-Gerente..... Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade..... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores..... S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-9647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicarmos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



I. A.

Foi certa vez Berenice
Cheia de graça e meiguice
Bonita a mais não poder.
E agora, ei-la de volta
Num grande papel envolta
Em «É Preciso Viver».

O BEIJO DE "EL DIABLO"

● **RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR** — Skye Stan-dish, jovem e rica norte-americana, foi raptada por um estranho bandido, El Diablo, terror da republique-ta sul-americana de Mariposa, que a mantém em cus-tódia, e com quem terminou por se casar. Skye não chega a entender as estranhas atitudes de El Diablo, de quem busca inútilmente fugir.

Por BARBARA CARTLAND

Ilustração de RAMÓN

EL DIABLO ria e encolhia os ombros.
— O revólver está em suas mãos. O único trabalho agora é puxar o gatilho.
— Estou inclinado a poupar-lhe a vida, contanto que me dê a minha liberdade.
— Você tem certeza de que deseja mesmo deixar-me? A voz de El Diablo era quase um apêlo. E à medida em que falava, girava imperceptivelmente o corpo na direção da porta. Skye soltou um grito repentino, pois num movimento tão rápido quão inesperado, para o qual de modo algum estava ela preparada, El Diablo virara a mesa no chão, com grande ruído, e arremessara longe, com um safanão, a arma de sua trêmula mão. O barulho seco da pistola tombando ao solo ecoou no aposento. El Diablo tomou-a do chão, e então Skye sentiu os braços do vilão ao redor dos seus, enquanto suas bôcas se encontravam num beijo. El Diablo sorria, mas seus olhos eram como dois lumes acesos, quando juntou seus lábios aos dela, silenciando seus protestos num beijo cáldo e apaixonado.
Os primeiros raios de sol do dia que ia em breve começar filtravam-se, brilhantes e dourados, pela janela acortinada do quarto de Skye. A moça arredou sua cadeira da mesa.
— Devo ter parecido a seus olhos terrivelmente presunçosa naquele dia em que encontrei o homem enforcado — disse. Começo a entender muitas coisas que antes não poderia nunca ter compreendido. A maneira como o odiei foi algo que não se descreve por meio de vocábulos; contudo, no dia em que lhe apontei um revólver, quando tive a oportunidade de escapar-lhe, não pude puxar o gatilho. Tudo é para mim uma contradição para a qual não encontro explicação alguma.
El Diablo, próximo a ela, escutava-a atentamente. Súbito, ambos tiveram a atenção desviada para algumas pancadas na porta, ao mesmo tempo em que a voz de Juan, o capataz e mais fiel amigo de El Diablo, fazia-se ouvir:
— Aproximam-se três homens, señor. Usam uniforme e trazem uma bandeira branca.
— Quem são? perguntou Skye.
— Os homens de Alejo, respondeu incisivamente o bandido. Eu os esperava mais dia menos dia. Ontem, soube que uma embaixada me seria enviada.

● **«EU PROMETO»** — Que deverei fazer com você? dissê El Diablo, ao mesmo tempo olhando carinhosamente para Skye. Esses homens deverão vir até cá. Não há nenhum outro lugar onde eu os possa receber. Deverei acaso passar-lhe uma corda no pescoço e suspendê-la também de uma árvore?...

— Não! Não! gritou Skye. Prometo ficar em meus aposentos, sem soltar um pio, sob palavra de honra.

El Diablo olhou-a de cima para baixo, nos seus olhos límpidos, reparou em seus lábios vermelhos e atraentes, e vagarosamente aquiesceu com a cabeça:

— Eu acredito em você.

Skye imediatamente passou para seu quarto, ali ficando tal como havia prometido. Contudo, afastando suavemente o reposteiro que dividia seu quarto da sala aonde há pouco estivera, podia facilmente entrever as cenas que ali se desenrolavam. Viu, por exemplo, os vultos dos três homens nitidamente recortados contra a parede do fundo, de pé, em frente a El Diablo. O chefe de todos pigarreou:

— Permite que me apresente? Sou o coronel Don Pelayo, e fui incumbido por El Supremo de procurá-lo, a fim de lhe trazer uma notícia sumamente importante. El Supremo acha que é chegado o momento de se colocarem de lado as disputas que até aqui têm ambos mantido, para salvaguardar unicamente os interesses comuns. As finanças do país não permitirão que continue o presente estado de coisas. E' preciso que se faça um compromisso. El Supremo, pois, acha que o senhor e êle deverão encontrar-se amanhã, no Palácio. E mandou-me aqui especialmente para convidá-lo.

— E que garantias ser-me-ão dadas, para que eu possa voltar são e salvo em companhia de meus homens?

— O senhor poderá vir com quantos homens desejar. Señor, e a todos será garantida a volta em liberdade.

— Aceito, exclamou El Diablo, após alguns instantes de reflexão.

Observou os três soldados partirem, sem se mover, até que as três sombras desapareceram por trás de uma cocheira, ao longe, no caminho. Então, ao virar-se, deparou com Skye, que de sua porta, no quarto, observava-o com interesse.

— Por favor, leve-me com você, pediu com voz zsumida. Por favor!

● **UMA DESCOBERTA** — Creio que deva consentir, aquiesceu El Diablo. Mas agora, terei muitas coisas a resolver. Você permanecerá aqui. Está compreendido?

— Se amanhã eu puder ir com você, farei hoje tudo o que me disser — respondeu Skye.

Fazia calor, e Skye súbitamente sentiu-se cansada. O resto da tarde, deliberou passar em repouso, no leito. Ao tirar a combinação de seda que usava, um alfinete, com o qual prendera uma das alças, feriu-lhe o braço, fazendo-o sangrar. Claro que não era nada de sério — apenas um arranhão comum — mas Skye achou que seria de bom alvitre passar um pouco de iodo na ferida, após ter primeiro limpado o local atingido, de onde escorria um filete de sangue, com um lenço embebido em água. Assim, foi até à sala de estar, que servia também de escritório



a El Diablo, onde, estava certa, encontraria, aquilo que buscava. Estava procurando o iodo, quase desistindo, em vista da dificuldade em localizá-lo, quando reparou, na pequenina mesa onde o bandido costumava por vezes escrever, uma gaveta habilmente escondida. Abriu-a ágilmente. Decerto conteria documentos e papéis importantes, pensou ela. Então, no meio de toda a papelada, ela enxergou um passaporte britânico, ou ao menos aquilo que lhe parecia ser um passaporte inglês. E de fato, era! Abriu-o com rapidez. A fotografia de El Diablo apareceu na primeira página. Sim, era a fotografia do vilão, não havia nenhuma dúvida, mas o nome que a encimava não era aquele, e sim um nome britânico, Guy Tremayne!

● **VINGANÇA** — Skye percebeu afinal que seria impossível subornar qualquer um dos homens que já estivessem havia muitos anos com El Diablo. Contudo, um dos índios que trabalhavam como seu criado particular adoeceu, e seu lugar fora ocupado, temporariamente, por um homem ainda moço. Não foi difícil conquistá-lo, com alguns dólares furtivamente metidos em sua mão.

— Você leva um recado até meu iate, em Jacara? perguntou.

Convertida em pesos, o dinheiro que Skye lhe havia dado representava uma pequena fortuna para o pobre índio, um pecúlio que o tiraria definitivamente da miséria.

— Não se recuse, por favor, pediu Skye.

— Irei, señora, irei...

A moça suspirou aliviada.

● **MÉDO** — Sua mão contraiu-se com incrível rapidez, fazendo com que desaparecessem as poucas notas que Skye lhe oferecera havia pouco. Todo esse tempo, a jovem fiscalizava a entrada de seu quarto, onde a qualquer momento a figura alta e imponente de El Diablo poderia assomar. E sabe Deus o que não faria ele, se viesse a descobrir todo o seu plano. Certamente que não teria contemplação de espécie alguma. O bandido tinha por hábito vir desejar-lhe sempre boa noite,

quando encerrava sua longa inspeção pelo acampamento a fora, e ela sabia que, desde o momento em que a cortina se cerrasse por trás dele, no momento em que se despedisse, não mais seria perturbada até à madrugada seguinte. Porque portar-se-ia ele assim? Skye não tinha a menor idéia a respeito. Todas as tardes El Diablo a beijava, abraçava-a ternamente, sussurrando-lhe palavras de um apaixonado ao ouvido. Fazia tudo, parecia a Skye, para demonstrar-lhe afeto, exceto torná-la sua esposa, em toda a extensão da palavra.

● **A FUGITIVA** — Skye teria pensado estar sonhando de olhos abertos. O dia inteiro, e quase toda a noite, pensara em como poderia escapar ao jugo de El Diablo. Suas idéias borbulhavam, e acabavam por esbarrar em alguma coisa que impossibilitava a realização do plano. Se ao menos se realizasse esse último sonho!

A jovem foi obrigada a interromper seus pensamentos. El Diablo aproximava-se. Suas passadas ligeiras podiam ser ouvidas sobre o corredor. O vilão entrou no quarto como uma avalanche, parecendo enchê-lo totalmente com a largura fora do comum, de seus músculos ombros. Encheu um copo de vinho, que esvaziou de um trago.

— Estou aborrecido, resmungou.

— Por que? perguntou Skye distraidamente.

— O ditador de Mariposa, Alejo, fará uma diligência nos próximos dias, e então descobrirá o grande segredo.

— Que segredo?

— O segredo que aqui, entre essas paredes, está contido.

El Diablo fez um gesto largo, apontando ao redor, o indicador sobre a cabeça.

— O ouro e as minas de diamante?

— Mais, muito mais ainda. Uranita — de que se extrai uranium. Há de conduzir forçosamente o país a uma guerra civil — e eu daria a vida para impedir essa luta de irmão contra irmão, de pai contra pai!

Skye ficou admirada com a veemência de El Diablo.

(Cont. no próximo número)



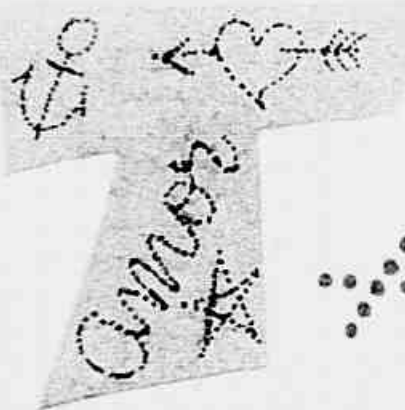
FORTUNA

(humorista epidérmico)

APRESENTA



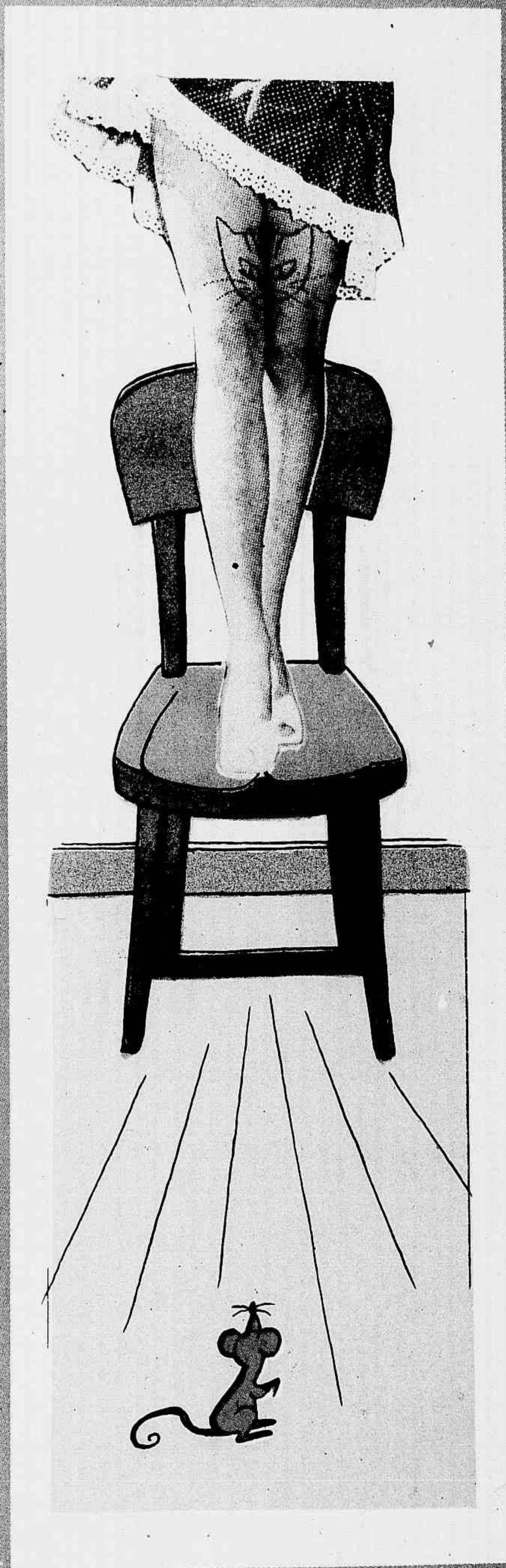
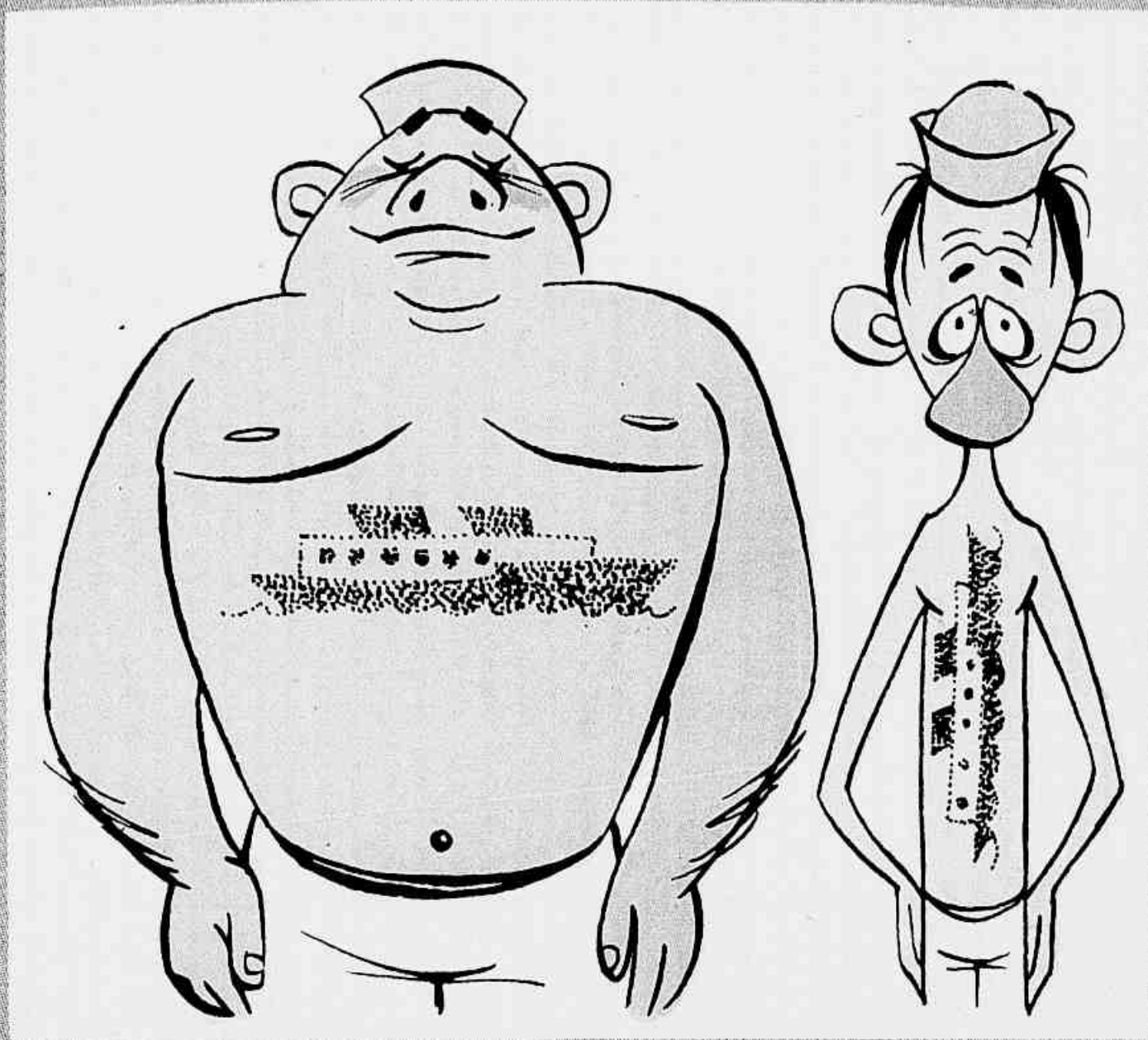
S



ATUADOS



— Venha a seguinte.



— Entre nós está tudo acabado !



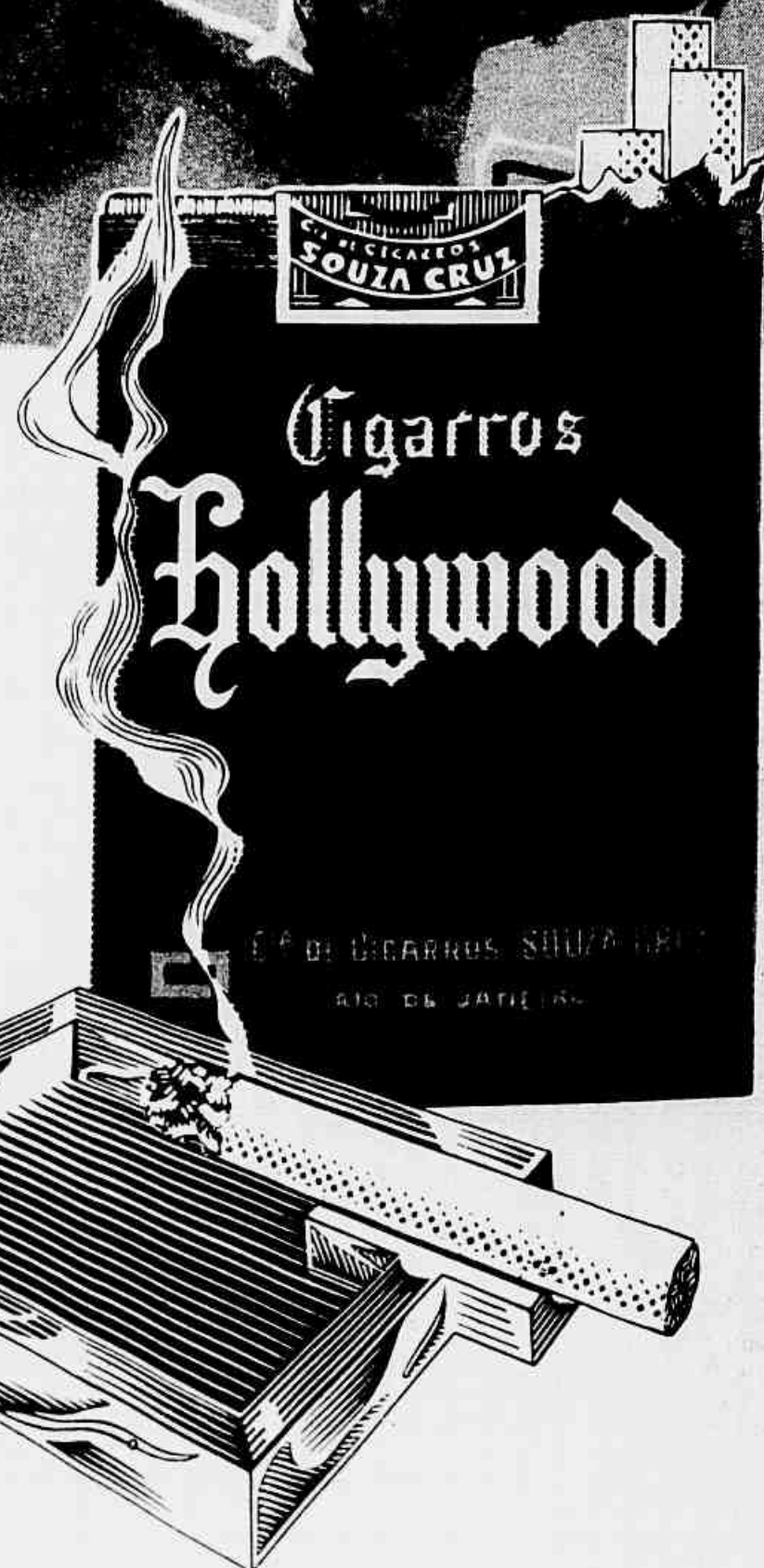
Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

A